



**Arthur C. Clarke**

**3001:  
A ODISSÉIA FINAL**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



# Prólogo : Os Primogênitos

Vamos chamá-los de Primogênitos. Embora não fossem nem remotamente humanos, eram de carne e osso e, quando fitavam as profundezas do espaço, sentiam reverência e assombro — assim como solidão. Tão logo lhes foi possível, começaram a procurar companhia entre as estrelas.

Em suas explorações, depararam com a vida sob muitas formas e observaram o funcionamento da evolução em mil mundos. Viram com que freqüência os primeiros e tênues lampejos de inteligência cintilavam e morriam na noite cósmica.

E como, em toda a Galáxia, não descobriram nada mais precioso do que a Mente, incentivaram seu alvorecer por toda parte. Tornaram-se lavradores nos campos de estrelas; semearam e, vez por outra, colheram.

E ocasionalmente, de um modo desapaixonado, tiveram de ceifar as ervas daninhas.

Fazia muito tempo que os grandes dinossauros haviam desaparecido, com sua promessa de futuro aniquilada por uma martelada aleatória vinda do espaço, quando a nave de inspeção penetrou no Sistema Solar, após uma viagem que já durava mil anos. Ela passou velozmente pelos planetas externos congelados, fez uma breve pausa acima dos desertos de Marte agonizante e, por fim, olhou a Terra lá embaixo.

Estendendo-se abaixo deles, os exploradores viram um mundo fervilhante de vida. Durante anos, estudaram, coletaram, catalogaram. Depois de aprenderem tudo o que podiam, começaram a fazer mudanças. Brincaram com o destino de muitas espécies, na terra e nos mares. Mas qual de seus experimentos daria frutos, isso eles só saberiam dentro de um milênio.

Eles eram pacientes, mas ainda não imortais. Havia muito que fazer naquele universo de um bilhão de sóis e outros mundos os chamavam. Assim, partiram mais uma vez para o abismo, sabendo que nunca mais tornariam a passar por ali. Nem era preciso: os criados que eles tinham deixado se encarregariam do resto.

Na Terra, as glaciações vieram e se foram, enquanto, pairando acima delas, a Lua imutável continuava a guardar seu segredo vindo das estrelas. Num ritmo ainda mais lento que o do gelo polar, as marés de civilização subiram e fluíram por toda a Galáxia. Impérios estranhos, belos e terríveis tiveram sua ascensão e queda e transmitiram seu saber a seus sucessores.

E agora, lá em meio às estrelas, a evolução rumava para novas conquistas. Fazia muito que os primeiros exploradores da Terra haviam atingido os limites da carne e osso; tão logo suas máquinas ficaram melhores do que seus corpos, chegou a hora de mudar. Primeiro transferiram seus cérebros, e depois apenas seus pensamentos, para novas e reluzentes moradias de metal e pedras preciosas. Nestas percorreram a Galáxia. Já não construíam naves espaciais. Eles eram as naves espaciais.

Mas a era das Entidades Mecânicas passou depressa. Em sua experimentação incessante, eles haviam aprendido a armazenar conhecimentos na estrutura do próprio espaço e a preservar suas idéias por toda a eternidade em arranjos de luz congelados.

Em pura energia, portanto, acabaram se transformando; e em milhares de mundos, as conchas vazias que eles haviam descartado contorceram-se por algum tempo, numa negligente dança da morte, até se desfazerem em pó.

Agora, eles eram os Senhores da Galáxia e podiam vaguear à vontade por entre as estrelas, ou mergulhar qual bruma sutil pelos próprios interstícios do espaço. Embora estivessem finalmente livres da tirania da matéria, não haviam esquecido por completo suas origens no limo tépido de um mar desaparecido. E seus instrumentos maravilhosos ainda continuavam a funcionar, vigiando os experimentos iniciados tantas eras antes.

Mas estes já nem sempre obedeciam às ordens de seus criadores; como todas as coisas materiais, não eram imunes à corrupção do Tempo e de sua serva paciente e insone, a Entropia.

E, vez por outra, descobriam e iam em busca de seus próprios objetivos.

# I. CIDADE ESTELAR

## 1. Laçador de Cometas

O Capitão Dimitri Chandler [M2973.04.21/93.106/Marte/ Acad.Espacial3005] — ou "Dim", para seus amigos realmente íntimos — estava aborrecido, o que era compreensível. A mensagem da Terra levava seis horas para chegar ao rebocador espacial Goliath, lá perto da órbita de Netuno; se houvesse chegado dez minutos depois, ele poderia ter respondido:

— Lamento, não posso partir agora, mal começamos a estender o protetor solar.

A desculpa teria sido perfeitamente válida: envolver o núcleo de um cometa numa lâmina de filme refletor de umas poucas moléculas de espessura, mas com quilômetros de comprimento, não era o tipo de trabalho que se pudesse deixar pela metade.

Mesmo assim, seria boa idéia obedecer àquele pedido ridículo: ele já não era muito apreciado lá pelos lados do Sol, mesmo que não fosse por culpa sua. Arrebanhar gelo dos anéis de Saturno e tangê-lo até Vênus e Mercúrio, onde ele era realmente necessário, era uma tarefa iniciada lá pelos idos de 2700

— três séculos atrás. O Capitão Chandler jamais conseguira ver nenhuma diferença real nas imagens de "antes e depois" que os Preservacionistas Solares estavam sempre exibindo, para corroborar suas acusações de vandalismo celeste. Mas a opinião pública, ainda sensível aos desastres ecológicos dos séculos anteriores, pensava de outra maneira, e o decreto "Tirem as mãos de Saturno!" fora aprovado por uma maioria substancial. Como resultado, Chandler já não era um Ladrão de Anéis, mas um Laçador de Cometas.

Portanto, ali estava ele, a uma fração apreciável da distância até Alpha Centauri, recolhendo as "reses" extraviadas do Cinturão de Kuiper. Por certo havia gelo suficiente ali para cobrir Mercúrio e Vênus com oceanos de quilômetros de profundidade, mas talvez levasse séculos para extinguir o fogo infernal daqueles planetas e torná-los adequados à vida. Os Preservacionistas Solares, é claro, continuavam a protestar contra isso, embora já sem muito entusiasmo. Os milhões de mortos do maremoto provocado pelo asteróide do Pacífico, em 2304 — que ironia considerar que um impacto terrestre teria causado muito menos danos! — tinham lembrado a todas as gerações futuras que a raça humana guardava ovos em demasia num único e frágil cesto.

Bem, pensou Chandler consigo mesmo, uns cinqüenta anos se passariam antes que este pacote específico chegasse a seu destino, de modo que um atraso de uma semana dificilmente faria grande diferença. Mas todos os cálculos sobre a rotação, o centro de massa e os vetores de empuxo teriam de ser refeitos e transmitidos a Marte pelo rádio para verificação. Era uma boa idéia fazer as contas com cuidado, antes de arrastar bilhões de toneladas de gelo por uma órbita que poderia levá-las a uma distância ínfima da Terra.

Como já haviam feito tantas vezes, os olhos do Capitão Chandler vagaram até a velha foto

sobre sua escrivania. Ela mostrava um navio a vapor com três mastros, reduzido às dimensões de um anão pelo iceberg que se erguia a seu lado — como era reduzida a Goliath, aliás, neste exato momento.

Que coisa incrível, pensara Chandler muitas vezes, que apenas o intervalo de uma vida cobrisse o abismo que separava aquela Discovery primitiva da nave que partira para Júpiter, levando esse mesmo nome! E que diriam aqueles antigos exploradores da Antártida da visão que se tinha de sua ponte de comando?

Com certeza teriam ficado perplexos, pois a muralha de gelo junto à qual flutuava a Goliath estendia-se acima e abaixo até onde a vista alcançava. E era um gelo de aparência estranha, ao qual faltavam por completo os brancos e azuis imaculados dos mares polares congelados. Na verdade, parecia sujo — o que, a rigor, era. Pois apenas noventa por cento eram gelo formado por água; o resto era uma espécie de poção de feiticeira, feita de compostos de carvão e enxofre, a maioria dos quais só se mantinha estável a temperaturas não muito superiores ao zero absoluto. Sua liquefação podia trazer surpresas desagradáveis: conforme o célebre comentário de um astroquímico, "os cometas têm mau hálito".

— Do comandante a toda a tripulação — anunciou Chandler. — Houve uma ligeira mudança de planos. Pediram-nos para retardar as operações, a fim de investigar um alvo captado pelo radar da Guarda Espacial.

— Algum detalhe? — perguntou alguém, quando diminuiu o coro de resmungos no intercomunicador da nave.

— Não muitos, mas acho que é outro projeto do Comitê do Milênio que esqueceram de cancelar.

Novos resmungos: todos estavam mais do que fartos daquela infinidade de eventos planejados para comemorar o fim do segundo milênio. Tinha havido um suspiro de alívio generalizado quando o dia 1o de janeiro de 3001 transcorreu sem maiores incidentes e a raça humana pôde retomar suas atividades normais.

— De qualquer modo, é provável que seja outro alarme falso, como foi o último. Estaremos de volta ao trabalho o mais depressa possível. Desligo.

Era a terceira caçada absurda, pensou Chandler, mal humorado, em que se envolvia em sua carreira. A despeito de séculos de exploração, o Sistema Solar ainda conseguia produzir surpresas, e era presumível que a Guarda Espacial tivesse uma boa razão para seu pedido. Só esperava que nenhum idiota imaginativo tivesse avistado mais uma vez o Asteróide Dourado da lenda. Se este existisse — coisa em que Chandler não acreditava nem por um minuto — não seria mais do que uma curiosidade mineralógica: teria muito menos valor real do que o gelo que ele estava comboiando em direção ao Sol para levar vida a mundos estéreis.

Havia uma possibilidade, porém, que ele levava muito a sério. A raça humana já havia espalhado suas sondas robotizadas por uma vastidão de espaço correspondente a quatrocentos anos-luz — e o Monolito de Tycho era um lembrete suficiente de que civilizações muito mais antigas tinham-se dedicado a atividades similares. Era bem possível que houvesse outros artefatos alienígenas no Sistema Solar, ou em trânsito por ele. O Capitão Chandler suspeitava que a Guarda Espacial tivesse algo dessa ordem em mente; caso contrário, dificilmente teria desviado de sua missão um rebocador espacial, para mandá-lo à caça de um bip não identificado de radar.

Cinco horas depois, em sua busca, a Goliath detectou-lhe o eco numa faixa extrema; mesmo

levando em conta a distância, soava decepcionantemente pequeno. Entretanto, à medida que se tornava mais claro e mais intenso, começou a apresentar o sinal característico de um objeto metálico de uns dois metros de comprimento, talvez. Descrevia uma órbita orientada para fora do Sistema Solar, donde era quase certo que se tratasse, concluiu Chandler, de um dos inúmeros pedaços de lixo espacial que a humanidade havia jogado nas estrelas durante o milênio anterior — e que um dia poderiam fornecer a única prova de que a raça humana havia um dia existido. E então, o objeto ficou próximo o bastante para permitir uma inspeção visual, e o Capitão Chandler se deu conta, com um espanto reverente, de que algum historiador paciente continuava a verificar os registros mais antigos da Era Espacial. Que pena que os computadores lhe tivessem dado a resposta com alguns anos de atraso para as comemorações do Milênio!

— Aqui Goliath — transmitiu Chandler para a Terra pelo rádio, com um toque de orgulho e solenidade na voz. — Estamos trazendo a bordo um astronauta de mil anos. E posso imaginar de quem se trata.

## 2. Despertar

Frank Poole acordou, mas não se lembrava de nada. Nem sequer estava certo de seu nome. Era óbvio que estava num quarto de hospital: embora ainda estivesse de olhos fechados, o mais primitivo e evocador de seus sentidos lhe dizia isso. Cada inspiração trazia aquele leve cheiro de anti-sépticos no ar, que não chegava a ser desagradável e desencadeava uma lembrança da ocasião em que — é claro! —, em sua adolescência meio inconseqüente, ele quebrara uma costela no Campeonato de Asa-Delta do Arizona.

Agora, tudo começava a retornar. Sou o Subcomandante Frank Poole, Oficial Executivo da USSS Discovery, em missão altamente sigilosa a Júpiter...

Foi como se uma gélida mão lhe apertasse o peito. Lembrou-se, numa reconstituição em câmera lenta, da cápsula espacial descontrolada, projetando-se em direção a ele, com suas garras metálicas estendidas. Depois, o impacto silencioso — e o nem tão silencioso sibilo do ar que escapava de seu traje espacial. Depois disso, uma última lembrança — seu rodopio desamparado no espaço, tentando em vão religar seu tubo de oxigênio rompido.

Bem, qualquer que tivesse sido o misterioso acidente ocorrido com os controles da cápsula espacial, agora ele estava seguro. Era presumível que Dave tivesse feito uma saída rápida e o houvesse resgatado, antes que a falta de oxigênio pudesse causar danos permanentes ao cérebro.

Meu bom e velho amigo Dave! — pensou ele. — Preciso agradecer-lhe... opa, espere aí! É óbvio que não estou a bordo da Discovery — e com certeza não terei estado inconsciente por tempo bastante para ser levado de volta à Terra!

O fio confuso de seu pensamento foi abruptamente interrompido pela chegada de uma enfermeira-chefe e duas auxiliares, trajando o uniforme imemorial de sua profissão. Pareceram meio surpresas: Poole se perguntou se teria acordado antes da hora, e essa idéia lhe deu um sentimento infantil de satisfação. — Olá! — disse, depois de várias tentativas; suas

cordas vocais pareciam estar um bocado enferrujadas. — Como estou indo?

A enfermeira-chefe retribuiu-lhe o sorriso e lhe deu uma ordem evidente de "Não tente falar", levando um dedo aos lábios. Depois, as duas auxiliares ocuparam-se rapidamente dele, com habilidade experiente, verificando-lhe o pulso, a temperatura e os reflexos. Quando uma delas lhe ergueu o braço direito e tornou a deixá-lo cair, Poole notou uma coisa peculiar. O braço caiu lentamente, não parecendo ter seu peso normal. Aliás, tampouco o tinha seu corpo, quando ele tentava movimentá-lo.

Portanto, devo estar em algum planeta, pensou. Ou numa estação espacial com gravidade artificial. Com certeza não é a Terra — não tenho peso suficiente.

Estava prestes a formular a pergunta óbvia, quando a enfermeira-chefe pressionou algo contra a parte lateral de seu pescoço e ele experimentou uma ligeira sensação de formigamento, tornando a mergulhar num sono sem sonhos. Pouco antes de ficar inconsciente, ainda teve tempo para mais um pensamento intrigado.

— Que estranho, elas não disseram uma só palavra durante todo o tempo em que estiveram comigo.

### 3. Reabilitação

Quando voltou a acordar e deparou com a enfermeira-chefe e as auxiliares ao redor de sua cama, Poole sentiu-se com forças suficientes para falar em tom assertivo.

— Onde estou? É claro que vocês podem me dizer isso! As três mulheres se entreolharam, obviamente inseguras quanto ao que fazer. Então a enfermeira-chefe respondeu, enunciando as palavras com muita lentidão e cuidado: — Está tudo bem, Sr. Poole. O Professor Anderson estará aqui num minuto... Ele lhe explicará.

Explicar o quê? — pensou Poole com certa exasperação. Mas, pelo menos ela fala inglês, embora eu não consiga situar a origem de seu sotaque...

Anderson já devia ter estado a caminho, pois a porta se abriu instantes depois, dando a Poole um rápido vislumbre de uma pequena multidão de observadores inquisitivos que o espiavam do lado de fora. Começou a se sentir como um novo animal em exposição num zoológico.

O Professor Anderson era um homem miúdo e ativo, cujas feições pareciam combinar traços característicos de diversas raças — chinês, polinésio, nórdico — de um modo totalmente perturbador. Cumprimentou Poole erguendo a palma da mão direita, depois, claramente, pensou melhor e lhe deu um aperto de mão, com uma hesitação tão curiosa que era como se estivesse praticando um gesto muito pouco familiar.

— Alegria-me ver que o senhor está com tão boa aparência, Sr. Poole... Vamos tirá-lo da cama num piscar de olhos.

De novo aquele sotaque estranho e a enunciação lenta — mas o estilo confiante junto ao leito era o de todos os médicos de todos os lugares e épocas.

— Fico contente em ouvir isso. Agora talvez o senhor possa me responder algumas perguntas...

— Claro, claro. Mas, só um minuto.



Anderson falou tão depressa e tão baixo com a enfermeira-chefe que Poole só conseguiu captar algumas palavras, várias das quais lhe eram totalmente desconhecidas. Depois, a enfermeira fez sinal com a cabeça para uma de suas auxiliares, que abriu um armário pequeno e dele retirou uma tira estreita de metal, colocando-a em torno da cabeça de Poole.

— Para que serve isso? — perguntou ele, como um daqueles pacientes difíceis, tão incômodos para os médicos, que estão sempre querendo saber exatamente o que lhes está acontecendo. — É para fazer um EEG?

O Professor, a enfermeira-chefe e as auxiliares pareceram igualmente perplexos. Então, um lento sorriso espalhou-se pelo rosto de Anderson.

— Ah, eletro... ence... falo... grama! — disse com vagar, como quem dragasse a palavra das profundezas da memória. — Tem toda razão. Queremos apenas monitorar suas funções cerebrais.

Meu cérebro funcionaria perfeitamente bem, se vocês me deixassem usá-lo, resmungou Poole em silêncio. Mas, pelo menos parecemos estar chegando a algum lugar — finalmente!

— Sr. Poole — disse Anderson, ainda falando naquele tom curiosamente estudado, como quem se aventurasse numa língua estrangeira — o senhor sabe, é claro, que foi... incapacitado... num grave acidente, quando trabalhava do lado de fora da Discovery.

Poole balançou a cabeça em sinal de assentimento.

— Estou começando a desconfiar — disse, secamente — que "incapacitado" é um ligeiro eufemismo.

Anderson relaxou visivelmente, enquanto seu rosto era iluminado por um lento sorriso.

— Tem toda razão. Diga-me o que acha que aconteceu.

— Bem, a melhor das hipóteses é que, depois de eu ter ficado inconsciente, Dave Bowman me resgatou e me trouxe de volta para a nave. Como está Dave? Ninguém me diz nada!

— Cada coisa em seu devido tempo... E a pior das hipóteses?

Frank Poole sentiu como se um vento gelado soprasse suavemente no dorso de seu pescoço. A desconfiança que se estivera formando pouco a pouco em sua cabeça começou a se cristalizar.

— E que eu morri, mas fui trazido de volta para cá, seja "aqui" o que for, e vocês conseguiram me ressuscitar. Obrigado...

— Correto. E que você estaria de volta à Terra. Bem, é muito próximo disso.

Que queria ele dizer com "muito próximo disso?" Sem dúvida havia aqui um campo gravitacional, de modo que era provável que ele estivesse no interior da roda de uma estação espacial orbital, em seu giro vagaroso. Não fazia diferença: havia algo muito mais importante em que pensar.

Poole fez alguns rápidos cálculos mentais. Se Dave o tinha colocado no hibernador, ressuscitado o resto da tripulação e concluído a missão a Júpiter, ora, era bem possível que ele houvesse estado "morto" por até cinco anos!

— Exatamente que dia é hoje? — perguntou, com a máxima calma possível.

O Professor e a enfermeira-chefe se entreolharam. Poole tornou a sentir aquele vento frio na nuca.

— Devo dizer-lhe, Sr. Poole, que Bowman não o resgatou. Ele acreditava, e não podemos censurá-lo por isso, que o senhor estava irreversivelmente morto. Além disso, estava enfrentando uma crise de desesperadora gravidade, que ameaçava sua própria sobrevivência.

— Assim — prosseguiu ele — o senhor vagou pelo espaço, atravessou o sistema de Júpiter e

tomou o rumo das estrelas. Felizmente, estava tão abaixo do ponto de congelamento que não havia nenhum metabolismo... mas é quase um milagre que tenha sido encontrado. O senhor é um dos mais afortunados homens que existem. Não, que já existiram em qualquer época!

Será que sou? — perguntou-se Poole sombriamente. Cinco anos, uma ova! Poderia ter sido um século, ou até mais.

— Conte-me tudo — pediu.

O Professor e a enfermeira-chefe pareciam estar consultando um monitor invisível: quando se entreolharam e fizeram um sinal de assentimento, Poole imaginou que estariam todos ligados ao circuito de informações do hospital, por sua vez ligado à tira que ele usava na cabeça.

— Frank — disse o Professor Anderson, transitando serenamente para o papel de velho médico da família — isso vai ser um grande choque, mas você é capaz de absorvê-lo... e, quanto mais depressa souber, melhor.

— Estamos próximos do início do Quarto Milênio — prosseguiu. — Creia-me, você saiu da Terra há quase mil anos. — Acredito no senhor — respondeu Poole, calmamente. E então, para seu grande aborrecimento, o quarto começou a girar à sua volta e ele não soube de mais nada.

Quando recobrou a consciência, descobriu que já não estava num frio quarto de hospital, mas numa suíte luxuosa, com imagens atraentes — e em constante mudança — nas paredes. Algumas eram de quadros famosos e conhecidos, outras mostravam paisagens terrestres e marítimas que poderiam ter sido de sua época. Não havia nada de estranho ou perturbador — isso, conjeturou ele, viria depois.

Era óbvio que o ambiente em que estava fora cuidadosamente preparado; Poole se indagou se existiria o equivalente a uma tela de televisão em algum lugar (quantos canais teria o Terceiro Milênio?), mas não viu sinal de nenhum controle perto de sua cama. Havia muita coisa que ele teria de aprender nesse novo mundo: era um selvagem que deparara subitamente com a civilização.

Primeiro, entretanto, tinha de recuperar suas forças — e aprender a língua; nem mesmo o advento das gravações sonoras, que já tinha mais de um século na época de seu nascimento, impedira alterações acentuadas na gramática e na pronúncia. E havia milhares de palavras novas, sobretudo nos campos da ciência e da tecnologia, ainda que, muitas vezes, ele conseguisse acertar os palpites sobre seu significado.

Mais frustrantes, contudo, eram as miríades de nomes próprios famosos e infames que se haviam acumulado ao longo daquele milênio, e que nada significavam para ele. Durante semanas, até que Poole construísse um banco de dados, a maioria de suas conversas teria de ser interrompida por resumos biográficos.

A medida que suas forças aumentaram, o mesmo se deu com o número de seus visitantes, embora sempre sob o olhar atento do Professor Anderson. Eles incluíam especialistas médicos, estudiosos de todas as disciplinas e — o que era de seu máximo interesse — comandantes de espaçonaves.

Havia pouca coisa que ele pudesse dizer aos médicos e historiadores que já não estivesse registrada em algum lugar dos gigantescos bancos de dados da humanidade, mas, com freqüência, Poole conseguia indicar-lhes atalhos e dar-lhes uma nova visão dos

acontecimentos de sua época. Embora todos o tratassem com extremo respeito e ouvissem pacientemente suas tentativas de responder às perguntas que faziam, pareciam relutantes em responder às que ele formulava. Poole começou a achar que estava sendo super protegido do choque cultural e, meio a sério, meio em tom de brincadeira, pôs-se a imaginar como poderia fugir de sua suíte. Nas poucas ocasiões em que ficava sozinho, não se surpreendia ao descobrir que a porta estava trancada.

E então, a chegada da Dra. Indra Wallace mudou tudo. Apesar do nome, seu principal componente racial parecia ser japonês, e havia momentos em que, com um pouquinho de imaginação, Poole conseguia representá-la mentalmente como uma gueixa. Dificilmente esta seria uma imagem apropriada para uma historiadora eminente, detentora de uma Cátedra Virtual numa universidade que ainda se gabava de dispor de hera de verdade. Ela foi a primeira visitante com um domínio fluente do inglês de Poole, de modo que foi um prazer conhecê-la.

— Sr. Poole — começou, em tom muito profissional — fui designada como sua guia oficial e, digamos, sua mentora. Minhas qualificações... especializei-me em sua época, e minha tese foi "O colapso do Estado-Nação, 2000-2050". Creio que podemos ajudar um ao outro de muitas maneiras.

— Estou certo que sim. Primeiro, gostaria que a senhora me tirasse daqui, para que eu possa ver um pouco de seu mundo.

— É exatamente o que pretendemos fazer. Mas, primeiro, temos que lhe dar uma Ident. Até lá, o senhor será... qual era o termo?... um indigente. Seria quase impossível ir a qualquer lugar ou mandar fazer qualquer coisa. Nenhum dispositivo de entrada reconheceria sua existência.

— É exatamente o eu esperava — respondeu Poole com um sorriso meio irônico. — As coisas estavam começando a ficar assim em minha época, e muita gente detestava a idéia.

— Alguns ainda detestam. Partem para viver nas florestas (há muitas mais na Terra do que havia em seu século!). Mas sempre levam seus compacs consigo, para poderem pedir socorro todas as vezes que enfrentam dificuldades. O intervalo médio é de uns cinco dias.

— Lamento ouvir isso. E evidente que a raça humana se deteriorou.

Poole a estava testando cautelosamente, procurando descobrir os limites de sua tolerância e fazer um mapa de sua personalidade. Era óbvio que os dois passariam muito tempo juntos e que ele teria de depender dela de centenas de maneiras. Mesmo assim, ainda não sabia ao certo se chegaria sequer a gostar de Indra: talvez ela o encarasse apenas como um fascinante objeto de museu.

Para sua grande surpresa, ela concordou com sua crítica.

— Talvez seja verdade... sob alguns aspectos. Talvez sejamos mais fracos, fisicamente, porém somos mais sadios e mais bem adaptados do que a maioria dos seres humanos que já viveram. O Selvagem Nobre sempre foi um mito.

Ela se dirigiu a uma pequena placa retangular, instalada na porta à altura dos olhos. Tinha aproximadamente o tamanho de uma das inúmeras revistas que haviam proliferado na distante Era do Impresso, e Poole havia reparado que todos os aposentos pareciam ter pelo menos uma delas. Em geral, ficavam em branco, mas às vezes exibiam linhas de texto que rolavam lentamente e que lhe eram totalmente sem sentido, mesmo quando a maioria das palavras lhe era familiar. Certa vez, uma placa de sua suíte havia emitido bips urgentes, os quais ele havia ignorado, presumindo que outra pessoa lidaria com o problema, fosse ele qual fosse.

Felizmente, o barulho havia parado tão abruptamente quanto começara.

A Dra. Wallace pôs a palma da mão sobre a placa e a retirou depois de alguns segundos. Olhou para Poole e disse, sorridente: — Venha dar uma olhada nisso.

A inscrição subitamente surgida fez bastante sentido, quando ele a leu vagarosamente:

WALLACE, INDRA [F2970.03.11/31.885//HIST. OXFORD]

— Suponho que signifique sexo feminino, data de nascimento 11 de março de 2970, e que a senhora está ligada ao Departamento de História de Oxford. E presumo que 31.885 seja um número de identificação pessoal. Certo?

— Excelente, Sr. Poole. Vi alguns de seus endereços de e-mail e números de cartões de crédito: fileiras pavorosas de um blá-blá-blá alfanumérico que ninguém tinha a menor possibilidade de lembrar! Mas todos sabemos qual é nossa data de nascimento, e não mais de outras 99.999 pessoas a compartilham. Assim, um número de cinco algarismos é tudo o que se faz necessário... e, mesmo que o sujeito o esqueça, isso não tem grande importância. Como vê, ele faz parte da pessoa.

— Implante?

— É... um nanochip no nascimento, um em cada palma, para fins de redundância. O senhor nem sentirá o seu quando for implantado. Mas criou-nos um probleminha...

— Qual?

— Os leitores que o senhor encontrará, na maioria dos casos, são simplórios demais para acreditar em sua data de nascimento. Assim, com sua permissão, nós a fizemos avançar mil anos.

— Permissão concedida. E o resto da Identidade?

— Opcional. O senhor pode deixá-la em branco, indicar seus interesses e sua localização atuais, ou usá-la para mensagens particulares, globais ou sigilosas.

Algumas coisas, Poole tinha certeza, não teriam mudado no correr dos séculos. Uma alta percentagem daquelas mensagens "sigilosas" seria realmente muito pessoal.

Ele se perguntou se ainda haveria censores autodesignados ou nomeados pelo Estado naquela era e lugar — e se seus esforços de aprimorar a moral das outras pessoas teriam mais sucesso do que em sua época.

Precisaria perguntar isso à Dra. Wallace, quando viesse a conhecê-la melhor.

## 4. Uma Sala com Vista

— Frank, o Professor Anderson acha que você já está suficientemente refeito para dar um pequeno passeio.

— Muito me alegra ouvir isso. Conhece a expressão "doido por movimento"?

— Não, mas posso imaginar o que significa.

Poole se adaptara tão bem à baixa gravidade que as largas passadas que dava pareciam-lhe perfeitamente normais. Meia gravidade, havia calculado — a conta certa para dar uma sensação de bem-estar. Os dois encontraram poucas pessoas pelo caminho, todas desconhecidas, mas todas deram um sorriso de reconhecimento. A esta altura, disse Poole a si

mesmo, com um toque de presunção, devo ser uma das celebridades mais conhecidas deste mundo. Isso deverá ser de grande ajuda... quando eu decidir o que fazer com o resto de minha vida. Pelo menos mais um século, se é que posso acreditar em Anderson...

O corredor por onde andavam era completamente desprovido de traços característicos, a não ser por ocasionais portas numeradas, cada qual com um dos painéis universais de identificação. Poole havia acompanhado Indra por uns duzentos metros, talvez, quando parou de repente, chocado por não haver percebido algo tão patentemente óbvio.

— Esta estação espacial deve ser imensa! — exclamou. Indra lhe deu um sorriso.

— Vocês não tinham uma expressão, "você ainda não viu coisa nenhuma"?

— "Nada" — corrigiu ele, distraído. Ainda estava tentando calcular a escala daquela estrutura, quando teve outra surpresa. Quem haveria de imaginar uma estação espacial suficientemente grande para abrigar um metrô — em miniatura, certo, e com apenas um pequeno vagão, capaz de acomodar uns doze passageiros, se tanto!

— Sala de Observação Três — ordenou Indra, e os dois se afastaram em silêncio e velozmente do terminal.

Poole viu a hora na sofisticada faixa que usava no pulso, cujas funções ainda estava explorando. Uma pequena surpresa fora constatar que o mundo inteiro adotava agora o Horário Universal: a confusa colcha de retalhos das fusos horários tinha sido eliminada pelo advento das comunicações globais. Também houvera muito falatório a esse respeito lá pelo Século XXI, e até se havia sugerido que o Horário Solar fosse substituído pelo Horário Sideral. Assim, no correr do ano, o Sol se deslocaria por todo o sentido horário, entrando no ocaso na hora em que se havia levantado seis meses antes.

Entretanto, essa proposta de "Tempo igual no Sol" não dera em nada — nem tampouco as tentativas mais radicais de reformar o calendário. Essa tarefa específica, tinha-se sugerido cinicamente, teria de esperar por avanços um pouquinho maiores da tecnologia. Um dia, com certeza, um dos pequenos erros de Deus seria corrigido e a órbita da Terra seria ajustada, dando a cada ano doze meses de trinta dias exatamente iguais...

Até onde Poole era capaz de julgar, pela velocidade e pelo tempo decorrido, eles deviam ter feito um trajeto de pelo menos três quilômetros quando o veículo fez uma parada silenciosa, as portas se abriram e uma voz suave entoou pelos alto-falantes: "Tenham uma boa vista. Trinta e cinco por cento nublado hoje."

Finalmente, pensou Poole, estamos chegando perto da parede externa. Mas ali estava outro mistério — apesar da distância percorrida, nem a força nem a direção da gravidade haviam-se alterado! Ele não conseguia imaginar uma estação espacial giratória tão imensa que o vetor g não se modificasse com um deslocamento como aquele... Seria possível que estivesse realmente em algum planeta, afinal? Só que ele se sentiria mais leve — em geral, muito mais leve — em qualquer outro mundo habitável do Sistema Solar. Quando a porta externa do terminal se abriu e Poole se descobriu entrando numa pequena câmara de compressão, percebeu que devia estar realmente no espaço. Mas, onde estavam os trajes espaciais? Olhou ao redor, ansioso: era contra todos os seus instintos estar tão perto do vácuo, nu e desprotegido. Uma experiência com aquilo tinha sido suficiente...

— Estamos quase chegando — disse Indra, em tom tranquilizador.

A última porta se abriu e ele se descobriu olhando para a profunda escuridão do espaço, através de uma imensa janela que se curvava nos planos vertical e horizontal. Sentiu-se como

um peixinho no aquário e esperou que os projetistas daquela audaciosa obra de engenharia soubessem exatamente o que estavam fazendo. Com certeza dispunham de materiais estruturais melhores do que os existentes em sua época.

Embora as estrelas devessem estar brilhando lá fora, seus olhos, adaptados à luz, não conseguiam enxergar nada senão a escuridão vazia, para além da curva da imensa janela. Quando começou a andar em direção a ela, para obter uma visão mais ampla, Indra o conteve e apontou para adiante:

— Olhe com cuidado — disse. — Não está vendo?

Poole piscou os olhos e fitou a noite. Certamente devia ser uma ilusão — até mesmo, Deus nos perdoe, uma fresta na janela!

Moveu a cabeça de um lado para outro. Não, aquilo era real. Mas, o que poderia ser? Lembrou-se da definição de Euclides: "Uma linha tem comprimento, mas não tem espessura."

E que, estendendo-se por toda a altura da janela, e obviamente prosseguindo para cima e para baixo até onde a vista não podia alcançar, havia um fio de luz muito fácil de enxergar, quando se procurava por ele, mas tão unidimensional que nem sequer se poderia empregar a palavra "fino" para qualificá-lo. Entretanto, não era completamente desprovido de características próprias: a intervalos irregulares, ao longo de sua extensão, havia pontos mal discerníveis de brilho mais intenso, como gotas d'água numa teia de aranha.

Poole continuou a andar em direção à janela e a vista se ampliou, até que ele finalmente pôde enxergar o que estava lá embaixo. Era bastante familiar: todo o continente europeu e boa parte da África setentrional, exatamente como ele os vira muitas vezes do espaço. Com que, então, ele estava em órbita, afinal — provavelmente, uma órbita equatorial, a uma altitude de pelo menos mil quilômetros.

Indra o fitava com um sorriso zombeteiro.

— Chegue mais perto da janela — disse-lhe em tom muito suave. — Para que possa olhar lá para baixo. Espero que tenha uma boa cabeça para suportar grandes alturas.

Que coisa tola para se dizer a um astronauta, pensou Poole consigo mesmo enquanto avançava. Se eu sofresse de vertigens, nunca poderia estar nesta profissão...

Mal lhe passara essa idéia pela cabeça quando ele exclamou — Deus do céu! — e, involuntariamente, recuou um passo da janela. Então, recompondo-se, atreveu-se a olhar mais uma vez.

Estava fitando o distante Mediterrâneo, lá embaixo, da fachada de uma torre cilíndrica cuja parede, com sua curvatura suave, indicava um diâmetro de vários quilômetros. Mas isso não era nada, comparado à sua extensão, pois ela afinava e ia descendo até sumir nas brumas em algum ponto acima da África. Poole deduziu que devia prosseguir até a superfície.

— A que altitude estamos? — indagou num sussurro.

— Dois mil quilômetros. Mas olhe para cima, agora. Dessa vez, o choque não foi tão grande: ele já esperava

pelo que veria. A torre se perdia nas alturas, até se transformar num fio reluzente a se destacar contra o negrume do espaço, e ele não teve dúvida de que subia até alcançar a órbita geoestacionária, 36.000 quilômetros acima do equador. Essas fantasias tinham sido muito conhecidas em sua época: ele jamais sonhara que as veria na realidade... e que estaria vivendo nela.

Apontou para o fio distante que subia do lado direito do horizonte.

— Aquela deve ser outra.

— Sim, a Torre Asiática. Devemos ter exatamente a mesma aparência para eles.

— Quantas são?

— Apenas quatro, igualmente distribuídas em torno do equador. África, Ásia, América e Pacífico. A última está quase vazia, tem só umas centenas de níveis concluídos. Nada para ver senão água...

Poole ainda estava assimilando aquele conceito estupendo, quando lhe ocorreu uma idéia perturbadora.

— Já havia em minha época milhares de satélites em toda sorte de altitudes. Como é que vocês evitam as colisões?

Indra pareceu ligeiramente embaraçada.

— Sabe, nunca pensei nisso... não é meu campo. — Fez uma pequena pausa, claramente vasculhando a memória. Então, seu rosto se iluminou.

— Creio que houve uma grande operação de limpeza há alguns séculos. Hoje não há satélites abaixo da órbita estacionária.

Fazia sentido, pensou Poole consigo mesmo. Eles já não seriam necessários: as quatro torres gigantescas poderiam oferecer todas as facilidades antes proporcionadas por milhares de satélites e estações espaciais.

— E nunca houve nenhum acidente, nenhuma colisão com espaçonaves saídas da Terra ou reingressando na atmosfera?

Indra o fitou com surpresa.

— Mas elas já não fazem isso. — Apontou para o teto: — Todos os portos espaciais estão onde deveriam estar: lá em cima, na parte externa do anel. Acho que já se vão uns quatrocentos anos desde que o último foguete decolou da superfície da Terra.

Poole ainda estava digerindo aquilo quando uma anomalia corriqueira chamou-lhe a atenção. Sua formação de astronauta o tornara atento a qualquer coisa fora do comum: no espaço, podia ser uma questão de vida ou morte.

O Sol estava fora do campo visual, bem lá no alto, mas seus raios, filtrando-se pela enorme janela, pintavam uma brilhante faixa de luz no piso. Cruzando essa faixa e formando um ângulo com ela, havia uma outra muito mais tênue, de modo que a armação da janela projetava uma sombra dupla. Poole quase teve de ficar de joelhos para conseguir olhar para a parte superior do céu. Julgava-se imune a surpresas, mas o espetáculo de dois sóis deixou-o momentaneamente sem fala.

— Que é aquilo? — perguntou, boquiaberto, quando recuperou o fôlego.

— Ah, não lhe disseram? É Lúcifer.

— A Terra tem outro sol?

— Bem, ele não nos fornece muito calor, mas deixou a Lua desempregada... Antes que a Segunda Missão fosse até lá à sua procura, aquele era o planeta Júpiter.

Eu sabia que teria muito que aprender neste novo mundo, disse Poole a si mesmo. Mas nunca imaginei quanto...

## 5. Instrução

Poole estava perplexo e encantado com o televisor que fora levado para seu quarto, numa mesa de rodinhas, junto ao pé da cama. Encantado porque vinha sofrendo de uma ligeira escassez de informações, e perplexo por se tratar de um modelo que já era obsoleto até mesmo em sua época.

— Tivemos de prometer ao Museu que vamos devolvê-la — informou-lhe a enfermeira-chefe.

— E espero que o senhor saiba como usá-la.

Enquanto mexia no controle remoto, Poole sentiu-se invadir por uma onda de aguda nostalgia. Como poucos outros artefatos conseguiriam fazer, a TV lhe trazia lembranças da infância e da época em que a maioria dos televisores era primitiva demais para compreender ordens faladas.

— Obrigado, enfermeira. Qual é o melhor canal de notícias?

Ela pareceu intrigada com a pergunta, mas em seguida sorriu.

— Ah! Entendo o que quer dizer. Mas o Professor Anderson acha que o senhor ainda não está realmente pronto.

Assim, o Departamento de Arquivos montou uma coleção que o fará sentir-se à vontade.

Poole se perguntou por um momento qual seria o meio de registro de dados na era atual. Ainda se lembrava dos CDs, e seu excêntrico e velho Tio George fora o orgulhoso proprietário de uma coleção de LPs da moda. Mas, com certeza, aquela disputa tecnológica teria acabado séculos atrás — da maneira darwiniana usual, com a sobrevivência do mais apto.

Teve de admitir que a seleção fora bem feita, por alguém (Indra?) familiarizado com o início do século XXI. Não havia nada de inquietante — nem guerras, nem violência, e pouquíssimo material referente aos negócios ou à política contemporâneos, que agora seriam sumamente irrelevantes. Havia comédias leves, eventos esportivos (como sabiam que ele tinha sido um ardoroso fã do tênis?), música clássica e popular e documentários sobre a vida selvagem.

E quem quer que houvesse preparado aquela coletânea devia ter um certo senso de humor, ou não teria incluído episódios de cada uma das séries do Jornada nas estrelas. Quando muito pequeno, Poole havia conhecido Patrick Stewart e Leonard Nimoy: ficou imaginando o que pensariam eles, se soubessem do destino do garoto que lhes pedira timidamente um autógrafo.

Ocorreu-lhe uma idéia deprimente, logo depois de começar a explorar — quase sempre usando o botão de avanço acelerado — aquelas relíquias do passado. Ele lera em algum lugar que, na virada do século — seu século! — havia cerca de cinqüenta mil estações de televisão transmitindo simultaneamente. Se aquela cifra se houvesse mantido (e era bem possível que tivesse aumentado), bilhões de horas de programas de TV teriam agora ido ao ar. Assim, até o crítico mais empedernido teria de admitir que, provavelmente, haveria pelo menos um bilhão de horas de programação às quais valia a pena assistir... e milhões que seriam aprovadas pelos mais altos padrões de excelência. Como encontrar essas poucas agulhas em tão gigantesco palheiro?

Era um pensamento tão esmagador — na verdade, tão desmoralizante — que, após uma semana de troca de canais cada vez mais aleatória, Poole pediu que o televisor fosse retirado. Talvez por sorte, ele dispunha de cada vez menos tempo para si mesmo durante as horas de vigília, que se iam tornando progressivamente mais longas à medida que suas forças voltavam.



Não havia nenhum risco de tédio, graças ao desfile contínuo não apenas de pesquisadores sérios, mas também de cidadãos inquisitivos — e influentes, ao que parecia — que conseguiam passar pelo crivo da guarda palaciana montada pela enfermeira-chefe e pelo Professor Anderson. Ainda assim, Poole ficou satisfeito quando, certo dia, o televisor reapareceu; estava começando a ter sintomas de retraimento — e, desta vez, resolveu ser mais seletivo naquilo a que assistia.

A venerável Antigüidade foi acompanhada por Indra Wallace, que exibia um largo sorriso. — Encontramos uma coisa que você tem de ver, Frank. Achamos que irá ajudá-lo a se adaptar; de qualquer modo, temos certeza de que vai gostar.

Na experiência de Poole, esse comentário era sempre uma receita garantida de tédio, de modo que ele se preparou para o pior. Mas a abertura prendeu-lhe imediatamente a atenção, levando-o de volta à sua antiga vida como poucas outras coisas poderiam fazer. Reconheceu de imediato uma das vozes mais famosas de sua época e se lembrou de ter assistido anteriormente àquele mesmo programa.

"Atlanta, 31 de dezembro de 2000..."

"Esta é a CNN Internacional, a cinco minutos do alvorecer do Novo Milênio, com todos os seus perigos e promessas desconhecidos..."

"Mas, antes de tentarmos explorar o futuro, voltemos os olhos para mil anos atrás e perguntemos a nós mesmos: — Poderia uma pessoa que vivesse no ano 1000 d.C. imaginar nosso mundo, ainda que remotamente, ou compreendê-lo, se fosse magicamente transportada para ele através dos séculos?"

"Quase toda a tecnologia que tomamos como um fato corriqueiro foi inventada já no finalzinho de nosso milênio, grande parte dela nos últimos duzentos anos. A máquina a vapor, a eletricidade, o telefone, o rádio, a televisão, o cinema, a aviação, a eletrônica e, no intervalo de apenas uma vida, a energia nuclear e as viagens espaciais: como os teriam entendido as mentes mais privilegiadas do passado? Por quanto tempo um Arquimedes ou um Leonardo teriam conservado a sanidade, se fossem subitamente jogados em nosso mundo?"

"É tentador pensar que nós nos sairíamos melhor se fôssemos transportados para mil anos à frente. Não há dúvida de que as descobertas científicas fundamentais já foram feitas; embora possa haver grandes aperfeiçoamentos na tecnologia, porventura haverá algum aparelho, alguma coisa tão mágica e incompreensível para nós quanto o seriam uma calculadora de bolso ou uma filmadora de vídeo para Isaac Newton?"

"Talvez nossa era esteja realmente separada de todas as que vieram antes. As telecomunicações, a possibilidade de gravar imagens e sons antes irremediavelmente perdidos, a conquista do ar e do espaço, tudo isso criou uma civilização que ultrapassa as mais desvairadas fantasias do passado. E, o que é igualmente importante, Copérnico, Newton, Darwin e Einstein mudaram a tal ponto nossa maneira de pensar e nossa visão do universo, que talvez parecêssemos quase uma nova espécie aos mais brilhantes dentre nossos predecessores.

"E será que nossos sucessores, a mil anos de agora, voltarão os olhos para nós com a mesma comiseração com que hoje fitamos nossos ancestrais ignorantes, supersticiosos, repletos de doenças e com uma vida tão curta? Acreditamos saber as respostas a perguntas que eles nem sequer eram capazes de formular, mas, que surpresas nos reserva o Terceiro Milênio?"

"Bem, aqui vem ele..."

Um grande sino começou a soar as badaladas da meia-noite. A última vibração ficou pulsando até silenciar...

"E lá foi ele... Adeus, maravilhoso e terrível Século XX..."

Então, a imagem se desfez numa infinidade de fragmentos e apareceu um novo comentarista, falando com o sotaque que Poole agora compreendia sem dificuldade e que o trouxe de imediato ao presente.

"Agora, nos primeiros minutos do ano de 3001, podemos responder a essa pergunta do passado..."

"Com certeza, as pessoas de 2001 que vocês acabaram de ver não se sentiriam tão extremamente aturdidas em nossa era quanto ficaria alguém de 1001 na delas. Muitos de nossos avanços tecnológicos ter-lhes-iam sido previsíveis; a rigor, elas esperariam cidades-satélites e colônias na Lua e nos planetas. Talvez ficassem até desapontadas por ainda não termos mandado sondas só até as estrelas mais próximas..."

Indra desligou bruscamente a gravação.

— Veja o resto depois, Frank; você está ficando cansado. Mas espero que isso o ajude a se adaptar.

— Obrigado, Indra. Terei de deixar isso para amanhã. Mas certamente provou uma coisa.

— O quê?

— Devo sentir-me grato por não ser alguém de 1001 jogado em 2001. Seria um salto quântico grande demais; não creio que alguém pudesse adaptar-se a ele. Eu, pelo menos, conheço a eletricidade e não vou morrer de susto se uma imagem começar a falar comigo.

Espero, pensou Poole, que essa confiança se justifique.

## 6. A Touca Cerebral

— Acho que você vai ter de tomar uma decisão angustiante — disse o Professor Anderson, com um sorriso que neutralizava a exagerada gravidade de suas palavras.

— Eu agüento, doutor. Só me diga claramente qual é.

— Para que possamos ajustar-lhe sua Touca Cerebral, você terá de ficar totalmente careca. Portanto, sua escolha é a seguinte: na velocidade em que seu cabelo cresce, você terá de raspá-lo pelo menos uma vez por mês. Ou pode optar por uma solução permanente.

— Como é isso?

— Tratamento do couro cabeludo com laser. Mata os folículos na raiz.

— Hum... e é reversível?

— E, mas é complicado e doloroso, e leva semanas.

— Nesse caso, vou ver como me sinto sem cabelos antes de me comprometer. Nunca me esqueço do que aconteceu com Sansão.

— Quem?

— Um personagem de um livro antigo e famoso. A namorada cortou-lhe o cabelo enquanto ele dormia. Quando acordou, ele tinha perdido toda a sua força.

— Agora me lembro... um simbolismo médico bastante óbvio!

— No entanto, eu não me incomodaria em perder a barba; seria ótimo parar de me barbear de uma vez por todas.

— Vou tomar as providências. E que tipo de peruca você gostaria de usar?

Poole riu.

— Não sou particularmente vaidoso... acho que isso seria uma chatice, e é provável que não me incomode. É mais uma coisa que posso resolver depois.

Que todas as pessoas desta época eram artificialmente carecas fora um fato, aliás surpreendente, que Poole havia demorado bastante a descobrir; a primeira revelação lhe viera quando suas duas enfermeiras tiraram suas tranças exuberantes, sem o menor sinal de embaraço, pouco antes de chegarem vários especialistas, igualmente calvos, para lhe aplicar uma série de testes microbiológicos. Ele nunca se vira cercado por tanta gente sem cabelos, e seu palpite inicial fora que aquilo era o mais recente avanço na interminável guerra da medicina contra os micróbios.

Como muitos de seus palpites, esse estava inteiramente errado, e, ao descobrir a verdadeira razão, ele se divertira imaginando com que frequência teria tido certeza de que os cabelos de seus visitantes não eram naturais, se não o soubesse de antemão: "Raramente, no caso dos homens, e nunca no das mulheres"; sem dúvida, essa era a idade áurea dos fabricantes de perucas.

O Professor Anderson não perdeu tempo; naquela tarde, as enfermeiras espalharam um creme de cheiro pavoroso na cabeça de Poole e, quando se olhou no espelho uma hora depois, ele não se reconheceu. Bem, pensou com seus botões, talvez uma peruca não fosse má idéia, afinal.

O ajuste da Touca Cerebral foi um pouco mais demorado. Primeiro era preciso fazer um molde, o que exigiu que Poole ficasse sentado por alguns minutos, imóvel, até o gesso endurecer. Ele já esperava que lhe dissessem que sua cabeça tinha a forma errada, ao ver suas enfermeiras, em meio a risinhos muito pouco profissionais, enfrentando dificuldades para lhe retirar o molde. — Ai! Isso dói! — havia reclamado.

Em seguida veio a touca craniana em si, um capacete metálico que se ajustava com perfeição quase até as orelhas e que lhe deu uma idéia nostálgica — "Ah, se meus amigos judeus me vissem agora!" Passados alguns minutos, a touca era tão cômoda que ele nem sequer notava sua presença.

Agora, estava pronto para a instalação — um processo que, como percebeu Poole com um sentimento semelhante ao assombro, constituía o Rito de Passagem de quase toda a raça humana, havia mais de meio milênio.

— Não é preciso fechar os olhos — disse o técnico, que fora apresentado com o pomposo título de "Engenheiro cerebral", quase sempre abreviado para "Homem do cérebro", na linguagem coloquial. — Quando começar a instalação, todas as suas entradas de dados serão controladas. Mesmo que esteja de olhos abertos, o senhor não verá nada.

Eu me pergunto se todos ficam nervosos assim, pensou Poole consigo mesmo. Será este o último momento em que terei o controle de minha mente? No entanto, aprendi a confiar na tecnologia desta época; até agora, ela não me decepcionou. É claro que, como diz o velho ditado, há sempre uma primeira vez...

Como lhe haviam prometido, não sentiu nada, a não ser ligeiras cócegas enquanto as miríades

de nanofios penetravam em seu couro cabeludo. Todos os seus sentidos continuavam perfeitamente normais; quando ele vasculhou o quarto conhecido, tudo estava exatamente nos devidos lugares.

O Homem do Cérebro — que usava uma Touca Cerebral que se ligava, como a de Poole, a um equipamento que se poderia facilmente confundir com um computador portátil do século XX — dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Pronto?

Havia momentos em que os velhos clichês eram a melhor coisa.

— Pronto como nunca — respondeu.

Aos poucos, a luz foi esmaecendo — ou assim lhe pareceu. Houve um grande silêncio e até a suave gravidade da Torre perdeu o poder sobre ele. Poole era um embrião flutuando num vazio sem feições, embora não na completa escuridão. Só uma vez na vida ele conhecera uma tenebrosidade assim, mal discernível e quase ultravioleta, bem na boca da noite: ao descer mais do que o recomendável pela face de um perfeito abismo, na borda externa da Grande Barreira de Recifes. Olhando para as centenas de metros de vazio cristalino lá embaixo, ele experimentara um tal senso de desorientação que tivera um breve momento de pânico, e por pouco não havia acionado sua unidade flutuadora antes de recuperar o controle. Nem é preciso dizer que nunca mencionara esse incidente aos médicos da Agência Espacial...

De uma grande distância, uma voz fez-se ouvir no imenso vazio que agora parecia cercá-lo. Mas não chegou a ele pelos ouvidos: soou mansamente nos labirintos ecoantes de seu cérebro.

— Iniciando a calibragem. De tempos em tempos lhe serão feitas perguntas; o senhor pode responder mentalmente, mas vocalizar talvez ajude. Está entendendo?

— Sim — respondeu Poole, indagando a si mesmo se seus lábios de fato se tinham movido. Não havia como saber.

Algo começou a aparecer no vazio: uma rede de linhas finas, como uma imensa folha de papel milimetrado. Estendia-se acima e abaixo, à direita e à esquerda, até os limites de sua visão. Poole experimentou mexer a cabeça, mas a imagem se recusou a se alterar.

Vários números começaram a cintilar pela rede, depressa demais para que os lesse — mas era provável que algum circuito os estivesse gravando. Poole não conseguiu evitar um sorriso (será que suas bochechas se mexeram?) ante a familiaridade daquilo tudo. Era exatamente como o exame oftalmológico por computador que qualquer oculista de sua época faria num paciente.

A grade desapareceu, sendo substituída por suaves páginas de cores que enchiam todo o campo visual. Em poucos segundos, elas cintilaram de um extremo do espectro ao outro. — Isso eu poderia ter-lhe dito — resmungou Poole, em silêncio. — Minha visão de cores é perfeita. A próxima será a audição, imagino.

Tinha toda razão. Um som tamborilante e tênue foi-se acelerando até se transformar no mais grave dó audível, e depois subiu pela escala musical até desaparecer para além da extensão auditiva dos seres humanos, entrando no território dos morcegos e golfinhos.

Esse foi o último dos testes simples e diretos. Poole foi brevemente dominado por odores e sabores, em sua maioria agradáveis, mas alguns muito ao contrário. E então, transformou-se ou pareceu transformar-se num fantoche preso a um fio invisível.

Viu que seu controle neuromuscular estava sendo testado e esperou que não houvesse manifestações externas; se existissem, ele provavelmente pareceria alguém na fase terminal da

doença de São Vito. E, por um momento, teve até uma violenta ereção, mas não conseguiu submetê-la ao teste da realidade antes de mergulhar num sono sem sonhos.

Ou teria apenas sonhado que dormira? Não tinha idéia de quanto tempo havia transcorrido quando acordou. O capacete já havia desaparecido, junto com o Homem do Cérebro e seu equipamento.

— Correu tudo bem — sorriu-lhe a enfermeira-chefe. — Vai levar algumas horas para verificar se não há nenhuma anomalia. Se seu resultado estiver K.O., quer dizer, O.K., o senhor terá sua Touca amanhã.

Poole apreciava os esforços das pessoas de seu círculo para aprender o inglês arcaico, mas não pôde impedir-se de desejar que a enfermeira-chefe não houvesse cometido aquele lamentável e nocauteante lapso de linguagem.

Quando chegou o momento do último ajuste, Poole quase voltou a se sentir como um menino prestes a desembulhar um maravilhoso brinquedo novo sob a árvore de Natal.

— O senhor não terá que passar por toda aquela calibragem de novo — garantiu-lhe o Homem do Cérebro. — O material começará a ser carregado imediatamente. Vou dar-lhe uma demonstração de cinco minutos. Relaxe e aproveite.

Poole foi inundado por uma música suave e tranqüilizadora; embora fosse muito conhecida, de sua própria época, não conseguiu identificá-la. Havia diante de seus olhos uma névoa, que se abria à medida que ele caminhava em direção a ela...

Sim, ele estava andando! A ilusão era sumamente convincente; conseguia sentir o impacto de seus pés no chão e, agora que a música havia parado, podia ouvir uma brisa leve soprando por entre as grandes árvores que pareciam cercá-lo. Reconheceu-as como sequóias da Califórnia e esperou que ainda existissem na realidade, em algum lugar da Terra.

Andava em ritmo célere — um pouco rápido demais, como se o tempo estivesse sendo ligeiramente acelerado para que ele pudesse cobrir o máximo de terreno possível. No entanto, não tinha consciência de nenhum esforço; era como se fosse um hóspede no corpo de outra pessoa. Essa sensação era acentuada pelo fato de que não tinha nenhum controle de seus movimentos. Quando tentava parar ou mudar de direção, nada acontecia. Estava andando de carona.

Não fazia mal; Poole estava gostando daquela experiência inédita — e sabia avaliar o quanto ela poderia tornar-se um vício. As "máquinas de sonhar", que tantos cientistas de seu século tinham previsto — amiúde com alarme — agora faziam parte da vida cotidiana. Ele se indagou como a humanidade conseguira sobreviver: tinham-lhe dito que grande parte não conseguira. Milhões tinham fundido o cérebro e perdido a vida.

Ele, é claro, estaria imune a essas tentações! Usaria esse instrumento maravilhoso para aprender mais sobre o mundo do Terceiro Milênio e adquirir em minutos novas habilidades que, de outro modo, levariam anos para ser dominadas. Bem, só de vez em quando, poderia usar a Touca Cerebral apenas para diversão...

Ele havia chegado aos limites da floresta e olhava para um rio largo. Sem hesitar, penetrou em suas águas e não ficou assustado quando elas ultrapassaram o nível de sua cabeça. Parecia meio estranho, é claro, que conseguisse continuar respirando naturalmente, mas ele achou muito mais notável o fato de poder enxergar com perfeição num meio em que a vista humana, sem o auxílio de equipamentos, não era capaz de focalizar os objetos. Conseguiu contar todas as escamas da truta magnífica que passou nadando ali por perto, aparentemente indiferente

àquele estranho intruso.

Uma sereia! Bem, sempre quisera conhecer uma delas, mas entendia que eram criaturas marinhas. Talvez, ocasionalmente, elas subissem a correnteza — para ter bebês, como os salmões? A sereia desapareceu antes que lhe fosse possível questioná-la, para que confirmasse ou refutasse essa teoria revolucionária.

O rio terminava numa parede translúcida; Poole a atravessou e saiu no meio de um deserto, sob um sol escaldante. O calor o queimava, com certo incômodo, mas ele pôde olhar diretamente para a fúria solar do meio-dia. Pôde até enxergar, com clareza incomum, um arquipélago de manchas solares perto de uma das ramificações. E — mas isso certamente era impossível! — havia a glória tênue da corola, invisível a não ser nos eclipses totais, estendendo-se como as asas de um cisne em volta do Sol.

Tudo se desvaneceu na escuridão; a música repetitiva voltou e, com ela, o abençoado frescor de seu quarto já familiar. Poole abriu os olhos (teriam mesmo estado fechados?) e deparou com uma platéia expectante, aguardando sua reação.

— Maravilhoso! — deixou escapar, quase com reverência. — Uma parte parecia... bem, mais real do que a realidade!

Então, sua curiosidade de engenheiro, que nunca ficava longe da superfície, começou a espicaçá-lo.

— Mesmo essa demonstração curta deve ter contido um imenso volume de informações. Como são armazenadas? — perguntou.

— Nestas pastilhas, as mesmas usadas por seu sistema audiovisual, só que com uma capacidade muito maior.

O Homem do Cérebro entregou a Poole um quadradinho feito aparentemente de vidro e prateado numa das superfícies; tinha quase o mesmo tamanho dos disquetes de computador de sua juventude, porém o dobro da espessura. Quando o inclinou de um lado para o outro, tentando enxergar o que havia em seu interior transparente, houve uns lampejos ocasionais, de coloração semelhante à do arco-íris, mas foi só.

Poole se deu conta de estar segurando o produto final de mais de mil anos de tecnologia eletro-óptica — e de outras tecnologias não nascidas em sua época. E não era de surpreender que, à primeira vista, o dispositivo se assemelhasse de perto aos que ele tinha conhecido. Havia um formato e um tamanho convenientes para a maioria dos objetos comuns do cotidiano — garfos e facas, livros, ferramentas manuais, móveis — e para a memória removível dos computadores.

— Qual é a capacidade dela? — indagou. — No meu tempo, chegávamos a um terabyte numa coisa desse tamanho. Tenho certeza de que vocês devem ter-se saído muito melhor.

— Não tanto quanto o senhor poderia imaginar; há um limite, é claro, determinado pela estrutura da matéria. A propósito, que era um terabyte? Acho que me esqueci.

— Que vergonha! Kilo, mega, giga, tera... são 1012 bytes. Depois veio o petabyte, 1015... foi o máximo a que chegamos.

— É mais ou menos onde começamos. Isso basta para registrar tudo o que uma pessoa possa experimentar durante a vida.

Era uma idéia espantosa, mas não deveria causar tanta surpresa. O quilo de gelatina no interior da caixa craniana humana não era muito maior do que o tablete que Poole tinha nas mãos, e não era possível que fosse um dispositivo igualmente eficiente de armazenagem —

tinha muitas outras coisas com que lidar.

— E não é só isso — prosseguiu o Homem do Cérebro. — Com um pouco de compactação dos dados, ele poderia armazenar não só as lembranças, mas a pessoa em si.

— E tornar a reproduzi-las?

— Claro; é um simples trabalho de nanomontagem. Foi o que ouvi dizer, pensou Poole, mas na verdade nunca acreditei.

Nos idos de seu século, já se considerava suficientemente esplêndido que o trabalho de um grande artista ao longo de uma vida inteira pudesse ser armazenado num único disquete. E agora, algo não muito maior poderia armazenar também o artista.

## 7. Relatório de Viagem

— Que bom saber — disse Poole — que o Smithsonian ainda existe, depois de todos esses séculos.

— Provavelmente você não o reconheceria — disse o visitante que se apresentara como o Dr. Alistair Kim, Diretor de Astronáutica. — Sobretudo porque agora ele está espalhado por todo o Sistema Solar; as principais coleções fora da Terra ficam em Marte e na Lua, e muitas das peças que nos pertencem legalmente ainda estão rumando para as estrelas. Estamos particularmente ansiosos por colocar as mãos no Pioneer 10, o primeiro objeto de fabricação humana a escapar do Sistema Solar.

— Acho que eu estava prestes a fazer isso quando me localizaram.

— Sorte sua... e nossa. Talvez você possa elucidar muitas coisas que não sabemos.

— Francamente, duvido, mas farei o melhor possível. Não me lembro de nada depois que aquela cápsula espacial desgovernada me atropelou. Embora eu ainda ache difícil acreditar nisso, disseram-me que Hal foi o responsável.

— É verdade, mas é uma história complicada. Tudo o que pudemos descobrir está nesta gravação: são cerca de vinte horas, mas é provável que você possa correr boa parte da fita no avanço acelerado.

— Você sabe, é claro — prosseguiu o Dr. Kim — que Dave Bowman saiu na cápsula nº 2 para resgatá-lo, mas ficou trancado do lado de fora da nave, porque Hal se recusou a abrir a porta de entrada das cápsulas.

— Por quê, em nome de Deus?

O Dr. Kim teve um leve estremecimento. Não era a primeira vez que Poole observava uma reação desse tipo.

(Tenho que vigiar minha linguagem, pensou. "Deus" parece ser um palavrão nesta cultura; preciso perguntar a Indra sobre isso.)

— Houve um grave erro de programação nas instruções de Hal; tinham-lhe confiado o controle de aspectos da missão dos quais você e Bowman não estavam cientes. Está tudo na gravação...

— Seja como for, ele também cortou os sistemas de suporte vital dos três hibernautas, a Tripulação Alfa, e Bowman ainda teve de ejetar seus cadáveres.

(Quer dizer que Dave e eu éramos a Tripulação Beta... mais uma coisa que eu não sabia...)

— Que aconteceu com eles? — perguntou Poole. — Não poderiam ter sido resgatados, como eu fui?

— Creio que não; examinamos essa hipótese, é claro. Bowman os ejetou várias horas depois de reassumir o controle de Hal, de modo que as órbitas deles eram ligeiramente diferentes da sua. O bastante para que se incendiassem em Júpiter, enquanto você passava ao largo e recebia um impulso da gravidade que, em mais alguns milhares de anos, o teria levado à Nebulosa de Órion...

— Fazendo tudo pelo controle manual, o que foi um desempenho realmente notável — continuou o Dr. Kim, — Bowman conseguiu colocar a Discovery em órbita ao redor de Júpiter. E ali encontrou o que a Segunda Expedição chamou de Irmão Mais Velho: um aparente gêmeo do Monolito de Tycho, só que centenas de vezes maior.

— E foi lá que o perdemos — concluiu o Dr. Kim. — Ele abandonou a Discovery na cápsula que restara e foi ao encontro do Irmão Mais Velho. Durante quase mil anos fomos perseguidos por sua última mensagem: "Por Teos, está cheio de estrelas!"

(Lá vem ele de novo! — pensou Poole consigo mesmo. Dave não pode ter dito isso... Deve ter sido "Meu Deus, está cheio de estrelas!")

— Ao que parece, a cápsula foi atraída pelo Monolito por alguma espécie de campo inercial, pois sobreviveu (juntamente com Bowman, presume-se) a uma aceleração que os teria esmagado instantaneamente. E essa foi a última informação de que dispôs qualquer pessoa até a missão conjunta dos E.U.A. com a Rússia, a Leonov.

— Que foi ao encontro da Discovery abandonada, para que o Dr. Chandra pudesse subir a bordo e reativar Hal. Sim, estou ciente disso.

O Dr. Kim pareceu ligeiramente embaraçado.

— Desculpe, eu não sabia ao certo quanto já lhe tinham dito. Enfim, foi então que começaram a acontecer coisas ainda mais estranhas. Ao que parece, a chegada da Leonov desencadeou alguma coisa no interior do Irmão Mais Velho. Se não tivéssemos estas gravações, ninguém acreditaria no que aconteceu. Deixe-me mostrar-lhe... Aqui está o Dr. Heywood Floyd, de sentinela no turno de meia-noite a bordo da Discovery, depois de restabelecida a energia. É claro que você reconhecerá tudo.

(Reconheço mesmo; e como é estranho ver Heywood Floyd, morto há tanto tempo, sentado em minha antiga cadeira, com o olho vermelho e fixo de Hal a examinar tudo o que a vista alcançava. E mais estranho ainda é pensar que Hal e eu compartilhamos a mesma experiência de ressurreição dos mortos...)

Havia uma mensagem entrando num dos monitores, e Floyd respondeu com preguiça: — O.K., Hal, quem está chamando?

SEM IDENTIFICAÇÃO.

Floyd pareceu levemente aborrecido.

— Muito bem, transmita-me a mensagem, por favor.

É PERIGOSO PERMANECER AQUI. VOCÊS DEVEM PARTIR DENTRO DE QUINZE DIAS.

— Isso é totalmente impossível. Nossa janela de lançamento só se abrirá dentro de 26 dias. Não temos propelente suficiente para antecipar a partida.

ESTOU CIENTE DESSES FATOS. MESMO ASSIM, VOCÊS DEVEM PARTIR EM



QUINZE DIAS.

— Não posso levar essa advertência a sério, a menos que conheça sua origem... quem está falando comigo?

FUI DAVID BOWMAN. É IMPORTANTE QUE VOCÊ ACREDITE EM MIM. OLHE PARA TRÁS.

Heywood Floyd voltou-se lentamente em sua cadeira giratória, afastando os olhos da profusão de painéis e controles do mostrador do computador e dirigindo-os para a passarela coberta de velcro que ficava às suas costas.

(— Observe isso atentamente — disse o Dr. Kim.

Como se alguém precisasse me dizer, pensou Poole.)

O ambiente de gravidade zero da ponte de observação da Discovery era muito mais poeirento do que ele se lembrava; Poole calculou que a aparelhagem de filtração de ar ainda não houvesse entrado em funcionamento. Os raios paralelos do Sol, distante mas luminoso, penetrando pelas grandes janelas, acendiam uma profusão de grãos de poeira dançantes, numa clássica exibição do movimento browniano.

Mas havia algo estranho acontecendo com aquelas partículas de pó; alguma força parecia as estar conduzindo, afastando-as em bloco de um ponto central mas atraindo outras para ele, até todas se reunirem na superfície de uma esfera oca. Essa esfera, com cerca de um metro de diâmetro, pairou no ar por um instante, como uma gigantesca bolha de sabão. Em seguida, alongou-se numa forma elipsoidal cuja superfície começou a se enruguar, formando dobras e reentrâncias. Poole não ficou realmente surpreso quando ela começou a assumir a forma de um homem.

Ele vira figuras semelhantes, sopradas no vidro, em museus e exposições científicas. Mas aquele fantasma poeirento nem sequer se aproximava da precisão anatômica; parecia uma tosca escultura de barro, ou uma das obras de arte primitiva encontradas nos recônditos das cavernas da Idade da Pedra. Só a cabeça era cuidadosamente moldada; e o rosto, sem a menor sombra de dúvida, era o do Comandante David Bowman.

OLÁ, DR. FLOYD. AGORA O SENHOR ACREDITA EM MIM.

Os lábios da figura não se moveram; Poole percebeu que a voz — sim, certamente a voz de Bowman — provinha, de fato, da grade do alto-falante.

ISTO É MUITO DIFÍCIL PARA MIM E DISPONHO DE POUCO TEMPO. FUI AUTORIZADO A FAZER ESTA ADVERTÊNCIA. VOCÊS TÊM APENAS QUINZE DIAS.

— Por quê, e o que é você?

Mas a figura fantasmagórica já ia desvanecendo, com seu envoltório granuloso começando a se decompor novamente nas partículas de poeira que o formavam.

ADEUS, DR. FLOYD. NÃO PODEMOS MANTER NOVOS CONTATOS. MAS TALVEZ HAJA MAIS UMA MENSAGEM, SE TUDO CORRER BEM.

Enquanto a imagem se dissolvia, Poole não pôde deixar de sorrir diante daquele velho chavão da Era Espacial, "se tudo correr bem". Quantas vezes ouvira enunciarem essa frase antes de uma missão!

O fantasma desapareceu; restaram apenas os grãos de poeira dançantes, que retomaram seus padrões aleatórios no ar. Empenhando sua força de vontade, Poole retornou ao presente.

— Bem, Comandante, que acha disso? — perguntou Kim. Poole ainda estava abalado, e vários segundos se passaram antes que conseguisse responder.

- O rosto e a voz eram de Bowman, eu poderia jurar. Mas, o que foi aquilo?
- É o que ainda estamos discutindo. Vamos chamá-lo de holograma, de projeção; naturalmente, há muitas maneiras pelas quais poderia ser forjado, se alguém quisesse fazê-lo... mas não naquelas circunstâncias! Além disso, é claro, temos o que aconteceu depois.
- Lúcifer?
- Sim. Graças àquela advertência, eles tiveram o tempo exato de sair dali antes que Júpiter explodisse.
- Portanto, fosse o que fosse, aquela coisa-Bowman era amistosa e estava tentando ajudar.
- E o que achamos. E não foi a última vez que apareceu. Talvez tenha sido responsável pela tal "mais uma mensagem", que nos advertiu a não tentarmos nenhum pouso em Europa.
- E nunca tentamos?
- Só uma vez, por acidente, quando a Galaxy foi seqüestrada e obrigada a descer lá, trinta e seis anos depois, e sua nave irmã, a Universe, teve de ir resgatá-la. Está tudo aí, com o pouco que nossos monitores robotizados nos disseram sobre os europeanos.
- Estou ansioso por vê-los.
- Eles são anfíbios e têm todas as formas e tamanhos. Assim que Lúcifer começou a derreter o gelo que cobria todo o seu mundo, começaram a emergir do mar. Desde então, desenvolveram-se numa velocidade que parece biologicamente impossível.
- Pelo que me lembro de Europa, não havia uma porção de rachaduras no gelo? Talvez eles já houvessem começado a engatinhar e a dar uma espiada em volta.
- Essa é uma teoria largamente aceita. Mas existe outra, muito mais especulativa. Talvez o Monolito esteja metido, de um modo que ainda não compreendemos. O que desencadeou essa linha de pensamento foi a descoberta do AMT-0 bem ali na Terra, quase quinhentos anos depois de sua época. Suponho que lhe tenham falado nisso, não é?
- Apenas vagamente... tem havido muitas coisas sobre as quais preciso me atualizar! Na verdade, achei o nome ridículo, já que não se tratava de uma anomalia magnética... e foi na África, não em Tycho!
- Você tem razão, é claro, mas o nome pegou. E, quanto mais aprendemos sobre os monolitos, mais o enigma se aprofunda. Especialmente considerando que eles ainda são a única prova real de uma tecnologia avançada fora da Terra.
- Isso me surpreendeu. Eu teria esperado que, a esta altura, já houvéssemos captado sinais de rádio de algum lugar. Os astrônomos começaram a pesquisar quando eu era menino!
- Bem, há um indício... e é tão apavorante que nem gostamos de falar no assunto. Você já ouviu falar de Nova Scorpio?
- Acho que não.
- As estrelas transformam-se em novas o tempo todo, é claro, e essa não foi particularmente impressionante. Mas, antes de sua explosão, era sabido que N. Scorpio tinha diversos planetas.
- Habitados?
- Não há nenhum meio de saber; as varreduras de rádio não tinham captado nada. E o pesadelo está nisso... Por sorte, a Patrulha de Novas, automática, captou o acontecimento logo no princípio. E ele não começou na estrela. Um dos planetas explodiu primeiro, e depois detonou seu sol.
- Santo De... desculpe, prossiga.

— Você já está entendendo. É impossível um planeta transformar-se em nova... exceto de uma maneira.

— Certa vez li uma piada horrorosa num romance de ficção científica: "As supernovas são acidentes industriais."

— Não era uma supernova, mas talvez isso não seja uma piada. A teoria mais aceita é a de que alguém mais vinha canalizando a energia do vácuo e perdeu o controle.

— Ou então, poderia ter sido uma guerra.

— O que é igualmente ruim; é provável que nunca venhamos a saber. Mas, como nossa civilização depende da mesma fonte de energia, você há de compreender porque N. Scorpio às vezes nos causa pesadelos.

— E nós, que só tínhamos de nos preocupar com reatores nucleares que derretiam!

— Não temos mais, graças a Teos. Mas eu realmente gostaria de lhe falar mais da descoberta do AMT-0, porque ela marcou um momento decisivo na história humana. Encontrar o AMT-1 na Lua foi um choque muito grande, mas, quinhentos anos depois, houve outro pior. E muito mais perto de casa, em todos os sentidos da palavra. Ali embaixo, na África.

## 8. Retorno a Olduvai

Os Leakeys, dizia muitas vezes a si mesmo o Dr. Stephen Del Marco, nunca teriam reconhecido esse lugar, embora fique a apenas uns doze quilômetros de onde Louis e Mary, cinco séculos atrás, escavaram nossos primeiros ancestrais. O aquecimento global e a Pequena Era Glacial (reduzida por milagres de heróica tecnologia) haviam transformado a paisagem e alterado por completo sua biota. Os carvalhos e pinheiros ainda continuavam lutando para ver qual deles sobreviveria às mudanças do destino climático.

E era difícil acreditar que, neste ano de 2513, restasse na garganta de Olduvai, na Tanzânia, alguma coisa que não tivesse sido escavada por antropólogos entusiasmados. No entanto, novas enchentes — que ninguém mais esperava — haviam reesculpido a área e retirado vários metros do solo da superfície. Del Marco havia aproveitado essa oportunidade: e ali, no limite de profundidade da sonda, estava algo em que ele não conseguia muito bem acreditar.

Fora preciso mais de um ano de escavação, lenta e cuidadosa, para chegar àquela imagem fantasmagórica e descobrir que a realidade era mais estranha do que tudo o que ele se tivesse atrevido a imaginar. Escavadeiras robotizadas tinham removido rapidamente os primeiros metros e, em seguida, as tradicionais equipes de "alunos-escravos" da graduação se haviam encarregado do trabalho. Tinham sido ajudadas — ou atrapalhadas — por um time de quatro enormes kongs, que Del Marco encarava mais como um problema do que como um trunfo. Entretanto, os alunos adoravam aqueles gorilas geneticamente aperfeiçoados, a quem tratavam como crianças retardadas mas muito queridas. Corria o boato de que as relações entre eles nem sempre eram completamente platônicas.

Nos últimos metros, entretanto, tudo fora obra de mãos humanas, em geral manejando escovas de dentes — de cerdas macias, aliás. E agora estava encerrado: nem Howard Carter, ao vislumbrar o primeiro lampejo de ouro no túmulo de Tutankamon, jamais descobrira um

tesouro como aquele. Desse momento em diante, Del Marco tinha certeza, as crenças e filosofias humanas seriam irrevogavelmente modificadas.

O Monolito parecia ser um gêmeo perfeito do que fora descoberto na Lua cinco séculos antes: até a escavação que o cercava tinha dimensões quase idênticas. E, tal como o AMT- 1, era totalmente não-refletor, absorvendo com igual indiferença o clarão feroz do sol africano e o pálido luzir de Lúcifer.

Enquanto conduzia escavação adentro os seus colegas — os diretores de meia dúzia dos museus mais famosos do mundo, três antropólogos eminentes e dois diretores de impérios das comunicações em massa — Del Marco se perguntou se um grupo tão seletivo de homens e mulheres alguma vez ficara tanto tempo em tamanho silêncio. Mas esse era o efeito que surtia aquele retângulo de ébano em todos os visitantes, quando eles se apercebiam das implicações dos milhares de artefatos que o cercavam.

É que ali estava o que seria o tesouro de qualquer arqueólogo: utensílios de pedra toscamente talhados e um número incontável de ossos — alguns de animais, alguns humanos — quase todos cuidadosamente dispostos. Durante séculos — não, milênios — aquelas pobres oferendas tinham sido levadas para ali por criaturas apenas dotadas do primeiro vislumbre de inteligência, como um tributo a um prodígio que ia além de sua compreensão.

E da nossa, pensara Del Marco muitas vezes. De duas coisas, porém, ele tinha certeza, embora duvidasse de que algum dia fosse possível prová-las.

Fora ali — no tempo e no espaço — que a espécie humana havia realmente começado.

E aquele Monolito fora o primeiro de toda a sua multidão de deuses.

## 9. A Terra Celeste

— Havia ratos no meu quarto ontem à noite — queixou-se Poole, em tom meio brincalhão. — Há alguma possibilidade de me arranjam um gato?

A Dra. Wallace fez uma expressão intrigada, depois começou a rir.

— Você deve ter ouvido um dos microtes da limpeza; vou mandar verificar a programação para que eles não o chateiem. Procure não pisar num deles, se o vir trabalhando; se pisar, ele pedirá ajuda e todos os seus amigos virão catar os pedaços.

Tanta coisa para aprender, e tão pouco tempo! Não, isso não era verdade, lembrou-se Poole. Era bem possível que ainda tivesse uns cem anos pela frente, graças à ciência médica desta era. A idéia já começava a lhe infundir mais apreensão do que prazer.

Agora, pelo menos, ele conseguia acompanhar a maioria das conversas com facilidade e aprendera a pronunciar as palavras de modo a que Indra não fosse a única pessoa capaz de entendê-lo. Estava muito satisfeito com o fato de o inglês ser agora a língua mundial, embora o francês, o russo e o mandarim ainda vicejassem.

— Tenho um outro problema, Indra, e acho que você é a única pessoa que pode me ajudar. Quando digo "Deus", por que é que as pessoas parecem ficar sem graça?

Indra não se mostrou nem um pouco embaraçada; na verdade, riu.

— É uma história muito complicada. Gostaria que um velho amigo meu, o Dr. Khan, estivesse

aqui para explicá-la, mas ele está em Ganimedes, curando o que resta de Fiéis Verdadeiros que encontra por lá. Quando todas as antigas religiões caíram em descrédito (lembre-me de lhe falar do Papa Pio XX, algum dia — um dos maiores homens da história!), continuamos precisando de uma palavra que designasse a Causa Primordial, ou o Criador do Universo, se é que ele existe...

— Houve inúmeras sugestões — prosseguiu: — Deo, Theo, Jovis, Brahma; todas foram experimentadas e algumas continuam em circulação, especialmente a favorita de Einstein, "O Velho". Mas Teos parece ser a moda atual.

— Procurarei lembrar disso, mas ainda me parece uma bobagem.

— Você se acostumará; vou ensinar-lhe alguns outros expletivos razoavelmente polidos, para que você os use quando quiser expressar seus sentimentos...

— Você disse que todas as antigas religiões caíram em descrédito. Então, em que acreditam as pessoas de hoje?

— No mínimo possível. Somos todos deístas ou teístas. — Você me confunde. Definições, por favor.

— Eles eram ligeiramente diferentes em sua época, mas vejamos as últimas versões. Os teístas acreditam não existir mais do que um só deus; os deístas, não haver menos do que um só deus.

— Temo que a distinção seja sutil demais para mim.

— Mas não para todos; você ficaria surpreso com as controvérsias acirradas que ela tem despertado. Cinco séculos atrás, alguém utilizou o que se conhece como matemática surrealista para provar que existe um número infinito de gradações entre os teístas e os deístas. E claro que, como a maioria dos que se dedicam ao infinito, ele enlouqueceu. A propósito, os deístas mais famosos foram norte-americanos — Washington, Franklin, Jefferson.

— Um pouquinho anteriores a minha época, embora você ficasse surpresa se eu lhe dissesse quantas pessoas não se dão conta disso.

— Bom, tenho boas notícias agora. Joe, quer dizer, o Prof. Anderson, finalmente deu... como era a expressão?... o seu O.K. Você já está em condições de se mudar para uma residência permanente.

— Essa é uma boa notícia! Todos têm-me tratado muito bem aqui, mas ficarei feliz tendo minha própria casa.

— Você precisará de roupas novas e de alguém que lhe mostre como usá-las. E que o ajude com as centenas de pequenas tarefas do dia-a-dia que são uma enorme perda de tempo. Por isso, tomamos a liberdade de lhe arranjar um assistente pessoal. Entre, Danil...

Danil era um homem miúdo, moreno claro, na casa dos trinta e poucos anos, que surpreendeu Poole por não lhe fazer a costumeira saudação palma-a-palma, com sua troca automática de informações. Na verdade, logo se evidenciou que não tinha uma Ident: toda vez que esta se fazia necessária, ele pegava um pequeno retângulo de plástico que, aparentemente, tinha a mesma finalidade dos "cartões de passe" do século XXI.

— Danil também será seu guia e... como era mesmo a palavra? Nunca consigo me lembrar... rima com "dinheiro". Ele recebeu treinamento especial para isso. Tenho certeza de que você ficará plenamente satisfeito.

Embora Poole apreciasse o gesto, ele o deixou meio constrangido. Um camareiro, ora essa!

Não tinha lembrança de jamais haver conhecido algum; em sua época, eles já eram uma espécie rara e em extinção. Começou a se sentir como um personagem de romance inglês do início do século XX.

— E, enquanto Danil organiza sua mudança, daremos uma voltinha lá em cima... até o Nível Lunar.

— Esplêndido. A que distância fica?

— Ah, uns doze mil quilômetros.

— Doze mil? Isso vai levar horas!

Indra pareceu surpresa diante desse comentário, mas depois sorriu.

— Não tantas quanto você supõe. Não, ainda não temos um Transportador como o de Jornada nas estrelas, embora eu ache que continuam trabalhando nisso! Assim, você tem duas alternativas, e acho que sei qual delas vai escolher. Podemos subir por um elevador externo e admirar a paisagem, ou por um elevador interno, e fazer uma boa refeição, acompanhada por um divertimento leve.

— Não consigo imaginar que alguém queira ficar do lado de dentro.

— Você ficaria surpreso. É vertiginoso demais para algumas pessoas, especialmente os visitantes lá de baixo. Até alguns alpinistas, que dizem suportar bem as grandes altitudes, começam a ficar verdes quando elas são medidas em milhares de quilômetros, em vez de metros.

— Eu me arrisco — respondeu Poole com um sorriso. — Já estive mais alto.

Depois de passarem por um conjunto duplo de câmaras de compressão na parede externa da Torre (seria imaginação dele, ou teria experimentado uma curiosa sensação de desorientação naquele momento?), os dois entraram no que poderia ser a platéia de um teatro minúsculo. Havia fileiras de dez assentos, dispostas uma atrás da outra em cinco patamares diferentes: todas ficavam de frente para um dos imensos janelões paisagísticos que Poole ainda achava desconcertantes, já que não conseguia realmente esquecer as centenas de toneladas de pressão atmosférica que se esforçavam por fazê-los explodir no espaço.

Os cerca de doze outros passageiros, que provavelmente nunca haviam pensado no assunto, pareciam perfeitamente à vontade. Todos sorriram ao reconhecê-lo, cumprimentaram-no polidamente com um aceno de cabeça e desviaram os olhos para admirar a paisagem.

— Bem-vindos ao Salão Celeste — disse a inevitável gravação. — A subida começará em cinco minutos. Há refrigerantes e toaletes no andar inferior.

Quanto tempo vai durar esta viagem? — conjecturou Poole. Estaremos percorrendo mais de vinte mil quilômetros, ida e volta: não será como nenhum percurso de elevador que eu tenha conhecido na Terra...

Enquanto esperava pelo início da subida, apreciou o panorama deslumbrante que se estendia a dois mil quilômetros lá embaixo. Era inverno no Hemisfério Norte, mas o clima realmente sofrerá mudanças drásticas, pois havia pouca neve ao sul do Círculo Ártico.

Quase não havia nuvens sobre a Europa, e eram tantos os detalhes que o olhar chegava a se confundir. Uma a uma, Poole identificou as grandes cidades cujos nomes haviam ecoado através dos séculos; mesmo em sua época elas já vinham encolhendo, à medida que a revolução das comunicações modificava a face do mundo, e agora se haviam reduzido ainda mais. Havia também alguns espelhos d'água em locais improváveis — o lago Saladin, no Saara setentrional, era quase um pequeno oceano.

Poole ficou tão absorto na paisagem que se esqueceu do passar do tempo. De repente, percebeu que haviam decorrido muito mais de cinco minutos — e o elevador continuava parado. Teria havido algum problema, ou será que estavam à espera de retardatários?

Nesse momento, porém, reparou em algo tão extraordinário que, a princípio, recusou-se a acreditar no testemunho de seus olhos. O panorama se havia ampliado, como se eles já tivessem subido centenas de quilômetros! No instante mesmo em que olhava, percebeu que novos aspectos do planeta lá embaixo iam entrando na moldura da janela.

Então, Poole deu uma risada, à medida que lhe ocorreu a explicação óbvia.

— Você quase me enganou, Indra! Achei que isso era real, e não uma projeção de vídeo!

Indra o fitou com um sorriso divertido.

— Pense bem, Frank. Começamos a nos deslocar há uns dez minutos. Neste momento, devemos estar subindo, digamos, pelo menos mil quilômetros por hora. Embora tenham-me dito que estes elevadores chegam a cem gravidades na aceleração máxima, não passaremos de dez num percurso tão curto.

— Isso é impossível! Seis foram o máximo a que me submeteram na centrífuga, e não gostei de pesar meia tonelada. Sei que não nos mexemos desde que entramos aqui.

Poole havia elevado ligeiramente a voz e, de repente, percebeu que os outros passageiros estavam fingindo não reparar.

— Não sei como se faz isso, Frank, mas chamam-no de campo inercial. Ou, às vezes, campo SHARP; O "S" representa um famoso cientista russo, Sakharov; não sei quem foram os outros. Pouco a pouco a compreensão despontou na mente de Poole, numa deslumbrada perplexidade. Aquela, sem dúvida, era uma "tecnologia indistinguível da magia".

— Alguns amigos meus costumavam sonhar com "empuxos espaciais", campos de energia capazes de substituir os foguetes e permitir o movimento sem nenhuma sensação de aceleração. Quase todos os achávamos loucos, mas parece que eles tinham razão! Mal posso acreditar... e, se não estou enganado, estamos começando a perder peso.

— É, ele está se adaptando ao valor lunar. Quando sairmos, você sentirá como se estivéssemos na Lua. Mas, por favor, Frank, esqueça que é engenheiro e apenas aproveite a paisagem.

Era um bom conselho, mas, enquanto via toda a África, Europa e grande parte da Ásia penetrando em seu campo visual, Poole não conseguia afastar o pensamento daquela revelação assombrosa. E, no entanto, não deveria ter-lhe sido uma surpresa completa: ele sabia que tinha havido grandes avanços nos sistemas de propulsão espacial desde sua época, mas não se dera conta de que teriam aplicações tão dramáticas na vida cotidiana — se é que se podia aplicar essa expressão à vida num arranha-céu de 36.000 quilômetros de altura.

E a era dos foguetes devia ter acabado séculos antes. Todos os seus conhecimentos sobre sistemas propulsores e câmaras de combustão, impulsadores de íons e reatores de fusão estavam totalmente obsoletos. Já não tinham importância, é claro, mas ele entendeu a tristeza que teria sentido um capitão de navio quando as velas cederam lugar ao vapor.

Seu estado de ânimo teve uma mudança abrupta e ele não pôde deixar de sorrir, quando a voz da gravação anunciou: — Chegada dentro de dois minutos. Por favor, certifiquem-se de não ter esquecido nenhum de seus pertences de mão.

Quantas vezes ele escutara esse anúncio em vôos comerciais! Olhou para o relógio e constatou, com surpresa, que a subida tinha durado menos de meia hora. Então, aquilo

significava uma velocidade média de pelo menos vinte mil quilômetros por hora, e era como se não se houvessem mexido. E, o que era ainda mais estranho, deviam ter estado numa desaceleração tão rápida nos últimos dez minutos ou mais, que, a rigor, todos deveriam estar colados no teto, com a cabeça apontando para a Terra lá embaixo!

As portas se abriram silenciosamente e, ao sair, Poole tornou a sentir a ligeira desorientação que havia notado ao entrar no salão do elevador. Desta vez, porém, sabia o que isso significava: ele estava atravessando a zona de transição em que o campo inercial se superpunha à gravidade — neste nível, igual à da Lua.

Embora a visão da Terra afastando-se no espaço tivesse sido impressionante, mesmo para um astronauta, não houvera nela nada de inesperado ou surpreendente. Mas quem haveria de imaginar um aposento gigantesco, aparentemente ocupando toda a largura da Torre, a tal ponto que a parede do lado oposto ficava a mais de cinco quilômetros de distância? Nessa época, talvez já existissem áreas fechadas ainda maiores na Lua e em Marte, mas aquela, com certeza, deveria ser uma das maiores no espaço propriamente dito.

Eles estavam numa plataforma panorâmica, situada uns cinqüenta metros acima, na parede externa, descortinando uma paisagem surpreendentemente variada. Era evidente que se fizera uma tentativa de reproduzir toda uma gama de biomas terrestres. Logo abaixo deles havia um grupo de árvores esguias que, a princípio, Poole não conseguiu identificar; depois, percebeu que se tratava de carvalhos, adaptados a um sexto de sua gravidade normal. Como seriam as palmeiras aqui.<sup>7</sup> — perguntou-se. Juncos gigantesco, provavelmente...

A meia distância havia um laguinho, alimentado por um rio que serpenteava por uma planície relvada e depois desaparecia em algo que se assemelhava a uma gigantesca figueira de Bengala. Qual seria a fonte da água? Poole havia discernido um tênue som tamborilante e, ao correr os olhos pela curvatura suave da parede, descobriu uma Niágara em miniatura, com um arco-íris perfeito pairando sobre sua espuma.

Poderia ter passado horas ali, admirando a paisagem, sem conseguir esgotar todas as maravilhas daquela simulação complexa e brilhantemente concebida do planeta lá embaixo. Ao se dispersar por ambientes novos e hostis, talvez a raça humana sentisse uma necessidade cada vez maior de recordar suas origens. É claro, já em sua época, todas as cidades tinham seus parques, como lembretes — pálidos, em geral — da Natureza.

O mesmo impulso deveria ter estado em ação aqui, em escala muito mais grandiosa. Central Park, Torre da África!

— Vamos descer — disse Indra. — Há muito que olhar, e não venho aqui com a freqüência que me agradaria.

Embora andar fosse um ato quase sem esforço naquela baixa gravidade, vez por outra eles se serviram de um pequeno monotrilha e, num dado momento, pararam para tomar refrigerantes num barzinho astuciosamente escondido no tronco de uma sequóia que devia ter pelo menos uns duzentos metros de altura.

Havia poucas pessoas por perto — fazia tempo que seus companheiros de elevador haviam desaparecido na paisagem — de modo que era como se eles tivessem todo aquele reino encantado apenas para si. Tudo era conservado com tamanho cuidado, talvez por exércitos de robôs, que Poole se lembrou, aqui e ali, de uma visita ao Disney World quando menino. Mas aquilo ali era ainda melhor: não havia aglomerações e, a rigor, pouquíssimas coisas faziam lembrar a raça humana e seus artefatos.



Os dois estavam admirando uma esplêndida coleção de orquídeas, algumas de enormes dimensões, quando Poole levou um dos maiores sustos de sua vida. Ao passarem por uma típica pequena cabana de jardineiro, a porta se abriu e... ele apareceu.

Frank Poole sempre se orgulhara de seu autocontrole, e nunca havia imaginado que, já homem feito, pudesse soltar um grito de puro medo. Mas, como todos os meninos de sua geração, tinha assistido a todos os filmes da série do Parque dos dinossauros, e sabia reconhecer um velociraptor quando topava com um deles cara a cara.

— Lamento muitíssimo — disse Indra, com visível preocupação. — Não me ocorreu avisá-lo. Os nervos de Poole, descontrolados, voltaram ao normal. É claro que não poderia haver nenhum perigo, naquele mundo talvez ordeiro demais; porém, mesmo assim...!

O dinossauro retribuiu-lhe o olhar com o que parecia ser um total desinteresse e, em seguida, tornou a entrar na cabana e dela reemergiu com um ancinho e um par de tesouras de jardinagem, que jogou numa sacola pendurada no ombro. Afastou-se deles com um andar que fazia lembrar o das aves, sem olhar para trás ao desaparecer por entre girassóis de uns dez metros de altura.

— Eu lhe devo uma explicação — disse Indra em tom contrito. — Gostamos de usar bio-organismos sempre que possível, em vez de robôs; suponho que seja um chauvinismo carbônico... Bem, são poucos os animais dotados de destreza manual, e temos usado todos eles, numa ou noutra ocasião.

— E isso é um mistério que ninguém conseguiu decifrar — continuou. — Seria de supor que herbívoros aperfeiçoados, como chimpanzés e gorilas, fossem bons nesse tipo de trabalho. Bem, não são; não têm a paciência necessária. No entanto, os carnívoros, como o nosso amigo aqui, são excelentes e fáceis de treinar. E mais (o que é outro paradoxo!), depois de terem sido modificados, são dóceis e bem-humorados. E claro que há por trás deles quase mil anos de engenharia genética, mas pense no que o homem primitivo fez com os lobos, através de simples tentativa e erro!

Indra riu e continuou:

— Talvez você não acredite, Frank, mas eles também são excelentes babás... as crianças os adoram! Há uma piada que já tem uns quinhentos anos: "Você confiaria seus filhos a um dinossauro?" "O quê? E correr o risco de eles o machucarem?" Poole também riu, em parte numa reação envergonhada a seu susto. Para mudar de assunto, formulou a Indra a pergunta que continuava a preocupá-lo.

— Tudo isso é esplêndido — disse — mas por que ter tanto trabalho, quando qualquer um na Torre pode chegar com a mesma rapidez à coisa verdadeira?

Indra o fitou, pensativa, medindo as palavras.

— Não é bem assim. É incômodo e até perigoso, para quem vive acima do nível de meia gravidade, descer à Terra, mesmo numa cadeira flutuante.

— Não para mim, com certeza! Nasci e me criei na gravidade um, e nunca descuidei de meus exercícios a bordo da Discovery!

— Você terá de conversar com o Professor Anderson sobre isso. Talvez eu não devesse dizer-lhe, mas tem havido uma grande discussão sobre a situação atual de seu relógio biológico. Ao que parece, ele nunca parou por completo, e os palpites a respeito de seu equivalente etário vão de 50 a 70 anos. Embora você esteja indo muito bem, não se pode esperar que recupere plenamente as forças... depois de mil anos!

Começo a entender, disse Poole a si mesmo em tom sombrio. Isso explica o jeito evasivo de Anderson e todos aqueles testes de reação muscular que ele vem fazendo.

Fiz todo o percurso de volta de Júpiter, chegando a menos de dois mil quilômetros da Terra, mas, não importa com que frequência a visite na realidade virtual, é possível que eu jamais consiga andar novamente na superfície do planeta em que nasci. Não sei ao certo como poderei lidar com isso...

## 10. Homenagem a Ícaro

A depressão passou rapidamente: havia muito que fazer e ver. Mil vidas não seriam suficientes, e o problema estava em escolher qual das inúmeras distrações que a era atual tinha a oferecer. Poole tentava, nem sempre com sucesso, evitar as trivialidades e se concentrar nas coisas importantes — sobretudo em sua educação.

A Touca Cerebral — junto com o player que a acompanhava, do tamanho de um livro e chamado inevitavelmente de Caixa Cerebral — era de enorme valia para isso. Em pouco tempo, Poole contava com uma pequena biblioteca de tabletes de "conhecimento instantâneo", cada qual contendo todo o material necessário para um diploma de nível superior. Quando inseria um deles na Caixa Cerebral e a regulava na velocidade e intensidade que mais lhe convinham, havia um clarão, acompanhado por um período de inconsciência que podia durar até uma hora. Quando acordava, era como se novas áreas de sua mente se houvessem aberto, embora ele só ficasse sabendo que existiam ao procurar por elas. Era quase como se fosse um dono de biblioteca que descobrisse, de repente, prateleiras de livros que não sabia possuir.

Em grande medida, Poole era senhor de seu tempo. Por um sentimento de dever — e gratidão —, atendia a todos os pedidos possíveis de cientistas, historiadores, escritores e artistas que trabalhavam em meios que amiúde lhe eram incompreensíveis. Recebia também inúmeros convites de outros cidadãos das quatro Torres, todos os quais praticamente era obrigado a recusar.

Os mais tentadores — e mais difíceis de resistir — eram os que vinham do belo planeta estendido lá embaixo. "É claro que você sobreviveria", dissera-lhe o Professor Anderson, "se descesse por um período curto e com o sistema adequado de suporte vital, mas não iria gostar. E é possível que isso debilitasse ainda mais seu sistema neuromuscular. Ele nunca se recuperou realmente daquele sono de um milênio."

Sua outra guardiã, Indra Wallace, protegia-o das intromissões desnecessárias e o orientava sobre os pedidos que deveria aceitar — ou recusar polidamente. Deixado por conta própria, ele jamais entenderia a estrutura sócio-política daquela cultura incrivelmente complexa, mas logo percebeu que embora, em tese, todas as distinções de classe houvessem desaparecido, havia uns poucos milhares de supercidadãos. George Orwell tinha razão; alguns sempre seriam mais iguais do que outros.

Tinha havido momentos em que, condicionado por sua experiência do século XXI, Poole se indagara quem estaria pagando por toda aquela hospitalidade — iriam um dia apresentar-lhe o equivalente a uma imensa conta de hotel? Mas Indra logo o havia tranqüilizado: ele era uma

singular peça de museu, de valor inestimável, de modo que jamais teria que se preocupar com essas considerações mundanas. Tudo o que quisesse — dentro dos limites do razoável — seria colocado a sua disposição; ele se perguntava quais seriam esses limites, sem nunca imaginar que um dia tentaria descobri-los.

\*\*\*

Todas as coisas mais importantes da vida acontecem por acaso, e ele havia regulado seu painel de vídeo na parede para uma silenciosa busca aleatória, quando uma imagem impressionante chamou-lhe a atenção.

— Pare a busca! Aumente o volume! — gritou, em tom desnecessariamente elevado.

Reconheceu a música, mas alguns minutos se passaram antes que a identificasse; o fato de sua parede encher-se de seres humanos alados, circulando graciosamente uns ao redor dos outros, sem dúvida ajudou. Mas Tchaikovsky teria ficado sumamente surpreso ao ver sua apresentação do Lago dos cisnes com bailarinos que realmente voavam...

Poole ficou observando, extasiado, durante vários minutos, até se convencer razoavelmente de que aquilo era real, e não uma simulação: mesmo na era atual, nunca se podia ter certeza. Era de presumir que o balé estivesse sendo executado num dos muitos ambientes de baixa gravidade — um ambiente enorme, a julgar por algumas das imagens. Talvez fosse até ali mesmo, na Torre da África.

"Quero experimentar isso", decidiu. Nunca havia realmente perdoado a Agência Espacial por proibir um de seus maiores prazeres, os saltos de pára-quedas em formação, embora compreendesse sua postura de não querer pôr em risco um investimento valioso. Os médicos tinham ficado muito aborrecidos com seu acidente anterior na asa-delta; felizmente, seus ossos adolescentes haviam-se recuperado por completo.

"Bem", pensou com seus botões, "agora não há ninguém para me impedir... a não ser o Professor Anderson..."

Para alívio de Poole, o médico achou a idéia excelente, e ele também gostou de saber que todas as Torres tinham seus próprios Aviários, com níveis de até um décimo da gravidade.

Em poucos dias, tiraram as medidas de suas asas, que nada tinham com os elegantes modelos usados pelos bailarinos do Lago dos cisnes. Em lugar de plumas havia uma membrana flexível, e Poole percebeu, ao segurar as alças ligadas às traves de apoio, que devia parecer muito mais um morcego que um pássaro. Mesmo assim, seu "Avante, Drácula!" escapou inteiramente ao instrutor, que não parecia familiarizado com vampiros.

Nas primeiras aulas, ele foi contido por uma rédea leve, para que não se deslocasse em qualquer direção enquanto lhe eram ensinados os movimentos básicos — e, o que era mais importante, enquanto aprendia o controle e a estabilidade. Como muitas habilidades adquiridas, a coisa não era tão fácil quanto parecia.

Poole se sentia ridículo na rédea de segurança — como poderia alguém se machucar a um décimo de gravidade? — e ficou feliz por precisar de poucas aulas; sem dúvida, seu treinamento de astronauta ajudou. Ele era, no dizer do Instrutor de Vôo, o melhor aluno a quem este já dera aulas, mas talvez ele dissesse a mesma coisa a todos.

Após uma dúzia de vôos livres numa câmara de quarenta metros de lado, perpassada por diversos obstáculos que ele evitou sem dificuldade, Poole foi liberado para seu primeiro vôo solo — e voltou a se sentir com 19 anos, prestes a decolar no antigo Cessna do Aeroclube de Flagstaff.

O nome "Aviário", pouco estimulante, não o havia preparado para o advento de seu vôo inaugural. Embora parecesse ainda mais vasto do que o espaço que continha as florestas e jardins, lá no nível de gravidade lunar, ele era quase do mesmo tamanho, já que também ocupava um andar inteiro da Torre suavemente afunilada. Um vazio circular de meio quilômetro de altura e mais de quatro quilômetros de largura, parecia realmente imenso, já que não havia nenhum objeto em que a vista pudesse repousar. Como as paredes eram de um azul pálido e uniforme, elas contribuíam para a impressão de espaço infinito.

Poole não tinha realmente acreditado na gabolice do instrutor de vôo, "Você pode escolher o cenário que quiser", e pretendia fazer-lhe o que tinha a certeza de ser um desafio imbatível. Nesse primeiro vôo, porém, à estonteante altitude de cinqüenta metros, não houve distrações visuais. Obviamente, uma queda da altitude equivalente de cinco metros na gravidade terrestre, dez vezes maior, poderia quebrar o pescoço do sujeito, mas aqui, até pequenos machucados eram improváveis, já que todo o piso era coberto por uma rede de cabos flexíveis. A câmara inteira era um trampolim gigantesco; era possível divertir-se um bocado ali, pensou Poole, até mesmo sem asas.

Com braçadas firmes para baixo, ele se alçou no ar. Quase que instantaneamente, era como se estivesse a cem metros de altura, e continuando a subir.

— Devagar! — disse o instrutor de vôo. — Não consigo acompanhá-lo!

Poole esticou o corpo e tentou fazer um giro lento. Sentia a cabeça e o corpo leves (menos de dez quilos!) e ficou imaginando se a concentração de oxigênio teria sido aumentada.

Aquilo era maravilhoso, muito diferente da gravidade zero, já que impunha um desafio físico maior. O que mais se aproximava daquela sensação era o mergulho; Poole desejou que houvesse pássaros, para que imitassem os peixes igualmente coloridos que tantas vezes o haviam acompanhado pelos recifes de coral dos trópicos.

O instrutor o fez executar uma série de manobras, uma atrás da outra — giros, cambalhotas, vôos de cabeça para baixo, vôos pairados etc. Por fim, disse: — Não há mais nada para eu lhe ensinar. Agora, vamos apreciar a vista.

Por um breve instante, Poole quase perdeu o controle — como era esperado, provavelmente. E que, sem o menor aviso prévio, viu-se cercado por montanhas de picos nevados e estava voando por um estreito desfiladeiro, a poucos metros de algumas rochas desagradavelmente irregulares.

É claro que aquilo não podia ser real: aquelas montanhas eram tão sem substância quanto as nuvens e, se quisesse, poderia voar através delas. Não obstante, desviou-se da face do rochedo (havia um ninho de águia numa de suas saliências, com dois ovos que lhe pareceu possível tocar, se ele se aproximasse mais) e rumou para o espaço aberto.

As montanhas desapareceram; de repente, era noite. E então surgiram as estrelas — não os precários milhares de estrelas dos céus empobrecidos da Terra, mas legiões sem conta. E não somente estrelas, mas os redemoinhos espiralados de galáxias distantes e os abundantes e densos enxames de sóis dos aglomerados globulares.

Não havia como aquilo pudesse ser real, ainda que ele tivesse sido magicamente transportado para um mundo em que existiam céus assim, pois aquelas galáxias estavam recuando ante seus próprios olhos, e as estrelas esmaeciam, explodiam e nasciam em berçários estelares de reluzentes brumas de fogo. A cada segundo devia passar-se um milhão de anos...

O espetáculo deslumbrante desapareceu com a mesma rapidez com que surgira: ele estava de

novo no céu vazio, sozinho, exceto pela presença de seu instrutor, no cilindro azul e sem recortes do Aeródromo.

— Acho que chega para um dia — disse o instrutor de vôo, planando alguns metros acima dele. — Que cenário você gostaria de ver, da próxima vez que vier?

Poole não pestanejou. Com um sorriso, respondeu à pergunta.

## 11. Entram os Dragões

Ele jamais acreditaria que fosse possível, nem mesmo com a tecnologia desta época. Quantos terabytes, ou talvez petabytes — haveria uma palavra suficientemente grande? — de informação teriam sido acumulados ao longo de séculos, e em que tipo de suporte de armazenamento? Era melhor não pensar no assunto e seguir o conselho de Indra: "Esqueça que você é engenheiro e divirta-se."

Certamente estava se divertindo, mesmo com aquele toque de uma sensação quase esmagadora de saudade em seu prazer. É que estava voando a uns dois quilômetros de altitude, ou assim parecia, sobre a paisagem espetacular e inesquecível de sua juventude. A perspectiva era falsa, é claro, pois o Aviário tinha apenas meio quilômetro de altura, mas a ilusão era perfeita. Poole contornou a Cratera do Meteoro, lembrando-se de como escalara suas encostas no começo de seu treinamento astronáutico. Que coisa incrível que alguém pudesse um dia ter duvidado de sua origem e da exatidão de seu nome! No entanto, ainda no fim do século XX, geólogos eminentes haviam afirmado que ela era vulcânica; somente com o advento da era espacial é que se admitira, relutantemente, que todos os planetas ainda estavam sob bombardeio contínuo.

Poole tinha certeza de que sua velocidade confortável de cruzeiro aproximava-se mais de vinte que de duzentos quilômetros por hora, mas tinham-lhe permitido chegar a Flagstaff em menos de quinze minutos. E lá estavam as brancas cúpulas reluzentes do Observatório Lowell, que ele tantas vezes visitara quando menino e cuja amável equipe, sem sombra de dúvida, fora responsável pela escolha de sua carreira. Às vezes ele se indagava qual teria sido sua profissão, se não tivesse nascido no Arizona, perto do exato lugar em que se haviam criado as mais duradouras e influentes fantasias marcianas. Talvez fosse sua imaginação, mas julgou avistar o túmulo singular de Lowell, perto do grande telescópio que havia alimentado seus sonhos.

De que ano e de que estação fora captada aquela imagem? Concluiu que provinha dos satélites de espionagem que costumavam vigiar o mundo do início do século XXI. Não poderia ter sido muito posterior a sua época, pois o plano da cidade era exatamente como o recordava. Talvez, se descesse o bastante, pudesse até enxergar a si mesmo...

Mas ele sabia que isso era absurdo; já havia descoberto que aquela era a menor distância a que podia chegar. Se voasse mais perto, a imagem começaria a se desfazer, revelando os pontos minúsculos de que se compunha. Era melhor guardar distância e não destruir aquela bela ilusão.

Lá estava — incrível! — a pracinha em que havia brincado com seus colegas do primário e do

curso médio. Os Patronos da Cidade estavam sempre discutindo sobre sua manutenção, à medida que o abastecimento de água fora se tornando cada vez mais crítico. Bem, ao menos ela sobrevivera a sua época, não importa de quando datasse aquela imagem.

Aí outra lembrança lhe trouxe lágrimas aos olhos. Naquelas ruelas estreitas, todas as vezes que conseguia voltar de Houston ou da Lua, ele havia caminhado com seu querido ridgeback rodesiano, atirando gravetos para que ele fosse buscá-los, como fazem os homens e os cães desde tempos imemoriais.

Poole havia esperado de todo o coração que Rikki ainda estivesse lá para recebê-lo quando voltasse de Júpiter, e o deixara aos cuidados de Martin, seu irmão caçula. Quase perdeu o controle e teve uma queda de vários metros antes de recuperar a estabilidade, quando mais uma vez se defrontou com a dura realidade de que fazia séculos que Rikki e Martin haviam-se transformado em pó.

Quando pôde enxergar novamente com clareza, notou que a área escura do Grand Canyon mal despontava tenuemente no horizonte distante. Debatia consigo mesmo se iria ou não até lá — estava ficando meio cansado — quando se deu conta de não estar sozinho no céu. Havia alguma coisa se aproximando, e certamente não se tratava de um voador humano. Embora fosse difícil calcular as distâncias ali, parecia grande demais para isso.

"Bem", pensou, "não me surpreende particularmente encontrar um pterodáctilo aqui; aliás, é bem o tipo de coisa que eu esperaria. Espero que seja amistoso, ou que eu possa voar para longe dele, se não for. Ah, não!"

O pterodáctilo não chegara a ser um palpite ruim: talvez umas oito chances em dez. Mas o que se aproximava dele naquele momento, com lentas batidas de suas grandes asas coriáceas, era um dragão diretamente saído do Reino Encantado. E, para completar o quadro, havia uma bela dama montada em seu dorso.

Pelo menos, Poole imaginou, que fosse bela. A imagem tradicional era bastante prejudicada por um detalhe insignificante: boa parte de seu rosto estava coberta por um grande par de óculos de aviador, que poderiam ter saído diretamente da carlinga aberta de um biplano da Primeira Guerra Mundial.

Poole ficou planando no ar, como um nadador boiando na água, até o monstro se aproximar o bastante para que o bater de suas grandes asas se fizesse ouvir. Mesmo quando ele estava a menos de vinte metros de distância, não chegou a conclusão se se tratava de uma máquina ou de um artefato biológico: ambos, provavelmente.

E então esqueceu-se do dragão, pois a amazona retirou os óculos.

O problema dos chavões, comentou certa vez um filósofo, provavelmente em meio a um bocejo, é serem tão enfadonhamente verdadeiros.

Mas o "amor à primeira vista" nunca é enfadonho.

Danil não soube dar nenhuma informação, mas, afinal, Poole não havia esperado que o fizesse. Seu onipresente acompanhante—decerto ele não seria aprovado como um camareiro clássico — parecia tão limitado em suas funções que, vez por outra, Poole se indagava se teria alguma deficiência mental, por mais improvável que isso parecesse. Ele compreendia o funcionamento de todos os aparelhos domésticos, executava ordens simples com rapidez e eficiência e sabia circular pela Torre. Mas era só; era impossível manter com ele uma conversa inteligente, e qualquer indagação polida sobre sua família deparava com um olhar de perfeita incompreensão. Poole chegara até a se indagar se ele também seria um bio-robô.

Indra, no entanto, deu-lhe de imediato a resposta que ele queria.

— Ah, você conheceu a Dama do Dragão!

— É assim que vocês a chamam? Qual é seu nome verdadeiro? E será que podem me fornecer a Ident dela? Não estávamos exatamente em condições de tocar as palmas das mãos.

— E claro, barra limpa.

— Onde foi que você aprendeu isso?

Indra pareceu confusa, o que era pouco característico.

— Não tenho idéia... em algum livro ou filme antigo. É uma boa figura de linguagem?

— Não se você tiver mais de quinze anos.

— Tentarei lembrar. Agora, conte-me o que aconteceu, a menos que queira deixar-me com ciúmes.

Eles já eram tão bons amigos que podiam discutir qualquer assunto com total franqueza. Aliás, haviam lamentado, entre risadas, sua completa falta de interesse romântico um pelo outro, embora certa vez Indra houvesse comentado: "Acho que, se ficássemos encalhados num asteróide deserto, sem esperança de resgate, poderíamos dar um jeito."

— Primeiro, diga-me quem ela é.

— Seu nome é Aurora McAuley; entre muitas outras coisas, é a Presidenta da Sociedade de Anacronismos Criativos. E, se você achou Draco impressionante, espere até ver algumas de suas outras... hã... criações. Como Moby Dick, e mais um zoológico inteiro de dinossauros em que a Mãe Natureza nunca pensou.

É bom demais para ser verdade, pensou Poole. Sou o maior anacronismo do Planeta Terra.

## 12. Frustração

Até aquele momento, ele quase se esquecera daquela conversa com o psicólogo da Agência Espacial.

— Talvez você fique pelo menos três anos longe da Terra. Se quiser, posso colocar-lhe um implante anafrodisíaco indolor que durará por toda a missão. Prometo que você será mais do que recompensado quando voltar.

— Não, obrigado — respondera Poole, procurando manter uma expressão séria ao prosseguir.

— Deixe isso em minhas mãos.

Não obstante, começara a ficar desconfiado depois da terceira ou quarta semana, o mesmo acontecendo com Dave Bowman.

— Também reparei — disse Bowman. — Aposto que aqueles malditos médicos puseram alguma coisa em nossa comida.

O que quer que fosse essa alguma coisa, se é que realmente havia existido, certamente fazia muito tempo que sua vida útil acabara. Até esse momento, Poole estivera ocupado demais para se envolver em qualquer relacionamento afetivo e declinara polidamente das ofertas generosas de várias damas jovens (e nem tão jovens). Não sabia ao certo se era sua aparência ou sua fama que as atraía: talvez não passasse de simples curiosidade a respeito de um homem que, pelo que elas sabiam, bem poderia ser um ancestral de vinte ou trinta gerações atrás.

Para alegria de Poole, a Ident da Sra. McAuley transmitiu a informação de que, no momento, ela estava sem parceiro, de modo que ele não perdeu tempo para estabelecer um contato. Em menos de 24 horas, estava sentado no banco do carona, com os braços circundando prazerosamente a cintura da moça. Também ficou sabendo por que os óculos de avião eram uma boa idéia, pois Draco era inteiramente robotizado e podia facilmente deslocar-se a cem quilômetros horários. Poole duvidava que algum dragão houvesse atingido tal velocidade.

Não ficou surpreso ao saber que as paisagens permanentemente mutáveis lá embaixo provinham diretamente da lenda. Ali Babá lhes fizera um sinal raivoso com a mão, quando eles ultrapassaram seu tapete voador, gritando: "Não enxergam por onde andam?". No entanto, ele mesmo devia estar bem longe de Bagdá, já que as torres oníricas que os dois sobrevoavam agora só podiam ser de Oxford.

Aurora confirmou seu palpite, apontando para baixo: — Aquele é o bar... a estalagem onde Lewis e Tolkien costumavam encontrar-se com seus amigos, os Inklings. E olhe lá para o rio, para aquele barco que vem saindo debaixo da ponte: está vendo as duas garotinhas e o reverendo dentro dele?

— Estou — gritou Poole por sobre o zumbido suave do vento deslocado pela hélice de Draco.

— E imagino que uma delas seja Alice.

Aurora virou-se e deu-lhe um sorriso por cima do ombro: parecia sinceramente encantada.

— Isso mesmo, é uma réplica exata, baseada nas fotos do Reverendo. Tive medo que você não soubesse. Uma porção de gente parou de ler logo depois de sua época.

Poole sentiu-se inundar de satisfação.

Creio que fui aprovado noutro teste, disse a si mesmo, todo contente. Montar Draco devia ter sido o primeiro. Quantos mais haverá? — perguntou-se. Lutas de espadas?

Mas não houve nenhum outro, e a resposta ao imemorial "Na sua casa ou na minha?" foi: na de Poole.

Na manhã seguinte, abalado e mortificado, ele entrou em contato com o Professor Anderson.

— Corria tudo às mil maravilhas — lamentou-se, — quando, de repente, ela ficou histérica e me empurrou para longe. Tive medo de tê-la machucado de algum modo... Então, ela ordenou que as luzes se acendessem (estávamos no escuro) e pulou para fora da cama. Acho que a fiquei encarando feito um pateta... — Poole sorriu pesarosamente: — Ela certamente era digna de se ver.

— Estou certo que sim. Continue.

— Depois de alguns minutos, ela riu e disse uma coisa que jamais conseguirei esquecer.

Anderson esperou pacientemente que Poole se recompusesse.

— Disse: "Lamento muito, Frank. Poderíamos ter-nos divertido. Mas eu não sabia que você tinha sido... mutilado."

O professor pareceu atônito, mas apenas por um momento.

— Ah, entendo. E também lamento, Frank; talvez eu devesse tê-lo avisado. Em meus trinta anos de clínica, só vi meia dúzia de casos, e todos por razões médicas válidas, que certamente não se aplicavam a você...

— A circuncisão — prosseguiu — fazia muito sentido em épocas primitivas, e até mesmo em seu século, como defesa contra algumas doenças desagradáveis ou mesmo fatais, em países atrasados e de higiene precária. Mas, afora isso, não havia absolutamente nada que a justificasse... e diversos argumentos contra ela, como você acaba de descobrir! Verifiquei os



registros depois de examiná-lo pela primeira vez e constatei que, em meados do século XXI, tantos tinham sido os processos por imperícia médica que a Associação Norte-Americana de Medicina foi obrigada a proibir a cirurgia. As discussões entre os médicos da época são muito interessantes.

— E, vai ver que são — disse Poole, taciturno.

— Em alguns países, ela ainda durou mais um século; depois, algum gênio desconhecido criou um lema... por favor, desculpe a vulgaridade: "Deus nos projetou: a circuncisão é uma blasfêmia." Isso como que pôs fim àquela prática. Mas, se lhe interessar, será fácil providenciar um transplante: você não estaria fazendo história na medicina, de maneira alguma.

— Não creio que isso funcionasse. Acho que eu começaria a rir em todas as ocasiões.

— Esse é o espírito, você já está superando o problema. Para sua surpresa, Poole constatou que o prognóstico de Anderson estava certo. Até se descobriu dando risadas, já naquele momento.

— O que é, Frank?

— A "Sociedade de Anacronismos Criativos" de Aurora. Eu tinha esperado que ela melhorasse minhas chances. Azar o meu se revelei um anacronismo que ela não aprecia.

## 13. Um Estranho Numa Época Estranha

Indra não se mostrou tão solidária quanto ele havia esperado; talvez houvesse, afinal, um certo ciúme sexual em seu relacionamento. E, o que foi muito mais grave, o que eles rotularam ironicamente de "A Derrocada do Dragão" levou-os a sua primeira briga de verdade.

Que começou de maneira bastante inocente, quando Indra reclamou:

— As pessoas estão sempre me perguntando porque dediquei minha vida a um período tão pavoroso da história, e não adianta dizer que houve outros ainda piores.

— Então por que se interessou por meu século?

— Porque ele marca a transição entre o barbarismo e a civilização.

— Obrigado. Pode me chamar de Conan.

— Conan? O único que conheço é o homem que criou Sherlock Holmes.

— Não tem importância, lamento ter interrompido. Obviamente, nós, dos chamados países desenvolvidos, julgávamos ser civilizados. Pelo menos, a guerra já não era uma coisa respeitável e a Organização das Nações Unidas estava sempre fazendo o melhor possível para pôr fim às que chegavam a eclodir.

— Sem grande sucesso: eu diria umas três vezes em cada dez. Mas o que eu acho incrível é a maneira como as pessoas, até as primeiras décadas de 2000, aceitavam calmamente um comportamento que consideraríamos atroz. E acreditavam nos absurdos mais estarrecidos...

— Estarrecedores.

— ... que, com certeza, seriam prontamente descartados por qualquer pessoa racional.

— Exemplos, por favor.

— Bom, esse seu fracasso, perfeitamente banal, levou-me a fazer umas pesquisas, e fiquei

atônita com o que descobri. Você sabia que, todos os anos, em alguns países, milhares de mocinhas eram hediondamente mutiladas para conservar sua virgindade? Muitas delas morriam, mas as autoridades fingiam não ver nada.

— Concordo que isso era terrível, mas o que meu governo poderia fazer?

— Muita coisa, se quisesse. Mas isso ofenderia os povos que o abasteciam de petróleo... e que compravam seus armamentos, como as minas que mataram e mutilaram milhares de civis.

— Você não compreende, Indra. Muitas vezes, não tínhamos escolha: não podíamos reformar o mundo inteiro. E alguém não disse, certa vez, que "a política é a arte do possível?"

— Justamente: e é por isso que só as cabeças de segunda classe ingressam nela. A genialidade gosta de desafiar o impossível.

— Bem, alegre-me que vocês tenham um bom suprimento de gênios, de modo que podem consertar as coisas.

— Será que estou percebendo um toque de sarcasmo? Graças aos nossos computadores, podemos fazer experimentos políticos no espaço cibernético antes de testá-los na prática. Lênin não teve sorte; nasceu um século antes da hora. O comunismo russo poderia ter funcionado, pelo menos por algum tempo, se dispusesse de micro-chips. E se tivesse conseguido evitar Stalin.

Era constante a surpresa de Poole com o conhecimento que Indra demonstrava de sua época — e com sua ignorância sobre muitas coisas que ele dava como certas. De certo modo, ele tinha o problema inverso. Mesmo que vivesse os cem anos que lhe tinham sido confiantemente prometidos, jamais aprenderia o bastante para se sentir à vontade. Em qualquer conversa, sempre haveria referências que ele não compreenderia e piadas cujo sentido lhe escaparia. Pior ainda, ele sempre se sentiria à beira de uma gafe — prestes a criar uma catástrofe social que envergonhasse até os melhores de seus novos amigos...

... Como na ocasião em que estava almoçando, felizmente em sua própria casa, com Indra e o Professor Anderson. As refeições que saíam do autochef, o cozinheiro automático, eram sempre perfeitamente aceitáveis, tendo sido projetadas para atender a suas necessidades fisiológicas. Mas, com certeza não tinham nada de excitante, e teriam levado ao desespero um gourmet do século XXI.

Então, um belo dia, surgiu um prato incomumente saboroso, que trouxe vividas lembranças da caça ao veado e dos churrascos de sua juventude. Mas havia algo pouco familiar no sabor e na textura, de modo que Poole fez a pergunta óbvia.

Anderson apenas sorriu, mas, por alguns segundos, Indra pareceu prestes a vomitar. Então, refez-se e disse: — Conte a ele, mas depois que eu tiver terminado de comer.

E agora, que fiz eu de errado? — perguntou-se Poole. Meia hora depois, com Indra ostensivamente absorta num painel de vídeo no extremo oposto da sala, seu conhecimento do Terceiro Milênio fez outro grande avanço.

— Comer cadáveres já estava saindo de moda mesmo em sua época — explicou Anderson. — Criar animais para... argh!... comê-los tornou-se economicamente inviável. Não sei quantos acres de terra eram necessários para alimentar um boi, mas pelo menos dez seres humanos poderiam sobreviver das plantas que eles produzissem. E provavelmente uns cem, com as técnicas hidropônicas.

— Mas o que pôs fim a toda essa história terrível — prosseguiu Anderson — não foi a economia, e sim as doenças. Começou pelo gado, depois se espalhou entre outros animais de

corde: uma espécie de vírus, creio, que afetava o cérebro e causava uma morte particularmente terrível. Embora tenham acabado descobrindo a cura, era tarde demais para retroceder no tempo; e, de qualquer modo, a essa altura os alimentos sintéticos já eram muito mais baratos e podiam ser obtidos em qualquer sabor desejado.

Relembrando as semanas de refeições satisfatórias, mas sem nada de especial, Poole tinha grandes reservas a esse respeito. Afinal, indagou-se, por que continuava a sonhar com costeletas e filés cordon bleu?

Outros sonhos eram muito mais perturbadores, e ele temia que, em pouco tempo, tivesse de recorrer à assistência médica de Anderson. Apesar de tudo o que vinha sendo feito para que se sentisse à vontade, a estranheza e a mera complexidade desse novo mundo estavam começando a pesar sobre ele. Durante o sono, como que num esforço inconsciente de escapar, era freqüente ele voltar a sua vida anterior; quando acordava, porém, isso só fazia piorar as coisas.

Não fora boa idéia viajar até a Torre da América e divisar lá embaixo, na realidade, e não na simulação, a paisagem de sua juventude. Com a ajuda de instrumentos ópticos, quando o tempo estava claro, era possível chegar tão perto que ele conseguia ver seres humanos cuidando de seus afazeres, às vezes em ruas de que se lembrava...

E num canto escondido da mente, havia sempre aquela ciência de que ali tinham vivido, um dia, todas as pessoas a quem ele amara. Mamãe, papai (antes de ele ir embora com aquela Outra Mulher), os queridos tio George e tia Lil, o irmão Martin e, não menos importante, uma sucessão de cachorros, a começar pelos filhotes fofinhos de sua tenra infância, culminando com Rikki.

Acima de tudo, havia a lembrança — e o mistério — de Helena...

Tudo começara como um romance casual, nos primeiros dias de seu treinamento astronáutico, mas fora se tornando cada vez mais sério com o correr dos anos. Pouco antes de sua partida para Júpiter, os dois haviam planejado torná-lo permanente... quando ele voltasse.

E, se isso não ocorresse, Helena desejava ter um filho dele. Poole ainda se lembrava da mescla de solenidade e hilaridade com que haviam tomado as providências necessárias...

Agora, mil anos depois e apesar de todos os seus esforços, ele não conseguira descobrir se Helena cumprira sua promessa. Assim como hoje havia lacunas em sua memória, elas também existiam na história coletiva da humanidade. A pior delas fora a criada pelo devastador pulso eletromagnético do impacto do asteróide de 2304, que eliminara um grande percentual das informações dos bancos de dados mundiais, a despeito de todas as cópias de reserva e sistemas de segurança. Poole não conseguia deixar de se indagar se os registros relativos a seus descendentes teriam estado entre todos os exabytes irremediavelmente perdidos. Ainda hoje, era possível que descendentes seus da trigésima geração estivessem andando pela Terra, mas ele nunca saberia.

De pouco adiantava ter descoberto que, ao contrário de Aurora, algumas damas da era atual não o encaravam como uma mercadoria danificada. Ao contrário, era comum acharem muito excitante sua alteração, ainda que essa reação ligeiramente bizarra lhe tornasse impossível estabelecer qualquer relacionamento estreito. Nem ele estava ansioso por isso; tudo de que realmente precisava era do ocasional exercício sadio e inconseqüente.

Inconseqüente — aí é que estava o problema. Ele já não tinha nenhum objetivo na vida. E era oprimido pelo peso de lembranças em demasia; parafraseando o título de um livro famoso que

lera na juventude, era freqüente dizer a si mesmo: "Sou um estranho numa época estranha." Havia até ocasiões em que fitava lá embaixo o belo planeta no qual, se obedecesse às ordens do médico, nunca poderia voltar a pisar, e imaginava como seria travar contato com o vazio do espaço pela segunda vez. Embora não fosse fácil atravessar as câmaras de compressão sem disparar algum alarme, havia quem já o tivesse feito: a cada punhado de anos, algum suicida decidido fazia uma breve aparição meteórica na atmosfera da Terra.

Talvez fosse uma boa coisa a libertação estar a caminho, vinda de uma direção completamente inesperada.

— É um prazer conhecê-lo, Comandante Poole, pela segunda vez.

— Desculpe-me, não estou lembrado... é que conheço tanta gente...

— Não precisa se desculpar. A primeira vez foi perto de Netuno.

— Capitão Chandler, que grande prazer vê-lo! Posso oferecer-lhe alguma coisa do autochef?

— Qualquer coisa com mais de vinte por cento de álcool estará ótima.

— E que faz o senhor de volta à Terra? Disseram-me que nunca chega abaixo da órbita de Marte.

— É quase verdade: embora eu tenha nascido aqui, acho o lugar sujo, malcheiroso... gente demais!... chegando a um bilhão outra vez!

— Mais de dez bilhões, no meu tempo. A propósito, recebeu minha mensagem de agradecimento?

— Recebi, e sei que deveria ter entrado em contato com o senhor. Mas esperei até estar de novo aqui para os lados do Sol. Portanto, eis-me aqui. A sua saúde!

Enquanto o capitão dava cabo de sua bebida com impressionante rapidez, Poole tentou analisar seu visitante. As barbas — mesmo os pequenos cavanhaques, como o de Chandler — eram raríssimas nessa sociedade, e ele jamais conhecera um astronauta que as usasse: não condiziam com os capacetes espaciais. É claro que um capitão podia passar anos entre uma Atividade Extra Veicular e outra e, de qualquer modo, quase todos os trabalhos externos eram feitos por robôs; mas havia sempre o risco do inesperado, quando as pessoas tinham de se vestir às pressas. Obviamente, Chandler era uma espécie de excêntrico, e o coração de Poole o acolheu calorosamente.

— O senhor não respondeu a minha pergunta. Se não gosta da Terra, que está fazendo aqui?

— Ah, mais revendo velhos amigos: é uma maravilha esquecer as demoras de horas e conversar em tempo real! Mas essa não é a razão, é claro. Minha velha charanga enferrujada está recebendo uns reparos lá no estaleiro da Orla. E a blindagem tem de ser substituída; quando fica com poucos centímetros de espessura, não consigo dormir direito.

— Blindagem?

— Escudo contra a poeira. Não havia esse problema no seu tempo, não é? Mas o ambiente é sujo lá para os lados de Júpiter, e nossa velocidade normal de cruzeiro é de vários milhares de quilômetros... por segundo! Por isso, há um leve tamborilar constante, como gotas de chuva no telhado.

— O senhor está brincando!

— E claro que sim. Se pudessemos realmente ouvir alguma coisa, estaríamos mortos. Por sorte, esse tipo de inconveniente é muito raro: o último acidente grave foi há vinte anos. Todos conhecemos as rotas dos cometas principais, onde fica a maior parte do lixo, e tomamos o cuidado de evitá-las... a não ser quando estamos igualando sua velocidade para

transportar gelo. Mas, por que o senhor não vem a bordo e dá uma espiada, antes de partirmos para Júpiter?

— Eu ficaria encantado... o senhor disse Júpiter?

— Bem, Ganimedes, é claro: a Cidade de Anúbis. Temos um bocado de negócios por lá e muitos de nós têm família, que ninguém vê há meses.

Poole mal conseguia ouvi-lo.

De repente, inesperadamente — e talvez fosse mais do que hora — havia encontrado uma razão para viver.

O Comandante Frank Poole era o tipo de homem que detestava deixar uma tarefa por concluir, e era pouco provável que uns grãos de poeira cósmica, mesmo se deslocando a mil quilômetros por segundo, o desencorajassem.

Ele tinha assuntos inacabados no mundo um dia conhecido como Júpiter.

## II . GOLIATH

### 14. Adeus à Terra

"Tudo o que você quiser — dentro dos limites do razoável", tinham-lhe dito. Frank Poole não sabia ao certo se seus anfitriões considerariam que voltar a Júpiter era um pedido razoável; a rigor, ele mesmo não tinha muita certeza e estava começando a reconsiderar a idéia.

Já havia marcado uma porção de compromissos, com semanas de antecedência. Ficaria feliz em faltar à maioria deles, mas havia alguns que lamentaria cancelar. Em especial, detestava decepcionar a turma de veteranos de seu antigo ginásio — que coisa espantosa que ele ainda existisse! — na visita que ela planejava fazer-lhe no mês seguinte.

Entretanto, sentiu-se aliviado — e um tanto surpreso — quando Indra e o Professor Anderson concordaram em que seria uma excelente idéia. Pela primeira vez, deu-se conta de que eles vinham-se preocupando com sua saúde mental; talvez umas férias da Terra fossem o melhor tratamento possível.

E, mais importante que tudo, o Capitão Chandler ficara encantado. "Pode ficar com a minha cabine", havia prometido. "Chutarei minha primeiro-piloto para fora da dela." Havia momentos em que Poole se perguntava se Chandler, com seu cavanhaque e sua irreverência, não seria outro anacronismo. Era fácil imaginá-lo na ponte de comando de um surrado navio de três mastros, sob uma bandeira com a caveira e duas tíbias cruzadas tremulando lá em cima.

Uma vez tomada a decisão, tudo andou com surpreendente rapidez. Ele havia acumulado pouquíssimas posses, e era menor ainda o número das que precisaria levar. As mais importantes eram a Srta. Pringle, sua mistura de secretária e alter ego eletrônicos, que era hoje o armazém de suas duas vidas, e a pequena pilha de memórias em terabytes que a acompanhavam.

A Srta. Pringle não era muito maior do que os assistentes pessoais portáteis de sua época e costumava morar, como o Colt 45 do Velho Oeste, num coldre para saques rápidos, preso a sua cintura. Podia comunicar-se com ele por áudio ou pela Touca, e seu dever primordial era funcionar como filtro de informações e intermediária entre Poole e o mundo externo. Como qualquer boa secretária, ela sabia responder da forma apropriada "Vou passar sua ligação para ele agora", ou, com muito mais freqüência: "Lamento, mas o Sr. Poole está ocupado. Queira gravar seu recado e entraremos em contato assim que possível." Em geral, isso queria dizer nunca.

Haveria pouquíssimas despedidas: embora as conversas em tempo real fossem impossíveis, em função da velocidade de cágado das ondas de rádio, ele manteria contato constante com Indra e Joe, os únicos verdadeiros amigos que fizera.

Com certa surpresa, Poole se deu conta de que sentiria falta de seu enigmático mas útil

"camareiro", pois agora teria de se haver sozinho com todas as pequenas tarefas do cotidiano. Danil curvou-se ligeiramente quando os dois se despediram, mas, afora isso, não deu sinal de emoção quando eles fizeram a longa viagem ascendente até a curva externa da roda que circundava o mundo, 36.000 quilômetros acima da África central.

\*\*\*

— Não tenho muita certeza de que você vá gostar da comparação, Dim, mas, sabe o que a Goliath me lembra?

Os dois eram agora tão bons amigos que Poole podia usar o apelido do Capitão — mas só quando não havia mais ninguém por perto.

— Alguma coisa pouco elogiosa, na certa.

— Até que não. Mas quando eu era pequeno, topei com uma pilha de revistas velhas de ficção científica que meu tio George havia abandonado; eram chamadas de "pasquins", por causa do papel barato em que eram impressas... e a maioria já estava caindo aos pedaços. Tinham umas capas espalhafatosas esplêndidas, que mostravam planetas e monstros estranhos... e, é claro, naves espaciais! A medida que fui ficando mais velho, percebi como aquelas naves eram ridículas. Costumavam ser impulsioneadas por foguetes, mas nunca havia o menor sinal de tanques propulsores! Algumas tinham fileiras de janelas da proa à popa, como os transatlânticos. Uma das minhas favoritas tinha uma imensa cúpula de vidro... era uma estufa espacial...

— Bem, aqueles velhos artistas foram quem riu por último; é uma pena que nunca tenham chegado a saber. A Goliath é mais parecida com seus sonhos do que aqueles tanques de combustível voadores que costumávamos lançar de Cabo Canaveral. Seu empuxo inercial ainda me parece bom demais para ser verdade: nenhum suporte visível, alcance e velocidade ilimitados... às vezes fico pensando que quem está sonhando sou eu!

Chandler riu e apontou para a paisagem do lado de fora.

— Aquilo lhe parece um sonho?

Era a primeira vez que Poole via um horizonte de verdade desde que chegara à Cidade Estelar, e não ficava tão distante quanto havia esperado. Afinal, ele estava na orla externa de uma roda com sete vezes o diâmetro da Terra, de modo que a vista do topo daquele mundo artificial devia estender-se por várias centenas de quilômetros...

Ele costumava ser bom em aritmética de cabeça — coisa rara já em sua época e, provavelmente, muito mais rara agora. A fórmula para calcular a distância do horizonte era simples: raiz quadrada do dobro da altura, multiplicada pelo raio — tipo da coisa que nunca esquecia, nem querendo...

Vamos ver, estamos a uma altura de uns oito metros... portanto, raiz de 16, essa é fácil! Digamos que o raio seja 40.000... vamos tirar esses três zeros, para transformar tudo em quilômetros... quatro vezes raiz de 40... hum... pouco mais de 25...

Bem, vinte e cinco quilômetros eram uma bela distância e, com certeza, nenhum espaçoporto da Terra jamais parecera tão imenso. Mesmo sabendo perfeitamente o que esperar, era estranho assistir à decolagem de espaçonaves que tinham muitas vezes o tamanho de sua perdida Discovery, não apenas sem nenhum som, mas também sem nenhum meio de propulsão visível. Embora Poole sentisse saudade do furor e das chamas das antigas contagens regressivas, tinha de admitir que aquilo era mais limpo, mais eficiente... e muito mais seguro.

O mais estranho, porém, era estar sentado ali na Orla, na própria Órbita Geo-estacionária — e

sentir peso! Poucos metros adiante, fora da janela da minúscula sala de observação, robôs da manutenção e uns poucos seres humanos em trajes espaciais iam deslizando suavemente na execução de suas tarefas; dentro da Goliath, no entanto, o campo inercial mantinha a gravidade padrão de Marte.

— Tem certeza de que não quer mudar de idéia, Frank? — perguntou o Capitão Chandler, em tom de brincadeira, ao sair em direção à ponte. — Ainda faltam dez minutos para a ascensão.

— Eu não faria muito sucesso se mudasse, não é? Mas não, como se dizia nos velhos tempos, compromisso é compromisso. Pronto ou não pronto, aqui vou eu.

Poole sentiu necessidade de ficar sozinho quando a propulsão foi acionada, e a minúscula tripulação — apenas quatro homens e três mulheres — respeitou seu desejo. Talvez imaginassem como ele devia estar-se sentindo ao deixar a Terra pela segunda vez em mil anos — e, mais uma vez, para enfrentar um destino desconhecido.

Júpiter-Lúcifer estava do outro lado do Sol, e a linha quase reta da órbita da Goliath os levaria para as imediações de Vênus. Poole ansiava por ver com os próprios olhos, sem a ajuda de instrumentos, se o planeta gêmeo da Terra estava começando a corresponder a essa descrição, após séculos de terraformação.

De uma altitude de mil quilômetros, a Cidade Estelar parecia uma gigantesca tira de metal em volta do equador terrestre, pontilhada de guindastes móveis, cúpulas de pressão, andaimes com naves semiconcluídas, antenas e outras estruturas mais enigmáticas. Ia diminuindo rapidamente à medida que a Goliath avançava rumo ao Sol e, pouco depois, Poole pôde ver como era incompleta: havia lacunas imensas, cobertas apenas por uma teia de andaimes, que provavelmente nunca seriam totalmente fechadas.

E então eles começaram a descer abaixo do plano do anel; eram meados de inverno no Hemisfério Norte, de modo que o halo delgado da Cidade Estelar inclinava-se mais de vinte graus em relação ao Sol. Poole já conseguia ver as Torres da América e da Ásia, quais fios brilhantes que se estendiam para fora e para longe, além da bruma azulada da atmosfera.

Mal teve consciência do tempo enquanto a Goliath ganhava velocidade, deslocando-se mais depressa do que qualquer cometa que já tivesse caído do espaço interestelar para os lados do Sol. A Terra, quase cheia, ainda ocupava todo o seu campo visual e, nesse momento, ele pôde ver toda a extensão da Torre da África, que tinha sido seu lar na vida que estava abandonando agora — talvez para sempre, não pôde deixar de pensar.

Quando estavam a cinquenta mil quilômetros de distância, ele enxergou a totalidade da Cidade Estelar, como uma elipse estreita circundando a Terra. Embora o lado oposto mal fosse discernível, como um luminoso fio de cabelo contra o fundo estrelado, era assombroso pensar que a raça humana havia colocado nos céus aquela marca.

E então Poole recordou os anéis de Saturno, infinitamente mais gloriosos. Os engenheiros astronáuticos ainda teriam um longo caminho pela frente para conseguirem equiparar-se aos feitos da Natureza.

Ou de Teos, se era essa a palavra certa.

## 15.O Trânsito de Vênus



Quando acordou na manhã seguinte, já estavam em Vênus. Mas o imenso e deslumbrante crescente do planeta ainda envolto em nuvens não era o objeto mais impressionante do céu: a Goliath flutuava sobre uma vastidão interminável de laminado de prata enrugado, que rebrilhava à luz do sol em padrões sempre cambiantes, à medida que a nave se deslocava ao longo de seu comprimento.

Poole lembrou que, em sua época, houvera um artista que embrulhava prédios inteiros em folhas de plástico: como adoraria essa oportunidade de empacotar bilhões de toneladas de gelo num envoltório cintilante! Só dessa maneira é que se podia proteger da evaporação o núcleo de um cometa, em sua viagem de décadas em direção ao Sol.

— Você está com sorte, Frank — disse-lhe Chandler. — Isso é uma coisa que eu mesmo nunca vi. Deve ser espetacular. O impacto está previsto para daqui a pouco mais de uma hora. Demos um empurrãozinho nele, para ter certeza de que descera no lugar certo. Não queremos que ninguém se machuque.

Poole voltou os olhos para ele, atônito.

— Quer dizer que já existe gente em Vênus?

— Uns cinqüenta cientistas malucos, perto do Pólo Sul. E claro que estão bem protegidos, mas devemos dar-lhes uma pequena chacoalhada, mesmo que a Área Zero fique do outro lado do planeta. Ou talvez eu devesse dizer "Atmosfera Zero", já que se passarão dias até que alguma coisa além da onda de choque chegue à superfície.

A medida que o iceberg cósmico, cintilando e reluzindo em seu envoltório protetor, minguava na distância em direção a Vênus, Poole foi tomado por uma pungente e súbita lembrança. As árvores de Natal de sua infância costumavam ser adornadas com enfeites exatamente como aquele, bolas delicadas de vidro colorido. E a comparação não era completamente absurda: para muitas famílias da Terra, essa ainda era a época certa para dar presentes, e a Goliath estava levando para outro mundo um presente de valor inestimável.

A imagem da torturada paisagem venusiana no radar — seus vulcões esquisitos, suas cúpulas em forma de panqueca e seus desfiladeiros estreitos e sinuosos — dominava a tela principal do centro de controle da Goliath, mas Poole preferia o testemunho de seus próprios olhos. Embora o ininterrupto mar de nuvens que encobria o planeta nada revelasse do inferno lá embaixo, ele queria ver o que aconteceria quando ocorresse o impacto do cometa roubado. Em questão de segundos, as miríades de toneladas de hidratos congelados que vinham acumulando velocidade há décadas, na corrida descendente iniciada em Netuno, desprenderiam toda a sua energia...

O clarão inicial foi ainda mais luminoso do que ele havia esperado. Como era estranho que um míssil de gelo pudesse gerar temperaturas que deviam estar na casa das dezenas de milhares de graus! Embora os filtros da janela de observação absorvessem todos os perigosos comprimentos de onda mais curtos, o azul intenso da bola de fogo proclamava que ela era mais quente do que o Sol.

Esfriou-se rapidamente ao se expandir, passando pelo amarelo, laranja, vermelho... Agora, a onda de choque devia estar-se difundindo à velocidade do som — e que som deveria ser! — de modo que, dentro de poucos minutos, deveria haver alguma indicação visível de sua passagem pela face de Vênus.

E lá estava ela! Apenas um minúsculo anel preto, como uma insignificante baforada de fumaça, que não dava o menor indício da fúria ciclônica que devia estar-se difundindo

explosivamente a partir do ponto de impacto. Enquanto Poole o observava, ele se foi ampliando lentamente, embora, em função de sua escala, não houvesse qualquer sensação de movimento visível: Poole teve de esperar um minuto inteiro para ter certeza de que o anel havia aumentado.

Passados quinze minutos, entretanto, era a marca mais destacada no planeta. Embora muito mais tênue — um cinza sujo, em vez de preto — a onda de choque já era um círculo esfarrapado com mais de mil quilômetros de diâmetro. Poole conjecturou que ele perdera sua simetria original ao passar pelas grandes cadeias de montanhas lá embaixo.

A voz do Capitão Chandler ecoou animadamente no interfone da nave.

— Vou colocá-los em contato com a Base Afrodite. Apraz-me dizer que eles não estão gritando socorro.

"... sacudiu um pouco, mas foi só o que esperávamos. Os monitores já indicam um pouco de chuva nos montes Nokomis: logo se evaporará, mas já é um começo. E parece ter havido uma inundação na Fenda de Hécate; é bom demais para ser verdade, mas estamos verificando. Lá se formou um lago temporário de água fervente depois da última entrega..."

Não os invejo, pensou Poole com seus botões, mas certamente os admiro. Eles provam que o espírito de aventura ainda existe nessa sociedade, talvez cômoda e bem ajustada demais.

"... e, mais uma vez, obrigado por depositarem esse pacotinho no lugar certo. Com sorte, e se conseguirmos colocar aquela tela solar em órbita sincrônica, teremos alguns mares permanentes dentro de pouco tempo. Então poderemos implantar uns bancos de coral, para produzir cal e absorver o excesso de CO2 da atmosfera... espero viver para ver!

Espero que você consiga, pensou Poole em silenciosa reverência. Ele mergulhara muitas vezes nos mares tropicais da Terra, admirando criaturas esquisitas e coloridas, amiúde tão bizarras que era difícil acreditar que se pudesse encontrar alguma coisa mais estranha, mesmo nos planetas de outros sóis.

— Pacote entregue no prazo e recebimento confirmado — disse o Capitão Chandler, com evidente satisfação. — Adeus, Vênus. Ganimedes, lá vamos nós.

SRTA. PRINGLE

ARQUIVE - WALLACE

Alô, Indra. É, você tinha toda razão. Sinto falta de nossas briguinhas. Chandler e eu nos damos muito bem e, a princípio, a tripulação me tratou — você vai achar isso engraçado — como uma espécie de relíquia sagrada. Mas estão começando a me aceitar e até já começaram a mexer comigo (conhece essa expressão?).

E chato não poder conversar em tempo real — atravessamos a órbita de Marte, de modo que o trajeto de ida e volta das ondas de rádio já leva mais de uma hora. Mas há uma vantagem — você não poderá me interromper...

Embora deva levar apenas uma semana para chegarmos a Júpiter, achei que teria tempo para relaxar. Que nada, senti comichão nos dedos e não resisti a voltar à escola. Assim, reiniciei o treinamento básico numa das minicápsulas da Goliath. Talvez Dim até me deixe fazer uma saída solo...

Ela não é muito maior do que as cápsulas da Discovery, mas, que diferença! Antes de mais nada, é claro, não utiliza foguetes: mal consigo me acostumar com o luxo do empuxo inercial e

do autonomia ilimitada. Poderia voar de volta à Terra, se fosse preciso, embora eu provavelmente ficasse — lembra-se da expressão que usei certa vez, e cujo sentido você adivinhou? — "doido para me mexer".

A maior diferença, no entanto, é o sistema de controle. Foi um grande desafio acostumar-me à operação não-manual — e o computador teve de aprender a reconhecer minhas ordens faladas. De início, ele perguntava de cinco em cinco minutos: "Tem certeza de que é isso que quer dizer?". Sei que seria melhor eu usar a Touca, mas ainda não tenho completa confiança naquela geringonça. Não estou certo de que venha realmente a me acostumar a ter uma coisa lendo minha mente...

A propósito, a cápsula se chama Falcon. E um nome bonito, e fiquei decepcionado ao ver que ninguém a bordo sabia que ele remonta às missões Apollo, quando pousamos na Lua pela primeira vez...

Hã-hã... havia muitas outras coisas que eu queria dizer, mas o comandante está chamando. De volta à sala de aulas. Amor e apago.

ARMAZENE

TRANSMITA

Alô, Frank, Indra chamando — se é assim que se diz! —, em minha nova Redatora de Pensamentos — a velha teve um colapso nervoso, há, há! — portanto, uma porção de erros... sem tempo para editar antes de mandar. Espero que você consiga entender.

COMSET! Canal um, hã... três, gravando a partir de doze e trinta... correção, treze e trinta. Desculpe...

Espero poder mandar consertar o aparelho antigo — conhecia todos os meus atalhos e abrevs. — talvez eu deva ser psicanalisada, como na sua época... nunca entendi como aquele disparate fraudiano... ha, ha, ha... quero dizer, freudiano, durou tanto tempo...

Isso me lembra... deparei com uma defin. do fim do século XX um dia desses, talvez você a ache divertida... era mais ou menos assim... aspas... Psicanálise: doença contagiosa surgida em Viena circa 1900... agora extinta na Europa, mas com surtos ocasionais entre norteamericanos ricos. Fecha aspas. Gostou?

Desculpe de novo... problemas com as Redadoras de Pensamento... difícil manter a concentração...

Xz 12L w888 8\*\*\*\*\* js9812yebdc DROGA ... PARE... CÓPIA

DE RESERVA

Fiz alguma coisa errada? Vou tentar de novo.

Você mencionou Danil... desculpe, sempre nos esquivamos de suas perguntas sobre ele... sabíamos que estava curioso, mas tínhamos bons motivos... lembra-se que um dia o chamou de "indigente"?... nada mal como palpite!...

Um dia você me perguntou sobre criminalidade hoje em dia... eu disse que qualquer interesse nisso é patológico... talvez instigado pelos intermináveis programas de televisão doentios de sua época — nunca consegui assistir a mais do que alguns minutos... enojante!

PORTA — ATENDA! — AH!, OI, MELINDA — DESCULPE — SENTE-SE — QUASE TERMINANDO...

Isso... crime. Sempre algum... Nível de ruído irreduzível da sociedade. Que fazer?

Sua solução — presídios. Fábricas de perversão patrocinadas pelo Estado... manter um preso custa dez vezes a renda familiar média! Loucura completa... Obviamente, algo muito errado com as pessoas que mais clamavam por novas prisões — deviam ser psicanalisadas! Mas, sejamos justos... realmente sem alternativa antes do aperfeiçoamento da monitoração e controle eletrônicos — você devia ver as multidões alegres derrubando os muros das prisões na época — nada parecido desde Berlim, cinqüenta anos antes!

Ah, sim, Danil. Não sei qual foi o crime dele... não lhe contaria se soubesse... mas presumo que seu perfil psíq. indicava que ele daria um bom... como era a palavra?... dinheiro... não, camareiro. Muito difícil conseguir gente para certas tarefas... não sei o que faríamos se nível de criminalidade zero! De qualquer modo, espero que ele seja descontrolado dentro em breve e volte à sociedade normal.

DESCULPE, MELINDA, QUASE NO FIM.

É isso, Frank, lembranças a Dimitri... vocês devem estar a meio caminho de Ganimedes — fico imaginando se algum dia desmentirão Einstein, para podermos conversar pelo espaço em tempo real!

Espero que esta máquina se habitue comigo depressa. Caso contrário, estarei procurando autêntico antigo processador de textos do século XX... Você acredita que houve época em que até dominei aquela maluquice de QWERT-POIUY de que vocês levaram uns duzentos anos para se livrar?

Saudades e adeus.

Oi, Frank, aqui estou eu de novo. Ainda aguardando confirmação de recebimento de minha última mensagem...

E estranho que você esteja rumando para Ganimedes ao encontro de meu velho amigo Ted Khan. Bem, talvez não haja tanta coincidência nisso: ele foi atraído pelo mesmo enigma que você...

Primeiro, preciso dizer-lhe uma coisa sobre ele. Seus pais fizeram uma sujeira ao lhe dar o nome de Theodore. A abreviação disso — nunca o chame assim! — é Theo. Entende o que quero dizer?

Sempre me pergunto se é isso que o move. Não conheço outra pessoa que tenha desenvolvido tamanho interesse — não, obsessão — pela religião. E melhor avisá-lo: ele pode ser um chato.

A propósito, como estou indo? Sinto falta de minha velha Redatora de Pensamentos, mas pareço estar começando a controlar esta máquina. Não dei nenhuma — como é que vocês as chamavam? — rata... mancada... gafe... pelo menos até agora...

Não tenho certeza se devo dizer-lhe isso, caso você o deixe escapar por acidente, mas meu apelido particular para Ted é "O último dos jesuítas". Você deve saber alguma coisa sobre eles — a Ordem ainda era muito atuante em sua época.

Pessoas surpreendentes — muitas vezes, grandes cientistas, estudiosos esplêndidos — fizeram um bem enorme, assim como causaram imensos danos. É uma das supremas ironias da história... pesquisadores sinceros e brilhantes do saber e da verdade, mas com toda a sua filosofia irremediavelmente distorcida pela superstição...

Xuedn2k3jn deer 21 eidj dwpp

Droga. Emocionei-me e perdi o controle. Um, dois, três, quatro... agora é hora de todos os homens de bem acudir em socorro do partido... está melhor assim.

Seja como for, Ted tem esse mesmo tipo de determinação dos espíritos elevados; não entre em nenhuma discussão com ele — ele o esmagará como um rolo compressor.

Aliás, que eram os rolos compressores? Usados para passar roupa? Imagino que isso seria muito desconfortável...

Problema com as Redatoras de Pensamentos... muito fácil derivar por todas as direções, por mais que a gente tente se disciplinar... é uma coisa a se dizer em defesa dos teclados, afinal... com certeza eu já disse isso antes...

Ted Khan... Ted Khan... Ted Khan.

Ele ainda é famoso na Terra por pelo menos dois de seus ditos: "A civilização e a religião são incompatíveis" e "Fé é acreditar no que se sabe não ser verdade". A rigor, não acho que este segundo seja original; se for, é o mais perto que ele chegou de uma piada. Ted nunca deu um sorriso quando experimentei uma de minhas favoritas com ele... espero que você não a tenha ouvido antes... é óbvio que data de sua época...

Um reitor está reclamando com os membros de seu corpo docente. "Por que é que vocês, cientistas, precisam de equipamentos tão caros? Não podem ser como o Departamento de Matemática, que só precisa de um quadro negro e uma cesta de papéis? Ou, melhor ainda, como o Departamento de Filosofia, que nem precisa da cesta de papéis?..." Bem, talvez Ted conheça essa... Acho que a maioria dos filósofos conhece...

De qualquer modo, dê-lhe minhas lembranças — e não entre, repito, não entre em nenhuma discussão com ele!

Saudades e melhores votos da Torre da África.

TRANSCREVER. ARMAZENAR. TRANSMITIR — POOLE

## 16. A Mesa do Comandante

A chegada de um passageiro tão ilustre provocara certa agitação no mundinho da Goliath, mas a tripulação se adaptara a ela com bom humor. Todos os dias, às 18:00 horas, a equipe inteira se reunia para jantar na sala dos oficiais, que, com gravidade inferior a zero, era capaz de abrigar confortavelmente pelo menos trinta pessoas, se elas se distribuíssem com uniformidade ao longo das paredes. Na maioria das vezes, porém, as áreas de trabalho da nave eram mantidas na gravidade lunar, de modo que havia um chão indiscutível — e mais de oito corpos equivaliam a uma multidão.

A mesa semicircular que se desdobrava ao redor do autochef na hora das refeições era a conta certa para acomodar toda a tripulação de sete membros, ficando o Capitão no lugar de honra. Uma pessoa a mais criava um problema tal que, a partir desse momento, alguém tinha de comer sozinho em todas as refeições. Após muitas discussões bem-humoradas, ficou decidido que a escolha seria feita em ordem alfabética — não dos nomes próprios, que quase nunca eram usados, mas dos apelidos. Poole levava algum tempo para se acostumar com eles: Bolts (engenharia de estruturas); Chips (computadores e comunicações); First (primeiro-piloto);

Life (apoio médico e suportes vitais); Props (propulsão e energia); e Stars (órbitas e navegação).

Durante a viagem de dez dias, ouvindo as histórias, piadas e reclamações de seus companheiros temporários de tripulação, Poole aprendeu mais sobre o Sistema Solar do que durante seus meses na Terra. Era óbvio que todos a bordo estavam encantados por ter um ouvinte novo e talvez ingênuo como atenta platéia de um espectador só, mas Poole raramente se deixava tapear pelas histórias mais fantasiosas.

No entanto, às vezes era difícil saber onde estava a diferença. Ninguém acreditava realmente no Asteróide Dourado, que costumava ser visto como um embuste do século XXIV. Mas, que dizer dos plasmóides mercurianos, relatados por pelo menos uma dúzia de testemunhas fidedignas nos últimos quinhentos anos?

A explicação mais simples era que estariam relacionados com os relâmpagos esféricos, responsáveis por muitos dos comunicados sobre "Objetos Voadores Não Identificados" na Terra e em Marte. Mas alguns observadores juravam que eles haviam demonstrado intencionalidade — e até um caráter inquisitivo — quando vistos de perto. Absurdo, respondiam os céticos: simples atração eletrostática!

Como seria inevitável, isso levava a discussões sobre a vida no Universo, e Poole se descobriu — não pela primeira vez — defendendo sua era por seus extremos de credulidade e ceticismo. Embora a mania de "Os alienígenas estão entre nós" já houvesse diminuído quando ele era garoto, ainda na década de 2020 a Agência Espacial era atormentada por lunáticos que afirmavam ter sido contatados — ou seqüestrados — por visitantes de outros mundos. Seus delírios eram reforçados pela exploração sensacionalista dos meios de comunicação e, mais tarde, toda essa síndrome passara a ser cultuada na literatura médica como "Doença de Adamski".

A descoberta do AMT-1, paradoxalmente, pusera fim a esse absurdo lamentável, ao demonstrar que, embora realmente houvesse inteligência noutros lugares, fazia vários milhões de anos que ela não parecia interessar-se pela humanidade. O AMT-1 também havia refutado de modo convincente o punhado de cientistas que afirmavam que a vida acima do nível bacteriano era um fenômeno tão improvável, que a raça humana estava sozinha nesta Galáxia — se não no Cosmo.

A tripulação da Goliath estava mais interessada na tecnologia do que na política e na economia da era de Poole, e exibia um fascínio especial pela revolução que havia ocorrido durante sua própria vida: o fim da era dos combustíveis fósseis, desencadeado pelo controle da energia do vácuo. Eles tinham dificuldade de imaginar as cidades sufocadas pelo smog no século XX, assim como o desperdício, a ganância e os aterradores desastres ambientais da Era do Petróleo.

— Não me culpem — disse Poole, rebatendo combativamente uma rodada de críticas. — Afinal, vejam a confusão feita pelo século XXI.

Houve em torno da mesa um coro de "O que você quer dizer com isso?".

— Bem, assim que começou a chamada Era da Energia Infinita, e que todos passaram a dispor de milhares de quilowatts de energia barata e limpa para brincar, vocês sabem o que aconteceu!

— Ah, você está se referindo à Crise Térmica. Mas isso foi resolvido.

— É, acabou sendo... depois que vocês cobriram metade da Terra com refletores para rebater

para o espaço o calor do Sol. Caso contrário, ela teria ficado tão superaquecida quanto é Vênus hoje em dia.

O conhecimento que a tripulação tinha da história do Terceiro Milênio era tão surpreendentemente restrito, que Poole, graças à instrução intensiva que recebera na Cidade Estelar, muitas vezes a surpreendia com detalhes de acontecimentos ocorridos séculos depois de sua época. Entretanto, sentiu-se lisonjeado ao constatar a familiaridade dos membros com o diário de bordo da Discovery, que se transformara num dos registros clássicos da Era Espacial. Eles o viam tal como Poole teria encarado uma saga dos vikings; muitas vezes, ele precisava lembrar a si mesmo que no tempo estava a meio caminho entre a Goliath e os primeiros navios a cruzarem o oceano ocidental.

— No seu Dia 86 — recordou-lhe Astro no jantar da quinta noite, — vocês passaram a dois mil quilômetros do asteroide 7794 e lançaram uma sonda nele. Está lembrado?

— É claro que sim — respondeu Poole, em tom meio brusco. — Para mim, isso aconteceu há menos de um ano.

— Hum... desculpe. Bem, amanhã chegaremos ainda mais perto do 13.445. Quer dar uma olhada? No automático e com congelamento da moldura, deveremos ter uma janela com uma abertura de dez milissegundos inteiros.

Um centésimo de segundo! Aqueles minutos na Discovery já tinham parecido caóticos, mas, agora, tudo aconteceria dez vezes mais depressa...

— De que tamanho ele é? — perguntou Poole.

— Trinta por vinte por cinqüenta metros — respondeu Astro. — Parece um tijolo gasto.

— Lamento não termos uma bala para atirar nele — disse Prop. — Vocês pensaram em algum momento que o 7794 pudesse responder ao disparo?

— Nunca nos ocorreu. Mas aquilo deu aos astrônomos uma porção de informações úteis, de modo que valeu o risco... De qualquer modo, um centésimo de segundo não chega a parecer justificar o trabalho. Mesmo assim, obrigado.

— Entendo. Quem viu um asteroide já viu...

— Não é verdade, Chips. Quando estive em Eros...

— Como já nos contou pelo menos umas doze vezes...

A mente de Poole desligou-se da discussão, que se transformou num pano de fundo feito de ruídos sem sentido. Estava a mil anos no passado, recordando o único evento excitante da missão da Discovery antes do desastre final. Embora ele e Bowman tivessem plena ciência de que o 7794 era apenas um pedaço de rocha sem vida e sem ar, aquele conhecimento não chegara a lhes afetar os sentimentos. Era a única matéria sólida que iriam encontrar do lado de cá de Júpiter, de modo que eles o haviam fitado com as emoções dos marinheiros numa longa viagem marítima, contornando um litoral no qual não pudessem desembarcar.

Ele girava lentamente, uma ponta sobre a outra, e havia tiras matizadas de luz e sombra que se distribuíam ao acaso por sua superfície. Vez por outra, cintilava como uma janela distante, quando os planos ou as saliências de material cristalino luziam ao sol...

Poole também recordou a tensão crescente enquanto os dois esperavam para ver se sua mira fora precisa. Não era fácil atingir um alvo tão pequeno, a dois mil quilômetros de distância, deslocando-se a uma velocidade relativa de vinte quilômetros por segundo.

E então, na parte escurecida do asteroide, houvera uma súbita e estonteante explosão de luz. A bala minúscula — puro Urânio 238 — o havia atingido com velocidade meteórica: numa

fração de segundo, toda a sua energia cinética se transformara em calor. Uma baforada de gás incandescente fizera uma breve irrupção no espaço, enquanto as câmeras da Discovery registravam as linhas espectrais que iam esmaecendo com rapidez, à procura da reveladora assinatura dos átomos reluzentes. Poucas horas depois, na Terra, os astrônomos souberam pela primeira vez qual era a composição da crosta de um asteroide. Não tinha havido grandes surpresas, mas várias garrafas de champanhe haviam passado de mão em mão.

Pessoalmente, o Capitão Chandler pouco participava das discussões muito democráticas ao redor de sua mesa semicircular: parecia contentar-se em deixar que sua tripulação relaxasse e expressasse seus sentimentos naquele clima informal. Havia apenas uma regra não escrita: nada de assuntos sérios na hora das refeições. Se houvesse algum problema técnico ou operacional, seria preciso cuidar dele noutro lugar.

Poole ficara surpreso — e meio chocado — ao descobrir que o conhecimento que a tripulação tinha dos sistemas da Goliath era muito superficial. Com frequência, fizera perguntas que deveriam ser respondidas com facilidade, mas fora encaminhado aos bancos de memória da própria nave. Passado algum tempo, entretanto, percebeu que o tipo de formação aprofundada que recebera em sua época já não era possível: havia um número demasiadamente grande de sistemas complexos para que qualquer homem ou mulher pudesse dominá-los. Os diversos especialistas tinham apenas de saber o que seu equipamento fazia, e não como. A confiabilidade decorria da redundância e da verificação automática, e a intervenção humana tendia muito mais a ser prejudicial do que a fazer contribuições positivas.

Felizmente, não houve necessidade de nenhuma intervenção nessa viagem: ela transcorreria tão sem incidentes quanto qualquer comandante poderia esperar, quando o novo sol, Lúcifer, passou a dominar o horizonte.



# III. OS MUNDOS DE GALILEU

(Excerto, apenas texto, Guia Turístico do Sistema Solar Externo, v. 219.3)

Ainda hoje, os gigantescos satélites do que um dia foi Júpiter representam um grande mistério para nós. Por que é que quatro mundos, orbitando o mesmo planeta primário e sendo de dimensões tão semelhantes, mostram-se tão diferentes na maioria dos outros aspectos?

Apenas no caso de Io, o planeta mais interno, existe uma explicação convincente. Ele está tão próximo de Júpiter que as marés gravitacionais que agitam constantemente seu interior geram quantidades colossais de calor — tamanhas, na verdade, que a superfície de Io é semi-derretida. Trata-se do mundo de maior atividade vulcânica do Sistema Solar; os mapas de Io têm duração de apenas décadas.

Embora nenhuma base humana permanente tenha sido estabelecida num ambiente tão instável, houve numerosos pousos e há uma monitoração contínua por robôs. (Quanto ao destino trágico da Expedição de 2571, ver Beagle 5.)

Europa, o segundo mais próximo de Júpiter, era todo coberto de gelo, originalmente, e exibia poucas características superficiais, a não ser por uma complexa rede de fissuras. As forças das marés que dominam Io foram muito menos poderosas nele, mas produziram calor suficiente para dar ao satélite Europa um oceano global de água em estado líquido, no qual evoluíram muitas estranhas formas de vida. (Ver as Naves Tsien, Galaxy e Universe.) Desde a transformação de Júpiter no mini-sol Lúcifer, praticamente toda a cobertura de gelo de Europa se derreteu e o vulcanismo em larga escala criou diversas ilhotas.

Como se sabe, não houve nenhum pouso em Europa em quase mil anos, mas o satélite está sob supervisão constante.

Ganimedes, a maior lua do Sistema Solar (diâmetro de 5.260 quilômetros), também foi afetada pela criação de um novo sol, e suas regiões equatoriais são quentes o bastante para suportar formas de vida terrestres, embora ela ainda não tenha uma atmosfera respirável. A maior parte de sua população dedica-se ativamente à formação de terra e à pesquisa científica; o principal povoado é a Cidade de Anúbis (41.000 habitantes), próxima do Pólo Sul.

Calisto, por sua vez, é totalmente diferente. Toda a sua superfície é coberta por crateras de impacto de todas as dimensões, tão numerosas que chegam a se superpor. O bombardeio deve ter prosseguido por milhões de anos, pois as crateras mais recentes obliteraram por completo as anteriores. Não há nenhuma base permanente em Calisto, mas fundaram-se ali diversas estações automáticas.

## 17. Ganimedes

Era raro Frank Poole dormir demais, porém alguns sonhos estranhos o tinham mantido

desperto. O passado e o presente misturavam-se de maneira inextricável; ora ele estava na Discovery, ora na Torre da África — e às vezes, era de novo um menino, em meio a amigos que julgava ter esquecido há muito tempo.

Onde estou? — perguntou-se enquanto lutava por recobrar a consciência, como um nadador tentando voltar à superfície. Havia uma janelinha logo acima de sua cama, coberta por uma cortina sem espessura suficiente para barrar por completo a luz que vinha de fora. Houvera uma época, por volta de meados do século XXI, em que as aeronaves eram lentas o bastante para contar com acomodações de primeira classe para se dormir. Poole nunca havia experimentado esse luxo nostálgico, que algumas empresas de turismo ainda anunciavam mesmo em sua época, mas era fácil imaginar que era isso o que estava fazendo agora.

Puxou a cortina e olhou para fora. Não, ele não havia acordado nos céus da Terra, embora a paisagem que se estendia lá embaixo não fosse diferente da Antártida. Mas o Pólo Sul nunca se gabara de ter dois sóis, ambos se erguendo ao mesmo tempo, enquanto a Goliath rumava em direção a eles.

A nave descrevia uma órbita a menos de cem quilômetros acima do que parecia ser um imenso campo arado, com leves salpicos de neve. Mas o lavrador devia ter estado bêbado, ou o sistema de orientação devia ter enlouquecido, pois os sulcos descreviam meandros em todas as direções, que às vezes cortavam uns aos outros ou se fechavam em torno deles mesmos. Aqui e ali, o terreno era pontilhado de círculos tênues — crateras-fantasmas de impactos de meteoros ocorridos eras antes.

Então, este é Ganimedes, pensou Poole, sonolento. O mais longínquo posto avançado da humanidade! Por que haveria uma pessoa sensata de querer viver ali? Bem, pensei nisso muitas vezes ao sobrevoar a Groenlândia ou a Islândia no inverno...

Houve uma batida na porta, um "Posso entrar?", e foi o que fez o Capitão Chandler, sem esperar resposta.

— Achei melhor deixá-lo dormir até pousarmos; aquela festa de encerramento da viagem realmente durou mais do que eu pretendia, mas eu não podia correr o risco de um motim por interrompê-la. Poole deu uma risada. — Já houve algum motim no espaço? — Ah, um bocado... mas não no meu tempo. Já que mencionamos o assunto, pode-se dizer que o Hal deu início a essa tradição... desculpe, talvez eu não devesse... olhe: lá está a Cidade de Ganimedes!

Despontava no horizonte o que parecia ser um padrão axadrezado de ruas e avenidas que se cruzavam quase em ângulos retos, mas com a ligeira irregularidade característica de qualquer povoado que cresce por acumulação, sem um planejamento central. Era cortado em dois por um rio largo — Poole lembrou-se de que as regiões equatoriais de Ganimedes eram agora suficientemente quentes para que existisse água em estado líquido — que lhe trouxe à lembrança uma antiga xilogravura da Londres medieval.

E então, notou que Chandler o fitava com uma expressão divertida... e a ilusão desapareceu, quando ele se deu conta da escala da "cidade".

— Os ganimedeanos — disse secamente — devem ter sido muito grandes, para fazer estradas com cinco a dez quilômetros de largura.

— Vinte, em alguns lugares. Impressionante, não é? E é tudo resultado da expansão e contração do gelo. A Mãe Natureza é engenhosa... Eu poderia mostrar-lhe alguns padrões que parecem ainda mais artificiais, embora não sejam tão grandes quanto esse.

— Quando eu era garoto, houve uma grande agitação em torno de um rosto surgido em Marte. Naturalmente, constatou-se que se tratava de uma montanha esculpida por tempestades de areia... há muitas desse tipo nos desertos da Terra.

— Não houve alguém que disse que a história sempre se repete? O mesmo tipo de absurdo se deu com a Cidade de Ganimedes — alguns birutas afirmaram que ela fora construída por alienígenas. Mas acho que não vai durar muito mais.

— Por quê? — perguntou Poole, surpreso.

— Já começou a desmoronar, à medida que Lúcifer vai derretendo a crosta ondulada. Você não reconhecerá Ganimedes dentro de mais cem anos... lá está a margem do lago Gilgamesh... se olhar com cuidado, ali à direita...

— Entendo o que você quer dizer. O que está acontecendo... mas, com certeza, a água não está fervendo, mesmo a essa baixa pressão, não é?

— Usinas eletrolíticas. Sei lá quantos zilhões de quilos de oxigênio por dia. E claro que o hidrogênio sobe e se perde... esperamos.

A voz de Chandler foi baixando até silenciar. Depois, ele recomeçou, num tom incomumente tímido: — Toda aquela linda água lá embaixo... Ganimedes não precisa nem de metade! Não conte a ninguém, mas venho craneando o jeito de levar parte dela para Vênus.

— E mais fácil do que rebocar cometas?

— No que diz respeito à energia, é; a velocidade de escape de Ganimedes é de apenas três quilômetros por segundo. E é muito, muito mais rápido: anos, em vez de décadas. Mas há umas dificuldades de ordem prática...

— Posso avaliar. Você a atiraria longe com um lança-massa?

— Não, não... usaria torres que se erguessem pela atmosfera, como as da Terra, só que muito menores. Bombearíamos a água até o topo, depois a congelaríamos quase até o zero absoluto, e deixaríamos que Ganimedes a atirasse na direção certa, pela rotação. Haveria uma certa perda por evaporação no trajeto, mas a maior parte chegaria... qual é a graça?

— Desculpe, eu não estava rindo da idéia, ela faz bastante sentido. Mas é que você me trouxe à cabeça uma lembrança muito vívida. Costumávamos ter um regador de jardim gira do por seus jatos d'água. O que você está planejando é a mesma coisa... em escala ligeiramente maior ... usando um mundo inteiro...

De repente, outra imagem do passado obliterou tudo o mais. Poole recordou como, naqueles tempos no Arizona, ele e Rikki adoravam perseguir um ao outro em meio às nuvens móveis de névoa que vinham do lento esguicho giratório do regador do jardim.

O Capitão Chandler era um homem muito mais sensível do que fingia ser: sabia quando era hora de partir.

Tenho de voltar para a ponte — disse em tom brusco. — Vejo você quando descermos em Anúbis.

## 18. Grande Hotel

O Grande Hotel Ganimedes — inevitavelmente conhecido em todo o Sistema Solar como o

"Granimedes" — decerto não era grandioso, e teria sorte se obtivesse a classificação de uma estrela e meia na Terra. Mas, como a concorrência mais próxima ficava a várias centenas de milhões de quilômetros, a gerência sentia pouca necessidade de empenhar-se.

Mesmo assim, Poole não tinha do que se queixar, embora muitas vezes desejasse ainda ter Danil por perto, para ajudá-lo na mecânica da vida e numa comunicação mais eficiente com os aparelhos semi-inteligentes que o cercavam. Ele havia passado por um breve momento de pânico quando a porta se fechara atrás do mensageiro (humano) do hotel, aparentemente deslumbrado demais com seu visitante famoso para lhe explicar como funcionava qualquer dos serviços do quarto. Após cinco minutos de fala infrutífera com paredes que não respondiam, Poole finalmente estabelecera contato com um sistema que compreendia seu sotaque e suas ordens. Que notícia "intermundial" não teria dado aquilo: ASTRONAUTA HISTÓRICO MORRE DE FOME, PRESO NUM QUARTO DE HOTEL GANIMEDES!

E teria sido uma dupla ironia. Talvez o nome da única suíte de luxo do Granimedes fosse inevitável, mas fora um verdadeiro choque deparar com um antigo holograma, em tamanho natural, de seu velho companheiro de tripulação, trajando seu uniforme completo, quando Poole foi conduzido à... Suíte Bowman. Chegou até mesmo a reconhecer a imagem usada: seu próprio retrato oficial fora feito na mesma época, dias antes do início da missão.

Ele logo descobriu que a maioria dos demais tripulantes da Goliath tinha arranjos domésticos em Anúbis, e todos ansiavam por que conhecesse seus Outros Significativos durante a planejada permanência de 24 horas da nave. Quase que de imediato, foi apanhado na vida social e profissional daquele povoado de fronteira, e a Torre da África é que lhe pareceu então um sonho distante.

Como muitos norte-americanos, Poole abrigava no fundo do coração uma afeição secreta pelas pequenas comunidades em que todos se conhecem — no mundo real, e não no mundo virtual do ciberespaço. Anúbis, com uma população fixa menor que a de sua saudosa Flagstaff, não se aproximava nada mal desse ideal.

As três principais cúpulas de pressão, cada qual com dois quilômetros de diâmetro, situavam-se num planalto de onde se avistava um campo de gelo que se estendia até a linha do horizonte. O segundo sol de Ganimedes — antes conhecido como Júpiter — jamais emitiria calor suficiente para derreter as calotas polares. Essa fora a principal razão para que se fundasse Anúbis numa região tão inóspita: era impro vável que as fundações da cidade desmoronassem por pelo menos vários séculos.

E no interior das cúpulas era fácil ficar totalmente indiferente ao mundo lá fora. Poole descobriu, ao dominar os mecanismos da Suíte Bowman, que tinha uma opção restrita mas impressionante de ambientes. Podia sentar-se sob as palmeiras numa praia do Pacífico, ouvindo o murmúrio suave das ondas, ou, se preferisse, o ronco de um furacão tropical. Podia sobrevoar lentamente os picos do Himalaia ou descer pelos imensos desfiladeiros do vale Mariner. Podia andar pelos jardins de Versalhes ou pelas ruas de meia dúzia de grandes cidades, em várias épocas amplamente espaçadas de sua história. Ainda que o Granimedes não fosse um dos hotéis mais altamente aclamados do Sistema Solar, exibia instalações que teriam deixado perplexos todos os seus predecessores mais famosos da Terra.

Mas era ridículo deixar-se levar pela nostalgia terrestre, quando ele viajara metade do Sistema Solar para visitar um estranho mundo novo. Depois de algumas experiências, Poole

chegou a um acordo, para seu deleite — e inspiração — nos momentos cada vez mais raros de lazer.

Para seu grande pesar, nunca estivera no Egito, de modo que era um encanto relaxar sob o olhar da Esfinge — tal como fora antes de sua controversa "restauração" — e observar os turistas escalando os blocos maciços da Grande Pirâmide. A ilusão era perfeita, salvo pela terra-de-ninguém onde o deserto se chocava com o carpete (ligeiramente gasto) da Suíte Bowman.

O céu, porém, era tal que nenhum olhar humano jamais fitara, até que se passassem cinco mil anos desde a colocação da última pedra em Giza. Mas não era uma ilusão: era a realidade complexa e sempre mutável de Ganimedes.

Uma vez que esse mundo — como seus companheiros — perdera sua rotação eras antes, por influência da atração das marés de Júpiter, o novo sol, nascido do gigantesco planeta, mantinha-se imóvel em seu céu. Um lado de Ganimedes ficava sob a luz perpétua de Lúcifer e, embora o hemisfério oposto fosse comumente designado como "Terra Noturna", esse nome era tão enganoso quanto a expressão, muito mais antiga, "a face escura da Lua". Tal como essa face distante da Lua, a "Terra Noturna" de Ganimedes contava com a brilhante luz do velho Sol durante metade de seu longo dia.

Por uma coincidência menos útil do que geradora de confusão, Ganimedes levava uma semana quase exata — sete dias e três horas — para percorrer a órbita de seu planeta primário. As tentativas de criar um calendário baseado em "Um dia medeano = uma semana terrestre" haviam gerado tamanho caos, que tinham sido abandonadas séculos antes. Como todos os outros habitantes do Sistema Solar, os residentes locais usavam a Hora Universal, identificando seus dias padronizados de 24 horas por números, em vez de nomes.

Como a atmosfera recém-nascida de Ganimedes ainda era extremamente fina e quase sem nuvens, o desfile de corpos celestes proporcionava um espetáculo interminável. Quando estavam em sua proximidade máxima, Io e Calisto pareciam ter metade do tamanho da Lua vista da Terra — mas isso era tudo o que tinham em comum. Io ficava tão perto de Lúcifer que levava menos de dois dias para percorrer celeremente sua órbita, e exibia um movimento visível até mesmo em questão de minutos. Calisto, a mais de quatro vezes a distância de Io, precisava de dois dias medeanos — ou 16 dias terrestres — para completar seu vagaroso circuito.

O contraste físico entre os dois mundos era ainda mais notável. O gélido Calisto quase não fora alterado pela transformação de Júpiter num mini-sol: ainda era um deserto de rasas crateras de gelo, tão compactas que não havia um só ponto do satélite inteiro que houvesse escapado de impactos múltiplos, na época em que o imenso campo gravitacional de Júpiter concorria com o de Saturno para recolher os detritos da parte externa do Sistema Solar. Desde então, salvo alguns tiros perdidos, nada havia acontecido durante bilhões de anos.

Já em Io acontecia alguma coisa toda semana. Como observara um piadista local, antes da criação de Lúcifer ele tinha sido o Inferno — e agora era o Inferno aquecido.

Muitas vezes, Poole solicitava um close daquela paisagem causticante e examinava as gargantas sulfurosas dos vulcões que remoldavam continuamente áreas maiores do que a África. Vez por outra, fontes incandescentes jorravam brevemente no espaço por centenas de quilômetros, como gigantescas árvores de fogo nascidas num mundo sem vida.

A medida que as torrentes de enxofre derretido se espalhavam, saindo dos vulcões e orifícios,

esse elemento versátil passava por um espectro estreito de tons de vermelho, laranja e amarelo, enquanto, qual um camaleão, se transformava em seus alótropos multicores. Antes do alvorecer da Era Espacial, ninguém jamais imaginara que esse mundo existisse. E, por mais fascinante que fosse examiná-lo de seu confortável posto de observação, Poole tinha dificuldade de acreditar que o homem se houvesse algum dia arriscado a pousar ali, onde até os robôs tinham medo de andar...

Muralha" de quilômetros de extensão, situada às margens do mar da Galiléia.

E ninguém tinha dúvidas de que, à sua maneira misteriosa, ele zelava pelo experimento a que dera início naquele mundo — tal como fizera na Terra, quatro milhões de anos antes.

## 19. A Loucura da Humanidade

SRTA. PRINGLE ARQUIVE — INDRA

Minha cara Indra, lamento não lhe haver mandado sequer uma mensagem verbal mais cedo — tenho a desculpa de praxe, claro, de modo que não vou perder tempo em dá-la.

Respondendo a sua pergunta, sim, sinto-me agora perfeitamente à vontade no Granimedes, mas passo cada vez menos tempo nele, embora goste do painel celeste que escolhi para minha suíte. Ontem à noite, o tubo de fluxo de Io apresentou um belo espetáculo — uma espécie de descarga de raios entre Io e Júpiter, quer dizer, Lúcifer. E bem parecido com a aurora terrestre, só que muito mais espetacular. Descoberta pelos radioastrônomos antes mesmo de eu nascer.

E, por falar nos velhos tempos, você sabia que Anúbis tem um xerife? Acho que isso é exagerar o espírito aventureiro. Faz lembrar as histórias que meu avô costumava me contar sobre o Arizona... Preciso contar algumas deles aos medeanos...

Talvez pareça tolice, mas ainda não me acostumei a estar na Suíte Bowman. Continuo espiando por cima do ombro...

Como é que passo o tempo? Exatamente como na Torre da África. Venho conhecendo a intelectualidade local, embora, como se poderia esperar, ela seja bem pouco numerosa (espero que ninguém esteja interceptando isto). E tenho interagido — em termos reais e virtuais — com o sistema educacional... muito bom, ao que parece, embora com uma orientação mais técnica do que você aprovaria. Coisa é inevitável, é claro, neste ambiente hostil...

Mas tem-me ajudado a compreender porque as pessoas vivem aqui. Há um desafio — uma sensação de haver um propósito, se você preferir — que raras vezes encontrei na Terra.

E verdade que a maioria dos medeanos nasceu aqui e, portanto, não conhece outro lar. Embora eles sejam — de modo geral — polidos demais para dizê-lo, parecem achar que o Planeta-Mãe está em decadência. Você acha? Se assim for, que é que vocês, terráqueos — como os chamam os residentes daqui — vão fazer a respeito? Uma das turmas de adolescentes que conheci espera despertá-los. Estão traçando complexos Planos Secretos para a Invasão da Terra. Não diga que não a avisei...

Fiz uma viagem à chamada Terra Noturna, fora de Anúbis, onde nunca se vê Lúcifer. Dez de

nós — Chandler, dois membros da tripulação da Goliath, seis medeanos e eu — fomos à Face Distante e acompanhamos a descida do Sol no horizonte, até anoitecer de verdade. Assombroso: muito parecido com os invernos polares da Terra, mas com o céu completamente negro... foi quase como se eu estivesse no espaço.

Pudemos ver perfeitamente todos os galileanos e vimos o Europa eclipsar — perdão, ocultar — Io. Naturalmente, a viagem tinha sido programada para uma ocasião em que pudéssemos observar isso...

Vários dos satélites menores também eram discretamente visíveis, mas a estrela dupla Terra-Lua era muito mais evidente. Será que senti saudade? Francamente, não — embora sinta falta de meus novos amigos daí...

E lamento dizer que ainda não conheci o Dr. Khan, embora ele já me tenha deixado diversos recados. Prometo fazê-lo nos próximos dias — dias da Terra, não medeanos!

Dê um abraço no Joe, lembranças a Danil, se souber o que é feito dele — será que voltou a ser uma pessoa real? — e, para você, todo o meu amor...

ARMAZENE TRANSMITA

Nos idos do século de Poole, era comum o nome de uma pessoa dar algum indício de sua aparência, mas isso já não acontecia depois de trinta gerações. O Dr. Theodore Khan revelou-se um louro nórdico, que talvez parecesse mais à vontade numa canoa viking do que devastando as estepes da Ásia Central; entretanto, não teria causado grande impacto em nenhum desses dois papéis, com seus menos de 150 centímetros de altura. Poole não conseguiu resistir a um pouco de psicanálise amadora: as pessoas baixinhas eram, muitas vezes, conquistadoras agressivas — o que, a julgar pelas pistas fornecidas por Indra, parecia ser uma boa descrição do único filósofo residente de Ganimedes. Era provável que Khan precisasse dessas qualificações para sobreviver numa sociedade de mentalidade tão prática.

A Cidade de Anúbis era pequena demais para contar com um campus universitário — luxo que ainda existia nos outros mundos, embora muitos acreditassem que a revolução das telecomunicações o tornara obsoleto. Em vez disso, a cidade contava com algo muito mais apropriado, além de séculos mais antigo: uma Academia completa, com um bosque de oliveiras que teria enganado o próprio Platão, até que ele tentasse percorrê-lo. Era evidente que a piada de Indra sobre a idéia de os departamentos de filosofia não precisarem de maiores equipamentos do que quadros negros não se aplicava a esse ambiente sofisticado.

— Ela foi construída para abrigar sete pessoas — disse orgulhosamente o Dr. Khan, quando os dois se acomodaram em cadeiras obviamente projetadas para não serem confortáveis demais, — porque isso é o máximo com que se pode interagir com eficiência. E, se você contar o fantasma de Sócrates, verá que esse era o número dos presentes quando Fé-don fez seu famoso discurso...

— Aquele sobre a imortalidade da alma?

Foi tão patente a surpresa de Khan que Poole não pôde deixar de rir.

— Fiz um curso rápido de filosofia pouco antes de me formar; quando planejaram o currículo, alguém resolveu que nós, os engenheiros casca-grossa, deveríamos ser expostos a um pouco de cultura.

— Muito me alegra saber. Isso torna as coisas muito mais fáceis. Sabe, ainda mal posso

acreditar em minha sorte. Sua chegada aqui quase me deixa tentado a acreditar em milagres! Cheguei até a pensar em ir à Terra conhecê-lo... será que a querida Indra lhe falou de minha... hã... obsessão?

— Não — respondeu Poole, faltando um pouco com a verdade.

O Dr. Khan pareceu muito satisfeito; estava visivelmente encantado por encontrar uma nova platéia.

— Talvez você tenha ouvido dizerem que sou ateu, mas não é bem verdade. O ateísmo é impossível de provar e, portanto, é desinteressante. Por mais improvável que seja isso, nunca podemos saber ao certo se Deus um dia existiu, e partiu agora para o infinito, onde jamais poderão encontrá-lo... Tal como o Gautama Buda, não assumo nenhuma posição a esse respeito. Meu campo de interesse é a psicopatologia conhecida como Religião.

— Psicopatologia? É um julgamento meio rigoroso...

— Amplamente justificado pela história. Imagine-se como um extraterrestre inteligente, interessado apenas nas verdades comprováveis. Você descobre uma espécie que se dividiu em milhares... não, a esta altura, em milhões de grupos tribais, que abrigam uma incrível variedade de crenças sobre as origens do universo e a maneira de se comportar nele. Embora muitos desses grupos tenham idéias em comum, mesmo quando há uma superposição de 99% destas, o 1% restante é o quanto basta para fazer com que eles matem e torturem uns aos outros por causa de aspectos triviais de doutrina, que não fazem o menor sentido para as pessoas de fora.

— Como explicar esse comportamento irracional? — prosseguiu. — Lucrécio acertou na mosca ao dizer que a religião era um subproduto do medo, uma reação a um universo misterioso e amiúde hostil. Durante boa parte da pré-história humana, talvez ela tenha sido um mal necessário, mas por que terá sido tão mais nociva que necessária, e por que sobreviveu quando já não era necessária?

— Eu disse um mal — continuou o Dr. Khan — e é isso mesmo que quero dizer, porque o medo leva à crueldade. O mais ínfimo conhecimento da Inquisição deixa-nos envergonhados de pertencer à espécie humana... Um dos livros mais revoltantes publicados até hoje foi O martelo das feiticeiras, escrito por uma dupla de perversos sádicos, que descrevia as torturas que a Igreja autorizava — incentivava! — para arrancar "confissões" de milhares de velhinhas inofensivas, antes de queimá-las vivas... O próprio Papa escreveu um prefácio aprovador!

— Mas a maioria das outras religiões — disse ainda o Dr. Khan — com poucas e honrosas exceções, foi tão ruim quanto o cristianismo... Mesmo no seu século, havia garotinhos que eram acorrentados e açoitados até decorarem volumes inteiros de uma lenga-lenga carola, e de quem se roubavam a infância e a virilidade para que se tornassem monges...

— Talvez o aspecto mais estarrecedor dessa história toda — acrescentou o Dr. Khan — tenha sido o fato de evidentes loucos, século após século, proclamarem que eles, e somente eles, tinham recebido mensagens divinas. Se todas essas mensagens se harmonizassem, isso resolveria a questão. Mas é claro que eram amplamente divergentes, o que nunca impediu os messias autoproclamados de reunirem centenas, às vezes milhões de adeptos, dispostos a lutar até a morte contra fiéis igualmente iludidos de um credo microscopicamente diferente.

Poole achou que era hora de introduzir uma palavrinha.

— O senhor me lembrou algo que aconteceu em minha cidade natal quando eu era criança. Um homem santo, entre aspas, instalou-se por lá, afirmou-se capaz de fazer milagres e, da noite



para o dia, arrebanhou uma multidão de devotos.

E não eram pessoas ignorantes nem analfabetas; muitas vezes, vinham das melhores famílias. Todos os domingos, eu costumava ver aqueles automóveis caros, estacionados ao redor do... hã... templo dele.

— Trata-se da "Síndrome de Rasputin", como foi chamada; existem milhões desses casos ao longo da história, em todos os países. E cerca de uma vez em cada mil o culto sobrevive por umas duas gerações. Que aconteceu nesse caso?

— Bem, a concorrência não ficou nada satisfeita e fez tudo que pôde para desacreditá-lo. Gostaria de conseguir lembrar seu nome... ele usava um longo nome hindu, Swami qualquer-coisa, mas a verdade é que vinha do Alabama. Um de seus truques era fazer surgirem objetos sagrados do nada e entregá-los a seus fiéis. Ocorre que o rabino local era mágico amador e deu algumas demonstrações públicas de como se fazia aquilo, exatamente. Não fez a menor diferença; os fiéis disseram que a magia de seu guru era real e que o rabino estava apenas com inveja. Certa vez, lamento dizê-lo, mamãe levou esse patife a sério... foi logo depois que meu pai foi embora, o que talvez tenha tido alguma coisa a ver com a história... e me arrastou para uma de suas sessões. Eu tinha apenas uns dez anos, mas achei que nunca vira ninguém de aspecto tão desagradável. Ele usava uma barba que poderia abrigar vários ninhos de passarinho, e provavelmente abrigava.

— Parece o modelo típico. Por quanto tempo vingou?

— Uns três ou quatro anos. Depois, teve de deixar a cidade às pressas: foi apanhado promovendo orgias com adolescentes. E claro que alegou que estava usando técnicas místicas de salvação da alma. E o senhor não vai acreditar...

— Experimente.

— Ainda assim, uma porção daqueles tapeados continuou a confiar nele- O deus deles não poderia agir mal, portanto, aquilo devia ter sido uma armação.

— Armação?

— Desculpe... provas forjadas para incriminá-lo, às vezes usadas pela polícia para apanhar criminosos, quando todas as outras possibilidades se esgotavam.

— Hum. Bem, o seu swami era perfeitamente típico, o que muito me decepciona. Mas serve para corroborar minha tese: a de que a maior parte da humanidade sempre foi louca, pelo menos durante uma parte do tempo.

— E uma amostra muito pouco representativa... um pequeno bairro de Flagstaff.

— Certo, mas eu poderia multiplicá-la aos milhares, não apenas em seu século, mas em todas as eras. Nunca houve nada, por mais absurdo que fosse, em que multidões de pessoas não se dispusessem a acreditar, muitas vezes com tamanha paixão que preferiam lutar até a morte a abandonar suas ilusões. Para mim, essa é uma boa definição operacional da insanidade.

— O senhor diria que qualquer pessoa com uma intensa fé religiosa era louca?

— Num sentido estritamente técnico, sim... se fosse realmente sincera, e não hipócrita. Como desconfio que era o caso de uns 90%.

— Tenho certeza de que o rabino Berenstein era sincero... e foi um dos homens mais sensatos que conheci, além de um dos melhores. E como é que o senhor explica isto: o único verdadeiro gênio que jamais conheci foi o Dr. Chandra, que conduziu o projeto do HAL. Certa vez, tive que entrar em seu escritório... não houve resposta quando bati, e achei que estava vazio. Ele estava rezando diante de um grupo de fantásticas estatuetas de bronze, envoltas em

flores. Uma delas parecia um elefante... outra tinha mais do que o número usual de braços... Fiquei muito sem graça, mas, por sorte, ele não me ouvira e saí pé ante pé. O senhor diria que ele era louco?

— O senhor escolheu um mau exemplo: os gênios geralmente o são! Portanto, digamos: não louco, mas mentalmente prejudicado, em função de um condicionamento infantil. Os jesuítas diziam: "Entreguem-me um menino por seis anos e ele será meu pela vida inteira." Se tivessem posto as mãos em Chandra em tempo hábil, quando menino, ele teria sido um católico fervoroso, em vez de hindu.

— Pode ser. Mas, estou intrigado: por que o senhor estava tão ansioso por me conhecer? Acho que nunca fui devoto de coisa alguma. Que tenho a ver com isso tudo?

Lentamente, e com o visível prazer de um homem que se livrava do pesado fardo de um segredo guardado por muito tempo, o Dr. Khan lhe explicou.

## 20. Apóstata

GRAVAR - POOLE

Olá, Frank... Com que, então, você finalmente conheceu Ted! É, pode chamá-lo de excêntrico, se definir isso como um entusiasta sem nenhum senso de humor. Mas os excêntricos geralmente ficam assim por conhecerem uma Grande Verdade — ouviu minhas maiúsculas? — que ninguém quer saber... Alegro-me que você o tenha escutado, e sugiro que o leve muito a sério.

Você disse ter ficado surpreso ao ver um retrato do Papa, exibido em lugar de destaque no apartamento de Ted. Deve ser o herói dele, Pio XX — estou certa de tê-lo mencionado a você. Procure-o na enciclopédia — costumam chamá-lo "o ímpio"! É uma história fascinante, um paralelo exato de algo que aconteceu pouco antes de você nascer. Você deve saber como Mikhail Gorbachov, o presidente do Império Soviético, promoveu sua dissolução no fim do século XX, denunciando seus crimes e excessos.

Ele não tencionava ir tão longe — tinha esperanças de reformá-lo, mas já não era possível. Jamais saberemos se Pio XX teve a mesma idéia, porque ele foi assassinado por um cardeal enlouquecido, logo depois de haver horrorizado o mundo ao abrir os arquivos secretos da Inquisição...

Os religiosos ainda estavam abalados com a descoberta do AMT-0, poucas décadas antes; isso teve um grande impacto em Pio XX, e com certeza influenciou seus atos...

Mas você ainda não me disse se Ted, aquele velho criptodeísta, acha que você pode ajudá-lo em sua busca de Deus. Creio que ainda está zangado com ele por se esconder tão bem. É melhor não dizer que lhe contei isso.

Pensando melhor, por que não?

Amor — Indra.

ARMAZENE

TRANSMITA

## SRTA. PRINGLE GRAVE

Oi, Indra! Tive outra reunião com o Dr. Ted, embora ainda não lhe tenha dito exatamente porque você acha que ele está zangado com Deus!

Mas tivemos umas discussões — não, diálogos — muito interessantes, embora ele fale a maior parte do tempo. Nunca pensei que tornaria a entrar na filosofia, depois de todos esses anos de engenharia. Talvez eu tivesse que passar por eles primeiro, para poder apreciá-la. Como será que ele me qualificaria como aluno?

Experimentei essa linha de abordagem ontem, para ver a reação dele. Talvez seja original, mas duvido. Achei que você gostaria de ouvi-la — estou interessado em seus comentários. Eis nossa discussão:

## SRTA. PRINGLE, COPIE O ÁUDIO 94.

— Certamente, Ted, você não há de negar que a maioria das grandes obras de arte humanas inspirou-se na devoção religiosa. Isso não prova alguma coisa?

— Prova, mas não de um modo que sirva de grande consolo aos fiéis! De tempos em tempos, as pessoas se distraem fazendo listas dos Maiores e Mais Grandiosos e Melhores... tenho certeza de que isso deve ter sido um passatempo popular em sua época.

— É claro que foi.

— Bem, houve algumas tentativas famosas de fazer a mesma coisa com as artes. E claro que essas listas não conseguem estabelecer valores absolutos, eternos, mas são interessantes e mostram como os gostos mudam de uma época para outra... A última lista que vi... foi na Rede de Arte da Terra, poucos anos atrás... dividia-se em Arquitetura, Música e Artes Plásticas. Lembro de alguns dos exemplos... o Parthenon, o Taj Mahal... A Toccata e Fuga de Bach foi a primeira na música, seguida pela Missa de Réquiem de Verdi. Nas artes plásticas, a Mona Lisa, é claro. Depois... não tenho certeza da ordem, um grupo de estátuas de Buda em algum lugar do Ceilão, e a máscara mortuária de ouro do jovem rei Tut.

— Mesmo que eu conseguisse lembrar de todos os outros, o que obviamente não consigo, isso não vem ao caso: o importante são seus antecedentes culturais e religiosos. De modo geral, não houve um predomínio de nenhuma religião isolada, exceto na música. E isso poderia dever-se a um acidente puramente tecnológico: o órgão e os outros instrumentos musicais pré-eletrônicos foram aperfeiçoados no Ocidente cristianizado. A coisa poderia ter sido muito diferente, se, por exemplo, os gregos ou os chineses houvessem encarado as má quinas como algo mais do que brinquedos. Mas, no que me interessa, o que realmente decide a questão é o consenso geral quanto à maior obra de arte humana. Repetidamente, em quase todas as listas, trata-se de Angkor Vat. No entanto, a religião que a inspirou extinguiu-se há séculos; ninguém sequer sabe com exatidão como era, a não ser pelo fato de que envolvia centenas de deuses, e não apenas um!

— Gostaria de ter podido dizer isso ao bom e velho rabino Berenstein; estou certo de que ele teria uma boa resposta.

— Não duvido. Eu mesmo gostaria de tê-lo conhecido. E me alegra que ele não tenha vivido para ver o que aconteceu com Israel.

FIM DO ÁUDIO

Bem, aí está, Indra. Gostaria que o Granimesdes tivesse Angkor Vat em seu cardápio — nunca a vi; mas não se pode ter tudo...

E agora, a pergunta que você realmente queria que fosse respondida: por que o Dr. Ted está tão contente com minha presença?

Como sabe, ele está convencido de que a chave de muitos mistérios encontra-se no Europa, onde ninguém teve permissão de descer durante mil anos.

Ele acha que eu talvez seja uma exceção. Acredita que tenho um amigo por lá. Isso mesmo, Dave Bowman, ou o que quer que ele seja agora...

Sabemos que ele sobreviveu ao ser atraído para o Irmão Mais Velho, o Monolito — e que, de algum modo, revisitou a Terra depois disso. Porém há mais coisas que eu não sabia. Muito pouca gente sabe, porque os medeanos ficam constrangidos ao falar do assunto...

Ted Khan passou anos coletando provas e, atualmente, tem plena certeza dos fatos, embora não saiba explicá-los. Pelo menos numas seis ocasiões, com um século de intervalo, observadores fidedignos aqui de Anúbis informaram ter visto uma... aparição... exatamente como aquela com que Heywood Floyd deparou a bordo da Discovery. Embora nenhum deles tivesse conhecimento daquele incidente, todos puderam identificar Dave quando lhes foi mostrado seu holograma. E houve outra visão a bordo de uma nave de inspeção que se aproximou muito do Europa, seiscentos anos atrás...

Tomados isoladamente, ninguém levaria esses casos a sério, mas, em conjunto, eles estabelecem um padrão. Ted tem certeza de que Dave Bowman está vivo sob alguma forma, presumivelmente associada ao Monolito a que chamamos Grande Muralha. E ainda está meio interessado em nossas questões.

Embora ele não tenha feito nenhuma tentativa de comunicação, Ted espera que possamos estabelecer algum contato. Acredita que sou o único ser humano capaz de fazê-lo...

Ainda estou tentando tomar uma decisão. Amanhã vou conversar sobre o assunto com o Capitão Chandler. Depois lhe informarei o que decidirmos. Amor, Frank.

ARMAZENE TRANSMITA – INDRA

## 21. Quarentena

— Você acredita em fantasmas, Dim?

— É claro que não; mas, como todo homem sensato, tenho medo deles. Por que pergunta?

— Se não era um fantasma, foi o sonho mais nítido que já tive. Ontem à noite, tive uma conversa com Dave Bowman.

Poole sabia que o Capitão Chandler o levaria a sério, se a ocasião o exigisse; e não se decepcionou.

— Interessante... mas há uma explicação óbvia. Você está morando aqui na Suíte Bowman, pelo amor de Teos! E você mesmo me disse que ela parece assombrada.

— Tenho certeza... bem, 99% de certeza... de que você tinha razão, e de que a coisa toda foi instigada pelas discussões que tenho tido com o Prof. Ted. Você conhece os relatos de que, de vez em quando, Dave Bowman aparece em Anúbis? Cerca de uma vez a cada cem anos?

Exatamente como apareceu ao Dr. Floyd a bordo da Discovery, depois que ela foi reativada.

— Que aconteceu por lá? Ouvi umas histórias vagas, mas nunca as levei a sério.

— O Dr. Khan, sim, e eu também; vi as gravações originais. Floyd está sentado em minha antiga cadeira, quando uma espécie de nuvem de poeira se forma atrás dele e vai-se moldando na cabeça de Dave. Depois, transmite-lhe aquela famosa mensagem, advertindo-o a ir embora.

— Quem não o faria? Mas isso foi há mil anos. Um bocado de tempo para forjar a coisa toda.

— Com que objetivo? Khan e eu a estivemos examinando ontem. Jogo minha vida como é autêntica.

— Pensando bem, concordo com você. E ouvi uns relatos...

A voz de Chandler foi sumindo e ele pareceu ligeiramente embaraçado.

— Muito tempo atrás, tive uma namorada aqui em Anúbis. Ela me contou que o avô tinha visto Bowman. Eu ri.

— E eu me pergunto se Ted terá essa visão em sua lista. Você poderia colocá-lo em contato com sua garota?

— Ahn... preferiria não fazê-lo. Há anos não nos falamos. Pelo que sei, ela pode estar na Lua, ou em Marte... De qualquer modo, por que o Professor Ted está interessado?

— Isso é o que eu realmente gostaria de discutir com você. — Seu tom é de alguma coisa sinistra. Vá em frente.

— Ted acha que Dave Bowman, ou o que quer que ele tenha passado a ser, talvez ainda exista... lá em cima, no Europa. — Depois de mil anos? — Bem, olhe para mim.

— Uma só amostra é má estatística, como dizia meu professor de matemática. Mas, continue.

— É uma história complicada, ou talvez seja um quebra-cabeças, com a maioria das peças faltando. Mas há um consenso de que alguma coisa crucial aconteceu com nossos ancestrais quando aquele Monolito apareceu na África, há quatro milhões de anos. Aquilo marcou um momento decisivo na pré-história... o primeiro surgimento de utensílios... e de armas... e da religião... Não pode ser pura coincidência. O Monolito deve ter feito alguma coisa conosco; certamente não teria apenas ficado por ali, aceitando passivamente a adoração...

— Ted gosta de citar um paleontólogo famoso que disse: "O AMT-0 nos deu um chute evolutivo no traseiro." Diz ele que o chute não foi numa direção totalmente desejável. Será que precisávamos tornar-nos tão mesquinhos e ruins para sobreviver? Talvez precisássemos... Do modo como o entendo, Ted acredita que há algo fundamentalmente errado na instalação de nosso cérebro, que nos torna incapazes de pensamento lógico sistemático. Para piorar as coisas, embora todas as criaturas precisem de uma certa dose de agressividade para sobreviver, parecemos ter muito mais do que o absolutamente necessário. E nenhum outro animal tortura seus semelhantes como fazemos. Será que isso é um acidente evolutivo, um azar genético?

— Também há um consenso de que o AMT-1 foi plantado na Lua para se manter a par do projeto, experimento, seja lá o que for, e fazer relatórios a Júpiter, o lugar mais óbvio para o Controle da Missão do Sistema Solar. Por isso é que outro Monolito, o Irmão Mais Velho, estava esperando ali. Fazia quatro milhões de anos que ele estava esperando, quando a Discovery chegou. Você concorda, até aqui?

— Concordo. Sempre achei que essa era a teoria mais plausível.

— E agora, vamos à parte mais especulativa. Ao que parece, Bowman foi tragado pelo Irmão Mais Velho, mas algo de sua personalidade parece haver sobrevivido. Vinte anos depois

daquele encontro com Heywood Floyd, na segunda expedição a Júpiter, eles tiveram outro contato a bordo da Universe, quando Floyd se integrou à tripulação para o encontro de 2061 com o Cometa de Halley. Pelo menos, é o que ele nos diz em suas memórias, embora estivesse com mais de cem anos quando as ditou.

— Talvez estivesse senil.

— Não segundo todos os depoimentos da época! Além disso, o que talvez seja ainda mais significativo, o neto dele, Chris, teve umas experiências igualmente esquisitas quando a Galaxy fez seu pouso forçado no Europa. E por fim, é lá que o Monolito, ou um dos Monolitos, se encontra agora! Cercado de europeanos...

— Estou começando a entender onde o Dr. Ted quer chegar. É aí que nós entramos: o ciclo inteiro recomeça. Os europeanos estão sendo preparados para o estrelato.

— Exatamente. Tudo se encaixa. Júpiter entrou em ignição para lhes dar um sol, para derreter seu mundo congelado. A advertência de que mantivéssemos distância, supostamente para não interferirmos no desenvolvimento deles...

— Onde foi que ouvi essa idéia antes? Mas, é claro, Frank, ela remonta a mil anos atrás, a sua própria época! "A Instrução Primordial"! Ainda damos boas gargalhadas com aqueles velhos programas do Jornada nas estrelas.

— Já lhe contei que um dia conheci alguns dos atores? Eles ficariam surpresos se me vissem agora... E sempre tive dúvidas a respeito dessa política de não-intervenção. O Monolito certamente a violou no que nos diz respeito, lá na África. Poderíamos argumentar que isso teve efeitos desastrosos...

— Portanto, mais sorte da próxima vez... no Europa! Poole riu, sem grande humor.

— Khan usou exatamente essas palavras.

— E o que ele acha que devemos fazer? Acima de tudo, onde é que você entra nessa história?

— Antes de mais nada, temos que descobrir o que está acontecendo realmente no Europa, e por quê. Ficar simplesmente a observá-lo do espaço não basta.

— Que mais podemos fazer? Todas as sondas que os medeanos mandaram para lá explodiram pouco antes de pousar.

— E, desde a missão de resgate da Galaxy, as naves tripuladas têm sido desviadas por algum campo de força, que ninguém consegue saber qual é. Isso é muito interessante: prova que o que quer que esteja lá é protetor, mas não maléfico. E aí é que está o ponto importante, deve ter algum modo de fazer uma varredura no que está a caminho. Sabe distinguir os robôs dos seres humanos.

— Melhor do que eu, às vezes. Vá em frente.

— Bom, o Ted acha que há um único ser humano capaz de chegar à superfície do Europa, porque seu velho amigo está lá e talvez tenha alguma influência junto às autoridades vigentes. O Capitão Dimitri soltou um assobio baixo e prolongado.

— E você está disposto a correr o risco?

— Estou. Que tenho a perder?

— Uma valiosa cápsula espacial, se entendo o que você tem em mente. E por isso que vem aprendendo a pilotar a Falcon?

— Bem, já que você tocou no assunto... essa idéia me ocorreu.

— Vou ter que pensar a respeito; admito que me interessou, mas há uma porção de problemas.

— Conhecendo você, tenho certeza de que eles não serão um obstáculo... se resolver me

ajudar.

## 22. Aventura

SRTA. PRINGLE — LISTE AS MENSAGENS PRIORITÁRIAS VINDAS DA TERRA GRAVE

Cara Indra: Não estou tentando ser dramático, mas esta talvez seja minha última mensagem de Ganimedes. Quando você a receber, estarei a caminho do Europa.

Embora tenha sido uma decisão repentina — e ninguém está mais surpreso do que eu — ponderei com muito cuidado. Como você deve ter imaginado, Ted Khan tem grande parte da responsabilidade nisso... deixe que ele lhe dê as explicações, se eu não voltar.

Por favor, não me entenda mal: não encaro isso, de modo algum, como uma missão suicida! Mas fui quase cem por cento convencido pelos argumentos de Ted, e ele despertou a tal ponto minha curiosidade, que eu jamais me perdoaria se rejeitasse essa oportunidade única na vida. Talvez eu devesse dizer "única em duas vidas"...

Estarei pilotando a pequena cápsula individual da Goliath, a Falcon. Como eu gostaria de poder fazer uma demonstração dela a meus antigos colegas da Administração Espacial! A julgar pelas últimas ocorrências registradas, o mais provável é que eu seja desviado do Europa antes de conseguir pousar. Mas até isso me ensinará alguma coisa...

E se ele — presumivelmente, o Monolito local, a Grande Muralha — resolver me tratar como às sondas robotizadas que destruiu no passado, jamais saberei. É um risco que estou disposto a correr.

Obrigado por tudo, e dê um grande abraço no Joe. Com amor, de Ganimedes — e logo, segundo espero, do Europa.

ARMAZENE TRANSMITA

# IV. O REINO DO ENXOFRE

## 23. Falcon

— O Europa está a uns quatrocentos mil k de Ganimedes neste momento — informou o Capitão Chandler a Poole. — Com o pé na tábua (obrigado por me ensinar essa expressão!) a Falcon poderia levá-lo até lá em uma hora. Mas eu não o recomendaria: nosso amigo misterioso poderia assustar-se com alguém chegando a essa velocidade.

— Concordo... e quero ter algum tempo para pensar. Vou levar pelo menos algumas horas. E ainda tenho esperança...

— A voz de Poole foi caindo no silêncio.

— Esperança de quê?

— De que eu possa estabelecer algum tipo de contato com Dave, ou seja lá o que for, antes de tentar pousar.

— E, é sempre uma grosseria aparecer sem ser convidado, até com pessoas que a gente conhece, que dirá com totais estranhos, como os europs. Talvez você deva levar uns presentes... que é que os antigos exploradores usavam? Acho que houve época em que espelinhos e contas faziam sucesso.

O tom brincalhão de Chandler não disfarçava sua real preocupação, tanto com Poole quanto com o valioso equipamento que ele tencionava tomar emprestado — e pelo qual, em última instância, o comandante da Goliath era responsável.

— Ainda estou tentando decidir como vamos proceder nessa história. Se você voltar como herói, quero me refestelar nos reflexos de sua glória. Mas, se perder a Falcon e a si próprio, que é que eu vou dizer? Que você roubou a cápsula quando não estávamos olhando? Acho que ninguém acreditaria. O Controle de Tráfego de Ganimedes é muito eficiente — tem que ser! Se você partisse sem aviso prévio, eles estariam no seu encalço em um microssegundo... bem, um milissegundo. Não há meio de você decolar sem que eu registre seu plano de vôo de antemão.

— Então é o que proponho fazer, a menos que consiga pensar em alguma coisa melhor.

— Você estará levando a Falcon para uma prova final de habilitação; todos sabem que já solou. Estará entrando numa órbita de dois mil quilômetros de altitude acima do Europa; não há nada de incomum nisso, as pessoas o fazem o tempo todo, e as autoridades locais não parecem objetar. Estimativa de tempo total de vôo: cinco horas, mais ou menos dez minutos. Se, de repente, você mudar de idéia sobre voltar para casa, ninguém pode fazer nada... pelo menos, ninguém em Ganimedes. Eu, é claro, farei uns barulhos indignados e direi que estou atônito com seus erros grosseiros de navegação, etc. etc. O que parecer melhor no futuro Tribunal de Inquérito.

— Será que chegaria a isso? Não quero fazer nada que lhe crie problemas.

— Não se preocupe; já é hora de termos um pouco de agitação por aqui. Mas só você e eu



sabemos desse esquema; procure não mencioná-lo à tripulação; quero que eles tenham.. como foi aquela outra expressão útil que você me ensinou?... uma "negabilidade plausível".

— Obrigado, Dim, sou realmente grato pelo que você está fazendo. E espero que nunca tenha que se lamentar por ter-me içado para bordo da Goliath, lá perto de Netuno.

\*\*\*

Poole teve dificuldade de não levantar suspeitas, pelo modo como se portou com seus novos colegas de tripulação enquanto eles preparavam a Falcon para o que seria, supostamente, um curto vôo de rotina. Só ele e Chandler sabiam que talvez não fosse nada disso.

Ainda assim, não estava rumando para o completo desconhecido, como tinham feito ele e Dave Bowman mil anos antes. Armazenados na memória da cápsula estavam os mapas de alta resolução de Europa, mostrando detalhes a uma distância de até poucos metros. Ele sabia exatamente para onde queria ir; faltava apenas descobrir se seria autorizado a romper a quarentena de séculos.

## 24. Escapada

— Controle manual, por favor.

— Tem certeza, Frank?

— Absoluta, Falcon... Obrigado.

Por mais ilógico que parecesse, grande parte da raça humana descobrira ser impossível não ser delicada com seus filhos artificiais, por mais simplórios que fossem. Volumes inteiros de psicologia, além de manuais populares (alguns dos títulos mais famosos eram Como não ferir os sentimentos de seu computador; Inteligência artificial, irritação real), tinham sido escritos sobre o tema da etiqueta homem-máquina. Havia muito tempo se decidira que, por mais inconseqüente que parecesse a rispidez com os robôs, ela devia ser desestimulada. Com extrema facilidade, poderia transpor-se também para as relações humanas.

A Falcon estava em órbita, exatamente como constava do plano de vôo, a uma distância segura de dois mil quilômetros acima do Europa. O crescente da lua gigantesca dominava o céu, e até a área não iluminada por Lúcifer estava tão brilhantemente inundada de luz pelo Sol, muito mais distante, que todos os detalhes eram claramente visíveis. Poole não precisou de nenhum auxílio óptico para ver sua planejada destinação, na margem ainda gelada do mar da Galiléia, não muito longe do esqueleto da primeira nave espacial a pousar naquele mundo. Embora os europeus houvessem há muito tempo retirado todos os seus componentes metálicos, a malfadada nave chinesa ainda servia de memorial para sua tripulação; e era apropriado que a única "cidade" — mesmo que alienígena — daquele mundo inteiro tivesse recebido o nome de "Tsienville".

Poole havia decidido descer sobre o mar e, em seguida, voar muito lentamente em direção a Tsienville, na esperança de que essa aproximação parecesse amistosa ou, pelo menos, não agressiva. Embora admitisse para si mesmo que isso era extremamente ingênuo, não conseguia pensar numa alternativa melhor.

E então, de repente, quando estava descendo abaixo do nível de mil quilômetros, houve uma

interrupção — não do tipo pelo qual havia ansiado, mas do tipo que era de esperar.

— Aqui é o Controle de Ganimedes chamando Falcon. Você se afastou de seu plano de vôo. Informe imediatamente o que está acontecendo.

Era difícil ignorar uma solicitação tão premente, mas, naquelas circunstâncias, parecia a melhor coisa a fazer.

Exatamente dez segundos depois, e cem quilômetros mais perto do Europa, Ganimedes repetiu sua mensagem. Mas uma vez, Poole a ignorou — mas Falcon, não.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Frank? — perguntou a cápsula. Embora Poole soubesse perfeitamente bem que estava imaginando coisas, seria capaz de jurar que havia um toque de ansiedade na voz dela.

— Plena certeza, Falcon. Sei bem o que estou fazendo. Claro que não era verdade e que, a qualquer momento,

novas mentiras talvez se fizessem necessárias, para uma platéia mais sofisticada.

As luzes indicadoras, raramente acionadas, começaram a piscar junto à borda do painel de controle. Poole sorriu com satisfação: tudo estava correndo conforme planejado.

— Aqui Controle de Ganimedes! Está me ouvindo, Falcon? Você está operando em manual, de modo que não posso ajudá-lo. Que está acontecendo? Você continua a descer em direção ao Europa. Por favor, informe imediatamente.

Poole começou a sentir uma ligeira dor na consciência. Julgou reconhecer a voz da Controladora e teve quase certeza de que se tratava de uma encantadora jovem que havia conhecido numa recepção oferecida pelo prefeito, logo depois de sua chegada a Anúbis. Ela parecia realmente assustada.

De repente, ocorreu-lhe um modo de aliviar a angústia da moça — e também de tentar uma coisa que, antes, havia descartado como absurda demais. Talvez, afinal, a tentativa fosse válida: por certo não faria mal algum, e talvez até funcionasse.

— Aqui é Frank Poole, chamando da Falcon. Estou perfeitamente bem, mas alguma coisa parece ter assumido o controle e está atraindo a cápsula para o Europa. Espero que vocês estejam recebendo isto — continuarei a transmitir enquanto for possível.

Bem, ele não havia realmente mentido para a inquieta controladora e, um dia, esperava poder olhá-la de frente, com a consciência tranqüila.

Continuou a falar, procurando soar sincero, em vez de beirando a verdade.

— Repito, aqui é Frank Poole, a bordo da cápsula Falcon, descendo em direção ao Europa. Presumo que alguma força externa tenha assumido o controle de minha nave e a fará pousar em segurança.

— Dave — prosseguiu, — aqui é Frank Poole, seu antigo companheiro de tripulação. É você a entidade que está me controlando? Tenho razões para crer que você está no Europa. Se assim é, estou ansioso por encontrá-lo, onde quer que esteja e seja você o que for.

Nem por um instante ele imaginou que houvesse qualquer resposta: até o Controle de Ganimedes parecia ter sido reduzido ao silêncio pelo susto.

No entanto, de certa maneira, ele obteve uma resposta. A Falcon continuou podendo descer em direção ao mar da Galiléia.

Europa estava apenas cinqüenta quilômetros abaixo; a olho nu Poole podia enxergar a estreita barra negra onde o maior dos Monolitos montava guarda, se é que realmente o fazia, nos arredores de Tsienville.

Nenhum ser humano tivera permissão de chegar tão perto, num intervalo de mil anos.

## 25. Fogo nas Profundezas

Durante milhões de anos aquele fora um mundo marinho, e seus mares ocultos tinham sido protegidos do vácuo espacial por uma crosta de gelo. Na maioria dos lugares, o gelo tinha quilômetros de espessura, mas havia frágeis linhas de fissura onde se havia rachado e aberto. Além disso, ocorrera um breve combate entre dois elementos implacavelmente hostis, que não entravam em contato direto em nenhum outro mundo do Sistema Solar. A guerra entre o Mar e o Espaço sempre acabava no mesmo impasse: a água exposta fervia e se congelava ao mesmo tempo, recompondo a armadura de gelo.

Sem a influência da proximidade de Júpiter, os mares do Europa ter-se-iam congelado por completo muito antes. Sua gravidade agitava continuamente o núcleo daquele pequeno mundo; as forças que convulsionavam Io também atuavam sobre ele, embora com muito menos ferocidade. Por toda parte, havia nas profundezas indícios daquele cabo-de-guerra entre o planeta e o satélite, no contínuo rugir e trovejar dos terremotos submarinos, no grito dos gases que escapavam do interior, nas ondas de pressão infrassônica das avalanches que varriam as planícies abissais. Comparados ao tumultuado oceano que cobria o Europa, até os ruidosos mares da Terra eram silenciosos.

Aqui e ali, espalhados pelos desertos das profundezas, havia oásis que seriam o assombro e o deleite de qualquer biólogo terrestre. Estendiam-se por quilômetros, ao redor de massas emaranhadas de tubos e chaminés depositados pelas salmouras minerais que jorravam do interior. Muitas vezes, eles criavam paródias naturais de castelos góticos, de onde pulsavam líquidos negros e escaldantes num ritmo lento, como que impulsionados pelas batidas de um coração poderoso. E, tal como o sangue, eram o sinal autêntico da própria vida.

Os líquidos fervilhantes rechaçavam o frio mortífero que vinha de cima e formavam ilhas de calor no leito marinho. E, o que era igualmente importante, traziam do interior do Europa todas as substâncias químicas da vida. Iguais oásis férteis, que ofereciam alimento e energia em abundância, tinham sido descobertos pelos exploradores dos oceanos terrestres do século XX. Aqui, faziam-se presentes numa escala infinitamente mais vasta e numa variedade muito maior.

Algumas estruturas, delicadas como teias de aranha e que pareciam análogas às plantas, floresciam nas zonas "tropicais" mais próximas das fontes de calor. Arrastando-se por entre elas havia lesmas e minhocas bizarras, algumas alimentando-se das plantas, outras tirando nutrientes diretamente das águas carregadas de minerais que as cercavam. A distâncias maiores das fogueiras submarinas ao redor das quais se aqueciam todas essas criaturas, viviam organismos mais resistentes e robustos, não muito diferentes dos caranguejos ou das aranhas.

Exércitos de biólogos poderiam passar a vida inteira estudando apenas um desses pequenos oásis. Ao contrário dos mares terrestres do Paleozóico, as profundezas europeanas não eram um meio estável, de modo que a evolução progredira com espantosa rapidez, produzindo

multidões de formas fantásticas. E todas viviam no mesmo estado indefinido de execução; mais cedo ou mais tarde, todas as fontes de vida se debilitariam e morreriam, à medida que as forças que as energizavam deslocassem seu foco para outros locais. Por todo o leito marinho europeano havia indícios dessas tragédias; inúmeras áreas circulares estavam repletas de esqueletos e dos restos de criaturas mortas, recobertos de incrustações minerais, onde capítulos inteiros da evolução tinham sido apagados do livro da vida. Algumas deixavam como única lembrança imensas conchas vazias, parecidas com trombetas retorcidas, maiores do que um homem. E havia muitas formas de moluscos, bivalves e até trivalves, além de padrões espiralados de pedra com muitos metros de extensão, exatamente como as belas amonitas que desapareceram misteriosamente dos oceanos da Terra no fim do Período Cretáceo.

Entre as grandes maravilhas das profundezas europeanas figuravam rios de lava incandescente, que brotavam das caldeiras dos vulcões submarinos. Tão grande era a pressão nessas profundidades que a água, em contato com o magma incandescente, não conseguia irromper em vapor, de modo que os dois líquidos coexistiam numa trégua inquieta.

Ali, num outro mundo e com atores estranhos, algo semelhante à história do Egito fora encenado, muito antes do advento do Homem. Assim como o Nilo levava vida a uma estreita faixa de deserto, também esse rio de calor vivificava as profundezas europeanas. Ao longo de suas margens, numa faixa que nunca ultrapassava alguns quilômetros de largura, uma espécie após outra tinha evoluído, florescido e desaparecido. E algumas deixaram monumentos permanentes.

Muitas vezes, estes não eram fáceis de distinguir das formações naturais em torno dos respiradouros térmicos e, mesmo quando claramente não se deviam à pura e simples química, era difícil dizer se constituíam um produto do instinto ou da inteligência. Na Terra, os cupins erguiam moradias quase tão impressionantes quanto qualquer uma das encontradas no vasto oceano singular que envolvia todo aquele mundo gelado.

Ao longo da estreita faixa de fertilidade nos desertos das profundezas, culturas e até civilizações inteiras poderiam ter tido sua ascensão e queda, e exércitos poderiam ter marchado — ou nadado — sob o comando de Tamerlães ou Napoleões europeanos. E o resto de seu mundo jamais teria sabido, pois todos os seus oásis eram tão isolados entre si quanto os próprios planetas. As criaturas que se refestelavam no brilho dos rios de lava e se alimentavam nas imediações dos quentes respiradouros não conseguiriam atravessar a hostil região agreste que separava suas ilhas solitárias. Se produzisse historiadores e filósofos, cada uma das culturas ter-se-ia convencido de estar sozinha no Universo.

No entanto, nem mesmo o espaço entre os oásis era inteiramente desprovido de vida; havia criaturas mais robustas que tinham desafiado seus rigores. Alguns eram o análogo europeano dos peixes — torpedos aerodinâmicos, impulsionados por caudas verticais e direcionados por barbatanas que se estendem ao longo do corpo. Assemelhá-los aos habitantes mais bem sucedidos dos oceanos da Terra era inevitável; dados os mesmos problemas de engenharia, a evolução devia produzir respostas muito semelhantes. Prova disso são os golfinhos e os tubarões — quase idênticos em termos superficiais, mas provenientes de ramos distantes da árvore da vida.

Havia, porém, uma diferença muito clara entre os peixes dos mares europeanos e os dos oceanos terrestres; eles não tinham guelras, pois mal chegava a haver algum vestígio de

oxigênio a ser extraído das águas em que nadavam. Tal como as criaturas que cercam os respiradouros geotérmicos da própria Terra, seu metabolismo baseava-se em compostos de enxofre, presentes em abundância naquele ambiente vulcânico.

E pouquíssimas delas tinham olhos. Afora o brilho cintilante das irrupções de lava e as explosões ocasionais de bioluminescência das criaturas à procura de parceiros, ou dos caçadores à procura de presas, aquele era um mundo desprovido de luz.

Era também um mundo condenado. Não só suas fontes de energia eram esporádicas e estavam em constante mudança, como também a força das marés que as impulsionavam vinha diminuindo sistematicamente. Mesmo que desenvolvessem uma verdadeira inteligência, os europeus estavam aprisionados entre o fogo e o gelo.

A não ser por um milagre, pereceriam no congelamento final de seu pequeno mundo.

Lúcifer fizera esse milagre.

## 26. Tsienville

Nos instantes finais, ao penetrar na região acima da costa à serena velocidade de cem quilômetros horários, Poole se perguntou se haveria alguma intervenção de última hora. Mas não houve nenhum inconveniente, nem mesmo quando ele se deslocou com vagar ao longo da face negra e ameaçadora da Grande Muralha.

Aquele era o nome inevitável do Monolito do Europa, já que, diversamente de seus irmãos na Terra e na Lua, estava apoiado na horizontal e tinha mais de vinte quilômetros de comprimento. Embora tivesse, literalmente, um volume bilhões de vezes maior que o do AMT-0 e do AMT-1, suas proporções eram exatamente as mesmas — aquela intrigante relação de 1:4:9, inspiradora de tantos disparates numerológicos ao longo dos séculos.

Como a face vertical tinha quase dez quilômetros de altura, uma teoria plausível afirmava que, entre suas outras funções, a Grande Muralha servia de quebra-vento, protegendo Tsienville das lufadas ferozes que vez por outra bramiam, vindo do mar da Galiléia. Agora que o clima se estabilizara, elas eram muito menos freqüentes, mas, mil anos antes, teriam sido um grave desestímulo a qualquer forma de vida que emergisse daquele oceano.

Embora tivesse toda a intenção de fazê-lo, Poole nunca havia encontrado tempo para visitar o Monolito de Tycho, ainda sob Sigilo Absoluto quando de sua partida para Júpiter, e a gravidade da Terra lhe tornara inacessível seu monolito gêmeo de Olduvai. Mas vira tantas vezes as imagens de ambos, que eles lhe eram muito mais familiares do que a proverbial palma da mão (e quantas pessoas, perguntara-se com freqüência, reconheceriam as palmas de suas mãos?). Afora a imensa diferença de escala, não havia absolutamente nenhum modo de distinguir a Grande Muralha do AMT-1 ou do AMT-0 — ou, a rigor, do "Irmão Mais Velho" que a Leonov encontrara numa órbita ao redor de Júpiter.

Segundo algumas teorias, talvez suficientemente loucas para serem verdadeiras, havia apenas um Monolito arquetípico, e todos os demais — qualquer que fosse seu tamanho — eram meras projeções ou imagens dele. Poole recordou essas idéias ao ver a uniformidade impecável e imaculada da portentosa face ebânea da Grande Muralha. Sem dúvida, após tantos séculos

num ambiente hostil como aquele, ela deveria ter acumulado algum vestígio de sujeira! No entanto, parecia tão imaculada quanto se um exército de limpadores de vidraças houvesse acabado de polir cada um de seus centímetros quadrados.

Poole lembrou-se então de que, embora todos os que tinham chegado a ver o AMT-1 e o AMT-0 sentissem uma ânsia irresistível de tocar suas superfícies aparentemente impecáveis, ninguém conseguira fazê-lo. Dedos, brocas de diamante, facas a laser, todos deslizavam sobre os Monolitos, como se eles fossem revestidos de uma película impenetrável. Ou como — essa era outra teoria popular — se não estivessem realmente neste universo, mas de algum modo se separassem dele por uma fração de milímetro absolutamente intransponível.

Poole descreveu uma volta completa e vagarosa em torno da Grande Muralha, que continuou totalmente indiferente a seu progresso. Depois, levou a cápsula espacial — ainda sob controle manual, para evitar a eventualidade de que o Controle de Ganimedes fizesse outras tentativas de "resgatá-lo" — até os limites externos de Tsienville, e ficou planando por ali, à procura do melhor lugar onde pousar.

A paisagem avistada pela pequena janela panorâmica da Falcon era-lhe perfeitamente familiar; ele a examinara inúmeras vezes nos registros de Ganimedes, sem nunca imaginar que um dia viesse a observá-la na realidade. Os europs, ao que parecia, não tinham a menor idéia de planejamento urbano; havia centenas de estruturas esféricas, aparentemente espalhadas ao acaso, numa área de cerca de um quilômetro de extensão. Algumas tão pequenas que até uma criança humana se sentiria apertada dentro delas, e, embora outras fossem grandes o bastante para abrigar uma família numerosa, nenhuma tinha mais de cinco metros de altura.

E eram todas feitas do mesmo material, que reluzia num branco fantasmagórico à dupla luz do dia. Na Terra, os esquimós tinham descoberto uma resposta idêntica para os desafios de seu ambiente gélido e de recursos escassos; os iglus de Tsienville também eram feitos de gelo.

Em vez de ruas, havia canais, como convinha a criaturas ainda parcialmente anfíbias e que, segundo parecia, voltavam à água para dormir. E também, ao que se acreditava, para se alimentar e acasalar, embora nenhuma dessas hipóteses estivesse comprovada.

Tsienville fora chamada "Veneza de gelo", e Poole teve de concordar que era uma descrição apropriada. Mas não havia nenhum veneziano à vista; o lugar parecia estar deserto há anos.

E ali estava outro mistério: apesar de Lúcifer ser cinqüenta vezes mais brilhante que o distante Sol, além de constituir um objeto permanente no céu, os europs continuavam parecendo presos a um antigo ciclo de dia e noite. Voltavam para o oceano ao anoitecer e saíam quando alvorecia, embora o nível de iluminação se alterasse apenas alguns pontos percentuais. Talvez houvesse um paralelo disso na Terra, onde os ciclos vitais de muitas criaturas tanto eram controlados pela pálida Lua quanto pelo Sol, muito mais brilhante.

Dentro de mais uma hora chegaria a alvorada, e os habitantes de Tsienville voltariam à terra para tratar de seus afazeres pachorrentos — o que estes certamente eram, pelos padrões humanos. A bioquímica à base de enxofre que energizava aos europeanos não era tão eficiente quando a outra, movida a oxigênio, que dava forças à vasta maioria dos animais terrestres. Até uma preguiça conseguia ser mais rápida que o europeano, de modo que era difícil considerá-los potencialmente perigosos. Essa era a boa notícia; a má notícia era que, mesmo com as melhores intenções de ambas as partes, as tentativas de comunicação seriam extremamente lentas — e, talvez, intoleravelmente maçantes.

Já era hora, decidiu Poole, de tornar a fazer um relatório ao Controle de Ganimedes. Eles

deviam estar ficando muito angustiados, e Frank se perguntou como seu parceiro de conspiração, o Capitão Chandler, estaria lidando com a situação.

— Falcon chamando Ganimedes. Como vocês decerto estão vendo, fui... ahn... levado a planar logo acima de Tsienville. Não há nenhum sinal de hostilidade e, como ainda é noite solar por aqui, todos os europeanos estão embaixo d'água. Tornarei a chamar assim que estiver em terra. Dim se orgulharia dele, pensou Poole enquanto fazia a Falcon pousar, com a suavidade de um floco de neve, num pedaço liso de gelo. Não pretendia correr nenhum risco com sua estabilidade, e regulou o empuxo inercial para que anulasse todo o peso da cápsula, exceto por uma pequena fração — o bastante, esperava, para impedir que ela fosse arrastada por uma ventania.

Ele estava no Europa — o primeiro ser humano em mil anos. Teriam Armstrong e Aldrin experimentado esse sentimento de elação quando a Eagle pousou na Lua? Mais provável que estivessem atarefados demais, checando os sistemas primitivos e totalmente sem inteligência de seu Módulo Lunar.

A Falcon, é claro, fazia tudo isso automaticamente. A pequena cabina estava agora muito silenciosa, a não ser pelo murmúrio inevitável — e tranquilizador — da eletrônica bem regulada. Foi um susto considerável para Poole quando a voz de Chandler, obviamente gravada de antemão, interrompeu seus pensamentos.

— Quer dizer que você conseguiu! Parabéns! Como sabe, estamos programados para voltar ao Cinturão dentro de duas semanas, mas isso deverá dar-lhe tempo suficiente. Depois de cinco dias, a Falcon sabe o que fazer. Ela encontrará o caminho de casa, com ou sem você. Portanto, boa sorte!

SRTA. PRINGLE

ACIONE PROGRAMA CRIPTO

ARMAZENE

Olá, Dim — e obrigado pela mensagem animadora! Sinto-me um bobo usando este programa, como se eu fosse um agente secreto numa das histórias de espionagem muito populares antes de eu nascer. Apesar disso, ele permitirá uma certa privacidade, o que talvez seja útil. Espero que a Srta. Pringle o tenha carregado corretamente... É claro que isto é só uma brincadeira, Srta. P.!

A propósito, tenho recebido uma enxurrada de pedidos de todas as redes de notícias do Sistema Solar. Por favor, procure mantê-las à distância, ou encaminhá-las para o Dr. Ted. Ele vai gostar de lidar com elas...

Como a câmera de Ganimedes está focalizada em mim o tempo todo, não vou gastar meu latim para lhe contar o que estou vendo. Se tudo correr bem, deveremos ter alguma ação dentro de poucos minutos — e saberemos se foi mesmo uma boa idéia deixar os europeanos me encontrarem já placidamente sentado aqui, esperando para cumprimentá-los quando chegarem à superfície...

O que quer que aconteça, não será uma surpresa tão grande para mim quanto foi para o Dr. Chang e seus colegas, quando eles pousaram aqui mil anos atrás! Rodei a famosa mensagem dele pouco antes de sair de Ganimedes. Devo confessar que me deu uma sensação estranha... não pude deixar de imaginar se alguma coisa semelhante poderia tornar a acontecer... e eu não

gostaria de me imortalizar como fez o pobre Chang... É claro que sempre posso decolar, se algo começar a sair errado... e eis uma idéia interessante que acaba de me ocorrer: eu me pergunto se os europs têm história, um tipo qualquer de registro... alguma lembrança do que aconteceu a poucos quilômetros daqui, mil anos atrás...

## 27. Gelo e Vácuo

"... Aqui é o Dr. Chang, chamando do Europa. Espero que vocês possam me ouvir, especialmente o Dr. Floyd — sei que estão a bordo da Leonov... talvez eu não tenha muito tempo... estou virando minha antena para onde acho que se encontram... por favor, transmitam esta informação à Terra.

"A Tsien foi destruída há três horas. Sou o único sobrevivente. Uso o rádio de minha roupa espacial — não faço idéia se tem alcance suficiente, mas é a única maneira. Por favor, ouçam bem...

"há vida em europa. Repito, há vida em europa...

"Pousamos em segurança, verificamos todos os sistemas e desenrolamos as mangueiras, para começar logo a bombear água aos nossos tanques de propelente... para a eventualidade de termos que sair às pressas.

"Tudo corria conforme o planejado... chegava a parecer bom demais para ser verdade. Os tanques estavam quase pela metade quando o Dr. Lee e eu saímos para verificar o isolamento dos canos. A Tsien está — estava — a uns trinta metros da margem do Grande Canal. Os canos saíam diretamente da nave e desciam pelo gelo. Muito fino: não é seguro caminhar nele.

"Júpiter estava em quarto crescente e penduramos cinco quilowatts de luzes num fio estendido sobre a nave. Parecia uma árvore de Natal — linda, refletida no gelo...

"Lee viu a coisa primeiro: uma enorme massa escura erguendo-se das profundezas. A princípio, pensamos que fosse um cardume — grande demais para um único organismo — depois ela começou a romper o gelo e a se mover em nossa direção.

"Tinha a aparência de enormes tiras de algas marinhas molhadas, arrastando-se pelo chão. Lee voltou correndo à nave para buscar a máquina fotográfica — eu fiquei observando e informando pelo rádio. A coisa movia-se tão devagar que eu poderia ultrapassá-la sem dificuldade. Fiquei muito mais agitado que alarmado. Achei que sabia que tipo de criatura era — tinha visto fotos das florestas de algas ao largo da Califórnia — mas estava inteiramente enganado.

"... Percebi que ela estava em dificuldades. Não poderia sobreviver a uma temperatura 150 graus abaixo de seu ambiente normal. Congelava-se à medida que ia avançando — pedaços dela se quebravam como vidro — mesmo assim continuava seguindo em direção à nave, como uma onda negra de maremoto, cada vez mais vagarosa.

"Eu continuava tão surpreso que não conseguia pensar direito nem imaginar o que ela estava tentando fazer. Embora estivesse avançando em direção à Tsien, ainda parecia completamente inofensiva, como... bem, como uma pequena floresta em movimento. Lembro-me de ter sorrido — ela me lembrava o Bosque Burnham de Macbeth...



"E então, de repente, percebi o perigo. Mesmo que fosse totalmente inofensiva, ela era pesada — com todo o gelo que carregava, devia pesar várias toneladas, mesmo nessa baixa gravidade. E estava escalando, lenta e penosamente, nosso trem de pouso... as pernas de sustentação da nave começaram a oscilar, tudo em câmera lenta, como num sonho... ou num pesadelo...

"Só quando a nave começou a tombar foi que compreendi o que a coisa estava tentando fazer — e já era tarde demais. Poderíamos ter-nos salvo — se ao menos houvéssemos apagado aquelas luzes!

"Talvez ela fosse um fotótropo, com seu ciclo biológico ativado pela luz solar filtrada pelo gelo. Ou talvez tivesse sido atraída como uma mariposa pela vela. Nossos holofotes deviam ser mais brilhantes do que qualquer coisa jamais vista em Europa, inclusive o próprio sol...

"E então a nave desabou. Vi o casco romper-se e uma nuvem de flocos de gelo se formar, à medida que a umidade se condensava. Todas as luzes se apagaram, exceto uma, que ficou balançando num cabo alguns metros acima do chão.

"Não sei o que aconteceu logo depois disso. Quando dei por mim, estava de pé sob a luz, ao lado dos escombros da nave, totalmente cercado pela poeira fina da neve recente. Podia ver claramente minhas pegadas nela. Devo ter corrido para lá; talvez apenas um ou dois minutos houvessem transcorrido...

"A planta — eu continuava pensando nela como uma planta — estava imóvel. Indaguei-me se teria sido ferida pelo impacto; grandes pedaços dela — da grossura do braço de um homem — tinham-se partido, como galhos quebrados.

"Então, o tronco principal começou novamente a se mover. Afastou-se do casco e começou a se arrastar em direção a mim. Foi quando tive certeza de que a coisa era sensível à luz: eu estava postado exatamente sob a lâmpada de mil watts, que já então havia parado de oscilar.

"Imaginem um carvalho — melhor ainda, uma figueira de Bengala, com seus múltiplos galhos e raízes — achatado pela gravidade e tentando rastejar pelo chão. Chegou a uma distância de cinco metros da luz e começou a se espalhar, até formar um círculo perfeito a meu redor. Presumivelmente, aquele era o limite de sua tolerância, o ponto em que a foto-atração se transformava em repulsa.

"Depois disso, nada aconteceu por vários minutos. Perguntei-me se ela estaria morta — finalmente congelada.

"Foi então que vi grandes brotos se formando em muitos dos ramos. Era como um filme de flores desabrochando, projetado em câmera lenta. Na verdade, achei que eram flores — cada uma do tamanho aproximado da cabeça de um homem.

"Membranas delicadas e de belas cores começaram a se abrir. Naquele exato momento, ocorreu-me que ninguém — coisa alguma — jamais poderia ter visto aquelas cores adequadamente, até trazermos nossas luzes — nossas fatídicas luzes — para este mundo.

"Tendões e estames agitando-se debilmente... Andei até a parede viva que me cercava, para ver exatamente o que estava acontecendo. Nem nessa ocasião, nem em qualquer outro momento, senti o menor medo da criatura. Tinha certeza de que ela não era maligna — se é que chegava a ter consciência.

"Havia dezenas dessas flores grandes, em vários estágios de desabrochamento. Lembravam-me agora borboletas que acabassem de emergir das crisálidas — de asas amarfanhadas e ainda frágeis — e eu me aproximava cada vez mais da verdade.

"Mas elas se estavam congelando, morrendo tão logo se formavam. E então, uma após outra, iam caindo dos ramos de que provinham. Por alguns instantes, saltitavam em círculos como peixes perdidos na terra seca — e enfim percebi exatamente o que eram. Aquelas membranas não eram pétalas — eram nadadeiras, ou seu equivalente. Aquela era a fase larval da criatura, que nadava livremente. É provável que ela passasse a maior parte de sua vida presa ao leito marinho, e depois mandasse esses rebentos móveis à procura de novos territórios. Exatamente como os corais dos oceanos da Terra.

"Ajoelhei-me para examinar mais de perto uma das pequenas criaturas. As cores bonitas estavam esmaecendo, transformando-se num marrom opaco. Algumas das nadadeiras-pétalas tinham-se partido e soltado, transformando-se em lascas quebradiças ao se congelarem. Mas ela continuava a se mover debilmente e, quando me aproximei, tentou evitar-me. Fiquei imaginando como teria captado minha presença.

"Notei então que todos os estames, como os chamaria, tinham brilhantes pontos azuis nas extremidades. Pareciam minúsculas safiras estreladas — ou os olhos azulados da concha dos moluscos — cientes da luz, mas incapazes de formar imagens verdadeiras. Enquanto eu observava, o azul vivo apagou-se e as safiras se transformaram em pedras comuns e opacas...

"Dr. Floyd — ou quem quer que esteja ouvindo — não tenho muito mais tempo; o alarme de meu sistema vital de apoio acabou de tocar. Mas estou quase terminando.

"Entendi então o que eu tinha de fazer. O cabo da lâmpada de mil watts pendia quase até o chão. Dei-lhe uns puxões e a luz se apagou numa chuva de fagulhas.

"Fiquei imaginando se teria sido tarde demais. Por alguns minutos, nada aconteceu. Assim, andei até a parede de galhos emaranhados à minha volta e dei-lhe um pontapé.

"Lentamente, a criatura começou a se desenrolar e a recuar para o Canal. Segui-a por todo o trajeto de volta à água, estimulando-a com novos pontapés quando se movia mais devagar, e o tempo todo sentindo os fragmentos do gelo sendo esmagados sob minhas botas... Ao se aproximar do Canal, ela pareceu ganhar força e energia, como se soubesse estar-se aproximando de seu habitat natural. Fiquei imaginando se sobreviveria para tornar a florescer.

"Ela desapareceu sob a superfície, deixando algumas últimas larvas mortas na terra estranha. A água livre, exposta, borbulhou por alguns minutos, até que uma crosta de gelo protetor selou-a do vácuo acima dela. Então, tornei a andar até a nave para ver se havia alguma coisa a salvar — não quero falar nisso.

"Tenho apenas dois pedidos a fazer, doutor. Quando os taxonomistas classificarem essa criatura, espero que lhe dêem meu nome.

"E, quando a próxima nave regressar, peça-lhes que levem nossos ossos de volta à China.

"Vou perder a energia em poucos minutos... gostaria de saber se alguém está me recebendo. De qualquer modo, ficarei repetindo esta mensagem enquanto puder...

"Fala o Professor Chang, no Europa, comunicando a destruição da espaçonave Tsien. Descemos ao lado do Grande Canal e instalamos nossas bombas à beira do gelo..."

## 28. O Pequeno Alvorecer

SRTA. PRINGLE

GRAVE

Lá vem o Sol! É estranho... como parece erguer-se depressa, neste mundo que gira lentamente! Claro, claro... o disco é tão pequeno que todo ele salta no horizonte numa fração de segundo... Não que faça muita diferença quanto à luminosidade — se não olhássemos em sua direção, jamais repararíamos que havia outro sol no firmamento.

Mas espero que os europs tenham notado. Em geral, eles levam menos de cinco minutos para começar a vir à tona depois do Pequeno Alvorecer. Fico me perguntando se já sabem que estou aqui, e se estão assustados...

Não — talvez seja o contrário. Talvez eles sejam inquisitivos... e estejam até ansiosos por saber que visitante estranho chegou a Tsienville... é realmente o que espero...

Lá vem eles! Espero que os satespias estejam olhando — as câmeras da Falcon estão gravando...

Com que lentidão se movem! Acho que vai ser muito maçante tentar comunicar-me com eles... mesmo que queiram falar comigo...

É bem parecido com a coisa que derrubou a Tsien, mas muito menor... Eles me fazem lembrar pequenos arbustos, andando sobre meia dúzia de troncos esguios. E com centenas de ramos que se subdividem em galhos, os quais tornam a se dividir... sucessivamente. Como muitos de nossos robôs de múltipla finalidade... Quanto tempo levamos para perceber que os humanóides de imitação eram ridiculamente desajeitados, e que a maneira certa de fazer as coisas era com uma infinidade de pequenos manipuladores! Toda vez que inventamos alguma coisa inteligente, constatamos que a Mãe Natureza já havia pensado nela...

Não são engraçadinhos?... pequenas moitas em movimento. Pergunto-me como se reproduzirão — dando brotos? Eu não havia percebido como são bonitos. Quase tão coloridos quanto os peixes dos recifes de corais — talvez pelas mesmas razões: para atrair parceiros ou tapear os predadores, fingindo ser outra coisa...

Eu disse que se parecem com arbustos? E melhor dizer roseiras — têm espinhos, na verdade! E devem ter uma boa razão para eles...

Estou decepcionado. Não parecem ter reparado em mim. Estão todos se dirigindo para a cidade, como se uma espaçonave em visita fosse uma ocorrência corriqueira... restam apenas alguns... talvez isso funcione... Suponho que sejam capazes de detectar vibrações sonoras — a maioria das criaturas marinhas o é — embora esta atmosfera seja fina demais para levar minha voz muito longe...

FALCON, ALTO-FALANTE EXTERNO...

OLÁ, VOCÊS ESTÃO ME OUVINDO? MEU NOME É FRANK POOLE... A-HÃ... VENHO EM PAZ, EM NOME DE TODA A HUMANIDADE...

Isso faz com que eu me sinta um perfeito idiota, mas, você pode sugerir alguma coisa melhor? E será bom para o registro histórico...

Ninguém toma o menor conhecimento. Grandes e pequenos, todos se arrastam para seus iglus. Pergunto-me o que fazem, realmente, quando chegam lá... talvez eu devesse segui-los. Tenho certeza de que seria perfeitamente seguro — posso mover-me muito mais depressa...

Acabo de ter uma lembrança divertida. Todas essas criaturas, indo na mesma direção, parecem o pessoal de subúrbio correndo de lá para cá, duas vezes por dia, entre casa e o escritório, antes que a eletrônica tornasse isso desnecessário...

Vamos tentar de novo, antes que todos desapareçam...

olá! aqui é frank poole, um visitante do planeta terra. vocês podem me ouvir?

estou ouvindo, frank. aqui é o dave.

## 29. Os Fantasmas da Máquina

A reação imediata da Frank Poole foi de profundo assombro, seguido por uma alegria extasiante. Nunca havia realmente acreditado que pudesse estabelecer qualquer tipo de contato, nem com os europs nem com o Monolito. A rigor, tivera até mesmo fantasias de chutar, frustrado, aquela majestosa muralha de ébano, e de gritar, enraivecido: "Há alguém em casa?"

No entanto, não deveria ter ficado tão surpreso: alguma inteligência devia ter monitorado sua aproximação, na vinda de Ganimedes, e permitido que ele pousasse. Deveria ter levado Ted Khan mais a sério.

— Dave — disse, lentamente — é você mesmo?

Quem mais poderia ser, indagou parte de sua mente. Mas não era uma pergunta boba. Havia algo de curiosamente mecânico — impessoal, mesmo — na voz que vinha do pequeno alto-falante do painel de controle da Falcon.

— Sim, Frank. Sou eu, Dave.

Houve uma pausa muito breve; em seguida, a voz continuou, sem mudar de entonação: — Olá, Frank. Aqui é o Hal.

### SRTA. PRINGLE GRAVE

Bem, Indra e Dim, fico contente por ter gravado tudo isso, caso contrário vocês nunca me acreditariam...

Acho que ainda me encontro em estado de choque. Para começar, como haveria de me sentir diante de alguém que tentou... que me matou, na verdade, mesmo que isso tenha acontecido mil anos atrás? Mas agora compreendo que não foi culpa de Hal; não foi culpa de ninguém. Há um bom conselho que sempre me pareceu útil: "Nunca atribua à maldade o que é só incompetência." Não posso sentir raiva de um grupo de programadores que nunca conheci e que estão mortos há séculos.

Alegra-me que isto esteja em código, já que não sei como conviria lidar com o assunto e é possível que boa parte do que lhes digo venha a ser um perfeito absurdo. Já estou sofrendo de uma sobrecarga de informações e tive que pedir a Dave para me deixar sozinho por algum tempo... depois de todo o trabalho que tive para encontrá-lo! Mas não creio que o tenha magoado: nem sei ao certo se ele tem algum sentimento...

Que é ele? — eis uma boa pergunta! Bem, trata-se realmente de Dave Bowman, mas tendo-lhe sido retirada a maior parte da humanidade — ele é como... ahn... como a sinopse de um livro ou de um artigo técnico. Vocês sabem como um resumo pode dar todas as informações básicas, mas nenhum indício da personalidade do autor, não é? No entanto, houve momentos em que senti que ainda existia algo do velho Dave. Não chegaria a dizer que ele está feliz por

me encontrar — moderadamente satisfeito talvez fosse a expressão mais exata... Quanto a mim, continuo muito confuso. É como encontrar um velho amigo depois de uma longa separação e descobrir que ele é uma pessoa diferente. Bom, mil anos se passaram — e nem posso imaginar que experiências ele teve, embora, como lhes mostrarei dentro em pouco, tenha tentado partilhar algumas delas comigo.

E quanto a Hal, não há dúvida de que ele também está aqui. Mais do tempo, não sei dizer qual deles está falando comigo. Não existem exemplos de múltipla personalidade na literatura médica? Talvez seja alguma coisa assim.

Perguntei-lhes como isso havia acontecido com os dois, e ele... eles, droga, o Homem-Hal, o Halman! — tentaram me explicar. Deixem-me repetir, talvez eu tenha entendido mal a coisa, mas essa é minha única hipótese de trabalho.

O Monolito, claro, em suas diversas manifestações, é a chave — não, a palavra está errada; não houve alguém que disse que ele era uma espécie de canivete do exército suíço cósmico? Notei que vocês ainda os usam, embora a Suíça e seu exército tenham desaparecido há séculos. O Monolito é uma espécie de aparelho para todos os fins, que pode fazer tudo o que quiser. Ou que assim foi programado...

Na África, há quatro milhões de anos, ele nos deu aquele pontapé evolutivo no traseiro, para o bem ou para o mal. Depois, seu irmão da Lua ficou esperando que saíssemos do berço. Isso nós já tínhamos adivinhado, e Dave o confirmou.

Eu disse que ele não tem muitos sentimentos humanos, mas ainda tem curiosidade — quer aprender. E que oportunidade teve!

Quando o Monolito de Júpiter o absorveu — não consigo pensar numa palavra melhor — conseguiu uma barganha mais vantajosa do que pretendia. Embora ele o tenha usado aparentemente, como um espécime capturado e uma sonda para investigar a Terra, Dave também o vem usando. Com a ajuda de Hal — e quem há de entender um supercomputador melhor do que outro? — tem explorado a memória do Monolito e tentado descobrir sua finalidade.

Agora, eis uma coisa muito difícil de acreditar. O Monolito é uma máquina fantásticamente poderosa — vejam o que fez com Júpiter! — porém não mais do que isso. Funciona automaticamente, não tem consciência. Lembro-me de ter pensado, certa vez, que talvez precisasse chutar a Grande Muralha e gritar: "Alguém em casa?". E a resposta correta teria que ser: ninguém, exceto Dave e Hal.

Pior que isso, é possível que alguns de seus sistemas tenham começado a falhar; Dave até insinuou que, sob um aspecto fundamental, o aparelho está ficando burro! Talvez tenha sido largado por tempo demais — é hora de uma boa manutenção.

E ele acredita que o Monolito tenha feito pelo menos um erro de julgamento. Talvez essa não seja a expressão correta: é possível que tenha sido algo deliberado, cuidadosamente ponderado...

Seja como for, é algo... bem, realmente assombroso, e de implicações pavorosas. Por sorte, posso mostrá-lo a vocês, para que decidam por si. É isso mesmo, ainda que tenha acontecido mil anos atrás, quando a Leonov transportou a segunda missão para Júpiter! E, em todo esse tempo, ninguém jamais suspeitou...

Não há dúvida de que fico feliz que vocês tenham-me provido da Touca Cerebral. E claro que ela tem sido de valor inestimável — não consigo imaginar a vida sem ela — mas agora vem

fazendo um trabalho para o qual nunca foi projetada. E fazendo-o de maneira singularmente eficaz.

Halman precisou de uns dez minutos para descobrir o funcionamento dela e instalar uma interface. Agora temos um contato mente-a-mente — o que é um grande desgaste para mim, acreditem. Tenho que ficar pedindo que eles andem devagar e usem uma fala infantil. Ou talvez eu deva dizer um pensamento infantil...

Não tenho certeza de que isso funcione direito. É uma gravação de mil anos da experiência de Dave, de algum modo armazenada na imensa memória do Monolito, e depois recuperada por Dave e injetada em minha Touca Cerebral — não me perguntem exatamente como — e, por fim, transferida e retransmitida para vocês pela Central de Ganimedes. Pfiu! Espero que não fiquem com dor de cabeça para carregá-la.

Passemos para Dave Bowman, em Júpiter, no início do século XXI...

## 30. Paisagem de Espuma

Os cachos de força magnética de milhões de quilômetros de comprimento, as explosões repentinas de ondas de rádio, os gêiseres de plasma eletrificado, maiores do que o planeta Terra, todos lhe eram tão reais e claramente visíveis quanto as nuvens que envolviam o planeta numa glória multicolor. Ele pôde compreender o padrão complexo de suas interações e percebeu que Júpiter era muito mais maravilhoso do que ninguém jamais imaginara.

No momento mesmo em que caía pelo coração trovejante da Grande Mancha Vermelha, com os relâmpagos de suas tempestades de dimensões continentais explodindo a seu redor, Dave soube porque ela havia durado séculos, embora fosse composta de gases muito menos substanciais do que os que formavam os furacões da Terra. O silvo fino do vento de hidrogênio foi diminuindo à medida que ele mergulhou nas profundezas mais calmas, e uma fina camada de flocos de gelo endurecidos — alguns já coalescendo em montanhas precariamente palpáveis de espuma de hidrocarboneto — desceu lá do alto. Já era quente o bastante para existir água em estado líquido, mas não havia oceanos ali; aquele ambiente puramente gasoso era tênue demais para suportá-los.

Ele foi descendo por camada após camada de nuvens, até penetrar numa região de tamanha claridade que até a visão humana seria capaz de vasculhar uma área de mais de mil quilômetros de extensão. Era apenas um pequeno redemoinho no turbilhão mais vasto da Grande Mancha Vermelha, mas guardava um segredo de que os homens suspeitavam havia séculos, mas nunca haviam comprovado.

Contornando os sopés das rodopiantes montanhas de espuma havia uma infinidade de nuvens pequenas e bem definidas, todas mais ou menos do mesmo tamanho e com padrões similares de manchas vermelhas e marrons. Só eram pequenas se comparadas à escala desumana do ambiente que as cercava; a menor delas teria coberto uma cidade de bom tamanho.

Era óbvio que estavam vivas, pois se moviam com lenta deliberação pelas vertentes das montanhas aéreas, pastando em suas encostas como ovelhas colossais. E chamavam umas às outras pela faixa métrica, com suas vozes soando fracas mas claras no rádio, contra o fundo de

estálidos e abalos do próprio Júpiter.

Nada menos do que bolsas vivas de gás, flutuavam na zona estreita entre as altitudes enregelantes e as profundezas escaldantes. Estreita, sim, mas uma região muito maior do que toda a biosfera terrestre.

Não estavam sozinhas. Movendo-se céleres por entre elas havia outras criaturas, tão pequenas que poderiam facilmente passar despercebidas. Algumas tinham uma semelhança quase insólita com as aeronaves terrestres e eram aproximadamente das mesmas dimensões. Mas também elas estavam vivas — talvez predadores, talvez parasitas, talvez até pastores dos rebanhos.

Todo um novo capítulo da evolução, tão estranho quanto o que ele vislumbrara no Europa, descortinava-se à sua frente. Havia torpedos de propulsão a jato, como as lulas dos oceanos terrestres, caçando e devorando as imensas bolsas de gás. Mas os balões não eram indefesos; alguns revidavam com raios elétricos e tentáculos denteados, como serras de quilômetros de comprimento.

Havia formas ainda mais estranhas, explorando quase todas as possibilidades da geometria — pipas bizarras e translúcidas, tetraedros, esferas, poliedros, emaranhados de fitas retorcidas... Plâncton gigantesco da atmosfera de Júpiter, eram projetadas para flutuar como teias de aranha nas correntes que subiam, até viverem o suficiente para se reproduzir; então, eram varridas para as profundezas, para serem carbonizadas e recicladas numa nova geração.

Ele vasculhava um mundo que tinha mais de cem vezes a área da Terra e, embora visse muitas maravilhas, nada ali tinha qualquer indício de inteligência. As vozes dos grandes balões no rádio transmitiam apenas mensagens simples de advertência ou medo. Até os caçadores, que se poderia esperar que desenvolvessem graus de organização maiores, assemelhavam-se aos tubarões dos oceanos da Terra — autômatos não pensantes.

E, apesar de seu tamanho e ineditismo assombrosos, a biosfera de Júpiter era um mundo frágil, um lugar de névoas e espuma, de delicados fios de seda e tecidos da finura do papel, rodopiados em função da queda contínua das substâncias petroquímicas formadas pelos raios na atmosfera superior. Poucas de suas construções eram mais substanciais do que bolhas de sabão; seus mais apavorantes predadores poderiam ser dilacerados até pelo mais frágil dos carnívoros terrestres. Tal como Europa, em escala imensamente maior, Júpiter era um beco sem saída evolutivo. A consciência jamais emergiria ali; mesmo que o fizesse, estaria condenada a uma existência abreviada. Poderia desenvolver-se uma cultura gasosa, mas, num ambiente em que o fogo era impossível e mal existiam sólidos, ela nunca atingiria a Idade da Pedra.

## 31. Berçário

SRTA. PRINGLE  
GRAVE

Bem, Indra e Dim, espero que a transmissão tenha sido boa — ainda a considero difícil de acreditar. Todas aquelas criaturas fantásticas — certamente deveríamos ter detectado suas

vozes no rádio, mesmo que não pudéssemos compreendê-las — eliminadas num instante, para que Júpiter pudesse ser transformado num sol!

E agora podemos entender por quê. Foi para dar uma oportunidade aos europs. Que lógica lastimável! Será que a inteligência é a única coisa que importa? Já imagino algumas longas discussões com Ted Khan sobre isso...

A próxima pergunta é: irão os europs tirar seu diploma, ou será que ficarão atolados para sempre no jardim de infância — ou nem mesmo isso, no berçário? Embora mil anos sejam um prazo muito curto, seria de se esperar que tivesse havido algum progresso, mas, de acordo com Dave, eles são hoje exatamente idênticos ao que eram quando saíram do mar. Talvez o problema esteja nisso: ainda têm um pezinho — ou um galho! — na água.

E eis uma outra coisa que entendemos de maneira total' mente errada. Achávamos que eles voltavam à água para dormir. E exatamente o inverso — eles voltam para comer, e dormem quando estão em terra! Como se poderia supor por sua estrutura — aquela rede de ramos — alimentam-se de plâncton...

Perguntei a Dave: "E os iglus que eles construíram? Não constituem um avanço tecnológico?" E ele respondeu: não realmente; são apenas adaptações de estruturas que eles constroem no leito marinho, para se proteger de vários predadores — especialmente uma coisa que se assemelha a um tapete voador, do tamanho de um campo de futebol...

Há uma área, porém, em que demonstraram iniciativa — e até criatividade. Eles são fascinados por metais, supostamente por estes não existirem no oceano em forma pura. Por isso é que a Tsien foi saqueada — a mesma coisa aconteceu com as eventuais sondas que desceram em seu território.

Que fazem eles com o cobre, o berílio e titânio que recolhem? Nada de útil, acho eu. Empilham-nos todos num lugar só, numa pilha fantástica que ficam remontando. Talvez estejam desenvolvendo um senso estético — vi coisas piores do Museu de Arte Moderna... Mas tenho outra teoria: vocês já ouviram falar em cultos à carga? Durante o século XX, algumas das poucas tribos primitivas que ainda existiam faziam imitações de aviões em bambu, na esperança de atrair os grandes pássaros celestes que, vez por outra, levavam-lhes presentes maravilhosos. Talvez os europs tenham a mesma idéia.

E agora, quanto àquela pergunta que vocês continuam a me fazer... Que é Dave? E como foi que ele — e Hal — se transformaram em seja lá o que for que são agora?

A resposta pronta, é claro, é que os dois são emulações — simulações — na gigantesca memória do Monolito. Ficam desativados a maior parte do tempo; quando perguntei a Dave sobre isso, ele disse que esteve "acordado" — a palavra é dele

— por apenas um total de cinquenta anos dos mil que decorreram desde sua... ahn... metamorfose.

Quando lhe perguntei se se ressentia desse açambarca-mento de sua vida, respondeu: "Por que deveria ressentir-me? Estou desempenhando minhas funções perfeitamente." E, é exatamente como a fala de Hal! Mas creio que era Dave — se é que existe agora alguma distinção.

Lembram-se daquela analogia com o canivete suíço? Halman é um dos infindáveis componentes desse canivete cósmico.

Mas não é um instrumento totalmente passivo; quando acordado, tem certa autonomia, certa independência — presumivelmente, dentro dos limites impostos pelo controle global do



Monolito. Ao longo dos séculos, tem sido usado como uma espécie de sonda inteligente para examinar Júpiter — como vocês acabaram de ver — assim como Ganimedes e a Terra. Isso confirma aqueles acontecimentos misteriosos na Flórida, relatados pela antiga namorada de Dave e pela enfermeira que cuidava da mãe dele instantes antes de ela morrer... além dos encontros na Cidade de Anúbis..

E também explica um outro mistério. Perguntei diretamente a Dave: "Por que fui autorizado a descer no Europa, quando todos os outros foram afastados durante séculos? Era o que eu esperava que me acontecesse!"

A resposta é ridiculamente simples. O Monolito usa Dave

— Halman — de tempos em tempos, para ficar de olho em nós. Dave estava inteiramente a par de meu resgate — até viu algumas das entrevistas que dei nos meios de comunicação, na Terra e em Ganimedes. Devo dizer que ainda estou meio sentido por ele não ter feito nenhuma tentativa de entrar em contato comigo! Mas, pelo menos, estendeu-me o tapete de boas-vindas quando cheguei...

Dim, ainda tenho 48 horas antes da partida da Falcon — com ou sem mim! Não creio que precise delas, agora que entrei em contato com Halman; podemos manter esse contato com a mesma facilidade a partir de Anúbis... se ele quiser.

E estou ansioso por voltar ao Granimedes o mais depressa possível. A Falcon é uma gracinha de espaçonave, mas seu sistema de encanamentos poderia ser aperfeiçoado... está começando a cheirar mal aqui, e estou aflito por uma chuva de chuva.

Não vejo a hora de estar com vocês — e especialmente com Ted Khan. Temos muito que conversar, antes de eu voltar à Terra.

ARMAZENE

TRANSMITA

# V. ENCERRAMENTO

De Todos o labutar  
Não corrige o primevo mal;  
Cai a chuva sobre o mar,  
Mas o mar ainda é sal.

E. Housman  
More Poems

## 32. Um Cavalheiro Ocioso

De um modo geral, tinham sido três décadas interessantes mas sem maiores incidentes, pontuadas pelas alegrias e tristezas que o Tempo e o Destino reservam para toda a humanidade. A maior dessas alegrias fora totalmente inesperada; na verdade, antes de deixar a Terra rumo a Ganimedes, Poole teria descartado a própria idéia como um disparate.

Há muito de verdade no ditado que afirma que a ausência faz gostar o coração. Quando ele e Indra Wallace voltaram a se encontrar, os dois descobriram que, apesar das brigas e discordâncias ocasionais, eram muito mais próximos do que haviam imaginado. Uma coisa levou a outra — inclusive, para sua alegria mútua, a Dawn Wallace e Martin Poole.

Já era meio tarde para começar uma família — sem falar naquela questãozinha dos mil anos — e o Professor Anderson os tinha avisado que isso talvez fosse impossível. Ou, quem sabe, ainda pior...

— Vocês tiveram mais sorte do que imaginam — disse a Poole. — Os danos causados pela radiação foram surpreendentemente pequenos e pudemos fazer todos os reparos iniciais a partir de seu DNA intacto. Mas, até fazermos mais alguns exames, não posso prometer uma integridade genética. Portanto, divirtam-se — mas não tenham filhos até eu dar o O.K.

Os exames tinham sido demorados e, como temera Anderson, novos reparos se fizeram necessários. Houve um grande revés — um ser que jamais teria conseguido viver, mesmo que lhe permitissem ir além das primeiras semanas após a concepção — mas Martin e Dawn nasceram perfeitos, com o número exato de cabeças, braços e pernas. Eram também bonitos e inteligentes, de modo que por pouco não foram mimados em excesso por seus dedicados pais — que continuaram a ser grandes amigos quando, passados quinze anos, cada qual optou por recuperar sua independência. Em vista de seu índice de Realização Social, eles teriam sido autorizados — a rigor, incentivados — a ter mais um filho, porém decidiram não impor novas exigências a sua espantosa sorte.

Uma tragédia havia ensombrecido a vida pessoal de Poole nesse período — e, na verdade,

chocara toda a comunidade solar. O Capitão Chandler e toda a sua tripulação tinham perecido, quando o núcleo de um cometa do qual estavam fazendo o reconhecimento explodiu subitamente, destruindo a Goliath de maneira tão completa que apenas uns poucos fragmentos chegaram a ser localizados. Essas explosões, provocadas por reações entre moléculas instáveis que existiam nas temperaturas muito baixas, eram um perigo conhecido dos coletores de cometas, e Chandler deparara com várias delas ao longo de sua carreira. Ninguém jamais ficaria sabendo as circunstâncias exatas que levaram um navegador espacial tão experiente a ser apanhado de surpresa.

Poole sentia uma imensa falta de Chandler: ele desempenhara um papel ímpar em sua vida e não havia ninguém que pudesse substituí-lo — ninguém, a não ser Dave Bowman, com quem ele havia compartilhado uma aventura realmente momentosa. Em muitas ocasiões, os dois tinham planejado partir juntos novamente para o espaço, talvez indo até a Nuvem de Oort, com seus mistérios desconhecidos e sua abundância remota mas inesgotável de gelo. Entretanto, alguns conflitos de horários sempre haviam perturbado seus planos, de modo que esse era um futuro ansiado que jamais existiria.

Havia uma outra meta muito desejada que Poole conseguira atingir — apesar das ordens médicas. Ele desceu à Terra — e uma vez foi mais do que o bastante.

O veículo em que viajou parecia quase idêntico às cadeiras de rodas usadas pelos paraplégicos mais afortunados de sua própria época. Era motorizada e tinha pneus infláveis que lhe permitiam rodar sobre superfícies razoavelmente lisas. No entanto, também podia voar — a uma altura de uns vinte centímetros — sobre uma almofada de ar produzida por um conjunto de ventoinhas pequenas mas muito potentes. Poole ficara surpreso por ver ainda em uso aquela tecnologia tão primitiva, mas os dispositivos de controle de inércia eram volumosos demais para essas aplicações em pequena escala.

Confortavelmente sentado em sua cadeira flutuante, ele mal se deu conta de seu peso crescente ao descer até o coração da África; embora notasse uma certa dificuldade de respirar, havia experimentado outras muito piores durante seu treinamento astronáutico. O que não estava preparado para enfrentar foi a onda de calor escaldante que o atingiu na saída do gigantesco e altíssimo cilindro que formava a base da Torre. E ainda era de manhã; que aconteceria ao meio-dia?

Poole mal se havia acostumado ao calor quando seu sentido do olfato foi atingido de assalto. Uma multiplicidade de odores — nenhum desagradável, mas todos desconhecidos — clamou por sua atenção. Ele fechou os olhos por alguns minutos, na tentativa de não sobrecarregar seus circuitos de entrada.

Antes que se dispusesse a abri-los outra vez, sentiu um objeto grande e úmido apalpando-lhe a nuca.

— Diga alô a Elizabeth — disse seu guia, um rapaz corpulento que vestia a roupa tradicional do Grande Caçador Branco, elegante demais para ter qualquer utilidade real: — Ela é nossa recepcionista oficial.

Poole girou em sua cadeira e se viu fitando os olhos comoventes de um filhote de elefante.

— Olá, Elizabeth — respondeu num fio de voz. Elizabeth ergueu a tromba numa saudação e emitiu um som que não se costuma ouvir na companhia de pessoas distintas, embora Poole tivesse certeza de que era bem intencionado.

Ao todo, ele passou menos de uma hora no Planeta Terra, percorrendo a orla de uma floresta

cujas árvores nanicas saíam perdendo na comparação com as da Terra Celeste, e encontrando boa parte da fauna local. Seu guia desculpou-se pela intimidade amistosa dos leões, que tinham sido excessivamente mimados pelos turistas — mas as expressões malévolas dos crocodilos mais do que compensaram: ali estava a Natureza bruta e inalterada.

Antes de retornar à Torre, Poole arriscou-se a dar alguns passos para longe de sua cadeira flutuante. Sabia que isso equivaleria mais ou menos a carregar seu próprio peso nas costas, mas pareceu-lhe que não seria uma façanha impossível, e ele jamais se perdoaria se não tentasse.

Não foi uma boa idéia; talvez devesse tê-la experimentado num clima mais frio. Depois de não mais de uns doze passos, alegrou-se por se deixar cair novamente sobre as muletas luxuosas da cadeira.

— Chega — disse, exausto. — Vamos voltar para a Torre. Ao entrar no saguão dos elevadores, notou um cartaz que de algum modo lhe escapara na excitação da chegada. Dizia:

**BEM - VINDOS À ÁFRICA!**

"Na natureza selvagem está a preservação do mundo."

HENRY DAVID THOREAU (1817-1862)

Observando o interesse de Poole, o guia perguntou: — O senhor o conheceu?

Era o tipo de pergunta que ouvira com demasiada freqüência e, naquele momento, não se sentiu em condições de lidar com ela.

— Creio que não — respondeu em tom fático, enquanto as grandes portas se fechavam às suas costas, deixando lá fora as paisagens, os odores e os sons da mais primitiva casa do Homem.

Seu safári vertical havia atendido a sua necessidade de visitar a Terra, e ele fez o que pôde para ignorar as várias dores e incômodos adquiridos por lá, ao voltar para seu apartamento no Nível 10.000 — uma localização prestigiosa, mesmo naquela sociedade democrática. Indra, porém, ficou levemente chocada com sua aparência e o mandou imediatamente para a cama.

— Exatamente como Anteu, só que ao contrário! — resmungou em tom soturno.

— Quem? — perguntou Poole; havia momentos em que a erudição de sua mulher era meio cansativa, mas ele se decidira a jamais permitir que ela lhe provocasse um complexo de inferioridade.

— O filho da Deusa Terra, Gaia. Hércules lutou com ele, mas, todas as vezes que era derrubado no chão, Anteu redobrava sua força.

— Quem venceu?

— Hércules, é claro: segurando Anteu no ar, para que a Mamã não pudesse recarregar suas baterias.

— Bom, tenho certeza de que não demorarei muito a recarregar as minhas. E aprendi uma lição. Se não fizer mais exercícios, talvez tenha que me mudar lá para cima, para o nível da Gravidade Lunar.

As boas intenções de Poole duraram um mês inteiro: todas as manhãs ele saía para uma caminhada acelerada de cinco quilômetros, escolhendo a cada dia um nível diferente da Torre da África. Alguns andares ainda eram vastos desertos de metal ressonante, que provavelmente

nunca seriam ocupados, mas outros tinham recebido projetos paisagísticos e, ao longo dos séculos, haviam-se desenvolvido numa estonteante variedade de estilos arquitetônicos. Muitos destes eram empréstimos de eras e culturas passadas; outros apontavam para futuros que Poole não faria questão de visitar. Pelo menos, não havia nenhum risco de tédio e, em muitas de suas caminhadas, ele era acompanhado a uma distância respeitosa por pequenos grupos de crianças amistosas. Elas raramente conseguiam acompanhar seu passo por muito tempo.

Um dia, quando andava por uma imitação convincente — embora escassamente povoada — dos Champs Elysées, de repente avistou um rosto conhecido.

— Danil! — exclamou.

O homem não deu o menor sinal de atenção, nem mesmo quando Poole tornou a chamá-lo, mais alto:

— Não se lembra de mim?

Danil — e, agora que o havia alcançado, Poole não tinha a menor dúvida de sua identidade — pareceu genuinamente perplexo.

— Desculpe — disse. — O senhor é o Comandante Poole, é claro. Mas tenho certeza de que nunca fomos apresentados.

Foi a vez de Poole sentir-se sem graça.

— Bobagem minha — desculpou-se. — Devo tê-lo confundido com outra pessoa. Tenha um bom dia.

Ficou feliz com o encontro e contente em saber que Danil voltara à sociedade normal. Se seu crime original tinham sido assassinatos a machadadas ou atrasos na devolução de livros da biblioteca, seu antigo empregador já não precisaria preocupar-se; as contas tinham sido acertadas e os registros, encerrados. Embora às vezes sentisse falta dos dramas de polícia e ladrão que muitas vezes apreciara na juventude, Poole havia passado a aceitar a sabedoria da era atual: o interesse exagerado pelo comportamento patológico era patológico em si mesmo.

Com a ajuda da Srta. Pringle, Mk III, Poole conseguira organizar sua vida de tal modo que havia até alguns momentos livres, nos quais podia relaxar e ajustar sua Touca Cerebral na Busca Aleatória, vasculhando suas áreas de interesse. A parte sua família imediata, seu principal interesse ainda se situava entre as luas de Júpiter/Lúcifer, até por ele ser reconhecido como o maior especialista no assunto e por ser membro permanente da Comissão sobre o Europa.

Esta fora criada quase mil anos antes, para examinar o que poderia e deveria ser feito sobre o misterioso satélite, se fosse o caso. No correr dos séculos, havia acumulado um vasto volume de informações, que remontavam aos ônibus espaciais Voyager de 1979 e aos primeiros levantamentos detalhados feitos a partir da órbita das espaçonaves Galileo, em 1996 — justamente o ano de seu nascimento.

Como a maioria das organizações muito antigas, a Comissão sobre o Europa fora aos poucos se fossilizando e, a essa altura, só se reunia quando havia algum fato novo. Fora despertada com um susto depois do reaparecimento de Halman e nomeara um novo e enérgico presidente, cujo primeiro ato oficial consistira em convocar a ajuda de Poole.

Embora houvesse pouca coisa ainda não registrada com que pudesse contribuir, Poole ficou muito feliz por participar da Comissão. Obviamente, era seu dever colocar-se à disposição dela, que também lhe ofereceu um emprego oficial que, de outro modo, ter-lhe-ia feito falta. Até então, seu status fora o que um dia haviam chamado de "tesouro nacional", o que ele

julgava levemente embaraçoso. Embora ficasse feliz por ser sustentado no luxo por um mundo mais rico do que poderiam ter imaginado todos os sonhos das eras anteriores, devastadas pelas guerras, sentia necessidade de justificar sua existência.

Sentia também outra necessidade, que raramente verbalizava sequer para si mesmo. Halman havia falado com ele, ainda que brevemente, no estranho encontro de ambos, duas décadas antes. Poole estava certo de que poderia fazê-lo outra vez, sem dificuldade, se quisesse. Teriam todos os contatos humanos perdido o interesse para ele? Poole esperava que não, mas isso poderia ser uma explicação para o silêncio de Dave.

Ele se mantinha em contato freqüente com Theodore Khan — ativo e acerbo como sempre, e agora representante da Comissão sobre o Europa em Ganimedes. Desde que Poole retornara para a Terra, Khan vinha tentando em vão abrir um canal de comunicação com Bowman. Não conseguia entender porque longas listas de perguntas importantes, sobre temas de vital interesse filosófico e histórico, não obtinham sequer uma breve confirmação de recebimento.

— Será que o Monolito mantém seu amigo Halman tão ocupado que ele não consegue falar comigo? — queixou-se a Poole. — O que ele faz com seu tempo, afinal?

Era uma pergunta muito razoável; e a resposta, como um relâmpago surgido de um céu sem nuvens, veio do próprio Bowman — num vídeo-telefonema perfeitamente corriqueiro.

## 33. Contato

— Alô, Frank. Aqui é o Dave. Tenho uma mensagem muito importante para você. Presumo que esteja na sua suíte na Torre da África. Se estiver aí, por favor se identifique, dando o nome de seu instrutor de mecânica orbital. Vou esperar sessenta segundos e, se não houver resposta, tentarei outra vez, dentro de exatamente uma hora.

Aquele minuto mal foi suficiente para que Poole se recuperasse do susto. Ele sentiu uma breve onda de alegria, bem como de espanto, antes de ser tomado por uma outra emoção. Por mais que ficasse contente ao voltar a ter notícias de Bowman, aquela expressão, "uma mensagem muito importante", tinha um tom claramente sinistro.

Pelo menos, pensou Poole, tive a sorte de ele me perguntar um dos poucos nomes de que me lembro. Afinal, quem poderia esquecer aquele escocês, com um sotaque tão carregado de Glasgow, que eles tinham levado uma semana para entendê-lo? Mas ele fora um professor brilhante — quando se conseguia compreender o que estava dizendo.

— Dr. Gregory McVitty.

— Aceito. Agora, por favor ligue seu receptor da Touca Cerebral. Serão precisos três minutos para carregar esta mensagem. Não tente monitorar: estou usando uma compressão de dez para um. Vou esperar dois minutos antes de começar.

Como é que ele consegue fazer isso? — perguntou-se Poole. — Júpiter/Lúcifer está agora a mais de cinquenta minutos-luz de distância, de modo que essa mensagem deve ter sido mandada quase uma hora atrás. Deve ter sido enviada com um agente inteligente, numa embalagem adequadamente endereçada no tronco Ganimedes-Terra — mas isso seria um feito banal para Halman, com os recursos que ele parece ter conseguido dominar dentro do

Monolito.

As luzes indicadoras da Caixa Cerebral estavam piscando. A mensagem estava sendo transmitida.

Com o grau de compactação que Halman estava usando, levaria meia hora para que Poole absorvesse a mensagem em tempo real. Mas ele só precisou de dez minutos para saber que seu pacífico estilo de vida chegara abruptamente ao fim.

## 34. Julgamento

Num mundo de comunicação universal e instantânea, era muito difícil guardar segredos. Esse, resolveu Poole imediatamente, era um assunto para uma conversa cara a cara.

A Comissão sobre o Europa havia resmungado, mas todos os membros que a compunham reuniram-se em seu apartamento. Eram sete — o número da sorte, sem dúvida sugerido pelas fases da Lua, que sempre haviam fascinado a humanidade. Era a primeira vez que Poole encontrava três desses membros, embora, a essa altura, os conhecesse a todos mais minuciosamente do que lhe teria sido possível numa vida pré-Touca Cerebral.

— Presidente Oconnor, membros da Comissão, eu gostaria de dizer algumas palavras (apenas algumas, juro!) antes de vocês carregarem esta mensagem que recebi do Europa. E essa é uma coisa que prefiro fazer verbalmente; é mais natural para mim... acho que nunca ficarei muito à vontade com a transferência mental direta.

— Como todos vocês sabem — prosseguiu, — Dave Bowman e Hal foram armazenados como emulações no Monolito do Europa. Aparentemente, ele nunca se desfaz de um instrumento que um dia lhe tenha sido útil e, de vez em quando, ativa o Halman para monitorar nossos assuntos, quando eles começam a lhe dizer respeito, como desconfio que tenha sido o caso da minha chegada... se não me estou superestimando!

— Mas Halman — acrescentou Poole, — não é apenas um instrumento passivo. O componente Dave ainda preserva algo de suas origens humanas, e até de suas emoções. E, como fizemos juntos nossa formação, como compartilhamos quase tudo durante anos, ele parece achar muito mais fácil comunicar-se comigo do que com qualquer outra pessoa. Agradar-me-ia pensar que gosta disso, mas talvez essa seja uma palavra muito forte... Ele também é curioso, inquisitivo, e talvez se ressinta um pouco da maneira como foi recolhido, como um espécime da vida selvagem. Mesmo que isso seja provavelmente o que somos, do ponto de vista da inteligência que criou o Monolito.

— E onde está essa inteligência agora? — continuou. — Ao que parece, Halman sabe a resposta, e ela é aterradora. Como sempre suspeitamos, o Monolito faz parte de algum tipo de rede galáctica. E o núcleo mais próximo, o controlador ou superior imediato do Monolito, fica a 450 anos-luz de distância. Perto demais para nos sentirmos à vontade! Isso significa que o relatório transmitido sobre nós e nossas questões no início do século XXI foi recebido há meio milênio. Se o, digamos, supervisor do Monolito respondeu prontamente, quaisquer novas instruções devem estar chegando agora.

— E é exatamente isso que parece estar acontecendo — acrescentou Poole. — Nos últimos

dias, o Monolito tem recebido uma enfiada contínua de mensagens e vem instalando novos programas, presumivelmente de acordo com elas. Infelizmente, Halman só pode tecer conjecturas sobre a natureza dessas instruções. Como vocês verão quando carregarem este tablete, ele tem algum acesso limitado a muitos dos circuitos e bancos de memória do Monolito, e pode até manter com ele uma espécie de diálogo, se é que esta é a palavra certa, já que são necessárias duas pessoas para isso! Ainda não consigo realmente apreender a idéia de que o Monolito, apesar de todos os seus poderes, não seja dotado de consciência, e nem sequer saiba que ela existe!

— Halman vem matutando sobre esse problema, em caráter intermitente, há uns mil anos — prosseguiu Poole, — e chegou à mesma resposta que a maioria de nós. Mas, sem dúvida, sua conclusão deve ter muito mais peso, já que ele está por dentro da situação. Desculpem, eu não pretendia fazer piada... mas, do que mais poderíamos chamar seu conhecimento? O que quer que se tenha dado ao trabalho de nos criar, ou, pelo menos, de brincar com a mente e os genes de nossos ancestrais, está decidindo o que fazer a seguir. E Halman está pessimista. Não, isso é um exagero. Digamos que ele não vê nossas chances com muito otimismo, mas é agora um observador por demais imparcial para se sentir indevidamente preocupado. O futuro, a sobrevivência da raça humana!, não são para ele muito mais do que um problema interessante, mas ele está disposto a ajudar.

Poole parou de falar de repente, para surpresa de sua atenta platéia.

— É estranho, acaba de me ocorrer uma lembrança espantosa... Tenho certeza de que ela explica o que está acontecendo... Por favor, sejam pacientes comigo... Um dia, Dave e eu estávamos andando pela praia de Cabo Canaveral, algumas semanas antes do lançamento, quando notamos um grande besouro na areia. Como é comum acontecer, ele caíra de costas e estava agitando as pernas no ar, lutando para virar de barriga para baixo. Eu o ignorei — estávamos em meio a uma complexa discussão técnica — mas não Dave. Ele deu um passo ao lado e o desvirou cuidadosamente com o sapato. Quando o besouro se afastou, voando, comentei: "Tem certeza de que isso foi uma boa idéia? Agora ele vai sair por aí e mastigar os adorados crisântemos de alguém." E ele respondeu: "Talvez você tenha razão, mas prefiro dar-lhe o benefício da dúvida."

— Desculpem-me — concluiu Poole, — eu havia prometido dizer apenas algumas palavras! Mas estou muito feliz por ter recordado esse incidente; creio que ele realmente coloca a mensagem de Halman na perspectiva certa. Ele está dando à raça humana o benefício da dúvida... Agora, por favor, verifiquem suas Toucas Cerebrais. Essa é uma gravação de alta densidade, no alto da faixa U.V., Canal 110. Fiquem à vontade, mas certifiquem-se de se manter na linha visual. Lá vamos nós...

## 35. Conselho de Guerra

Ninguém pediu para repetir a gravação. Uma vez era o bastante.

Houve um breve silêncio quando ela terminou; depois, a Presidenta, Dra. Oconnor, retirou sua Touca Cerebral, massageou o couro cabeludo reluzente e disse com vagar:



— Você me ensinou uma expressão de sua época que me parece muito apropriada agora. Isso é um ninho de cobras.

— Mas só Bowman... só Halman o abriu — disse um dos membros da Comissão. — Será que ele realmente entende o funcionamento de uma coisa tão complexa quanto o Monolito? Ou será que toda essa história é um produto de sua imaginação?

— Não creio que ele tenha muita imaginação — retrucou a Dra. Oconnor. — E tudo se encaixa perfeitamente. Sobretudo a referência a Nova Scorpio. Presumíamos que aquilo tinha sido um acidente; ao que parece, foi... uma sentença.

— Primeiro Júpiter, agora Scorpio — disse o Dr. Kraussman, o eminente físico que era popularmente encarado como uma reencarnação do legendário Einstein. Uma pequena cirurgia plástica, segundo o boato corrente, também havia ajudado. — Quem será o próximo?

— Sempre achamos — disse a Presidenta — que os AMTs estavam nos monitorando. — Fez uma pequena pausa, e então acrescentou, em tom pesaroso: — Que falta de sorte, que terrível falta de sorte que o relatório final tenha sido enviado logo depois do pior período da história humana!

Houve outro silêncio. Todos sabiam que o século XX tinha sido rotulado de "Século da Tortura".

Poole escutava sem interromper, à espera de que surgisse algum consenso. Não era a primeira vez que se impressionava com a qualidade da Comissão. Ninguém estava tentando provar uma teoria favorita, marcar pontos no debate ou enaltecer um ego; ele não pôde deixar de notar o contraste com as discussões, amiúde mal humoradas, que ouvira em sua época, entre engenheiros e administradores da Agência Espacial, membros do Congresso e executivos da indústria.

Sim, não havia dúvida de que a raça humana tinha melhorado. A Touca Cerebral não só ajudara a triar os desajustados, como aumentara enormemente a eficiência da educação. No entanto, também tinha havido uma perda: havia pouquíssimos tipos memoráveis nessa sociedade. Assim, de pronto, ele só conseguia pensar em quatro: Indra, o Capitão Chandler, o Dr. Khan e a Dama do Dragão, de saudosa memória.

A Presidenta deixou a discussão fluir serenamente de um lado para outro, até que todos tivessem emitido sua opinião, e então iniciou seu resumo.

— A primeira pergunta evidente, ou seja, até que ponto devemos levar a sério essa ameaça, não merece que percamos tempo. Mesmo que seja um alarme falso ou um mal-entendido, ela é potencialmente tão grave que temos de aceitar que é real, até termos prova absoluta em contrário. Concordam?

— Muito bem — prosseguiu. — E não sabemos de quanto tempo dispomos. Portanto, devemos admitir que o perigo é iminente. Talvez Halman possa dar-nos algum outro aviso, mas, a essa altura, é possível que seja tarde demais. Portanto, a única coisa que temos que decidir é: temos meios de nos proteger de algo poderoso como o Monolito? Vejam o que aconteceu com Júpiter! E, aparentemente, com Nova Scorpio... Estou certa de que a força bruta seria inútil, embora talvez devamos explorar essa alternativa. Dr. Kraussman, quanto tempo levaria para construirmos uma superbomba?

— Presumindo que os projetos ainda existam, de modo que não haja necessidade de nenhuma pesquisa., bem, talvez umas duas semanas. As armas termonucleares são bastante simples e utilizam materiais comuns; afinal, foram feitas no Segundo Milênio! Mas, se quisermos uma

coisa mais sofisticada, digamos, uma bomba antimatéria ou um mini-buraco negro, bem, isso poderia levar alguns meses.

— Obrigada; você poderia começar a examinar o assunto? Mas, como eu disse, não creio que isso pudesse funcionar; certamente, uma coisa capaz de exercer tamanhos poderes também deve ser capaz de se defender deles. Portanto, alguma outra sugestão?

— Podemos negociar? — indagou um dos conselheiros, sem grande esperança.

— Com quê, ou com quem? — respondeu Kraussman. — Como descobrimos, o Monolito é puro mecanismo, fazendo exclusivamente o que foi programado para fazer. Talvez esse programa tenha algum grau de flexibilidade, mas não há como sabermos. E certamente não podemos apelar para o Escritório Central... ele fica a mil anos-luz de distância!

Poole ouvia sem interromper; não havia nenhuma contribuição que pudesse dar à discussão e, na verdade, grande parte dela ultrapassava completamente seu entendimento. Começou a experimentar um sentimento de depressão; porventura teria sido melhor, perguntou-se, não transmitir aquela informação? Nesse caso, se fosse um alarme falso, ninguém sairia prejudicado. E, se não fosse... bem, a humanidade ainda teria paz de espírito, antes de qualquer destino inescapável que estivesse à sua espera.

Ele continuava remoendo essas idéias sombrias quando, de repente, foi alertado por uma expressão conhecida.

Um membro bastante discreto da Comissão, de nome tão comprido e difícil que Poole nunca conseguia lembrá-lo, e muito menos pronunciá-lo, introduzira abruptamente apenas três palavrinhas na discussão.

— Cavalo de Tróia!

Houve um daqueles silêncios que costumam ser descritos como "carregados", e em seguida um coro de "Como foi que não pensei nisso!", "E claro!", "Excelente idéia!", até que a Presidenta, pela primeira vez na sessão, teve que botar a ordem.

— Obrigada, Professor Thirugnanasampanthamoorthy — disse a Dra. Oconnor, sem vacilar numa sílaba. — O senhor poderia explicar-se melhor?

— Certamente. Se o Monolito de fato é, como todos parecem pensar, essencialmente uma máquina sem consciência, e portanto, com uma capacidade muito pequena de auto-monitoração, é possível que já tenhamos as armas capazes de derrotá-lo. Trancadas na Caixa-Forte.

— E um sistema de entrega: Halman!

— Exatamente.

— Só um minuto, Dr. T. Não sabemos nada, absolutamente nada, sobre a arquitetura do Monolito. Como podemos ter certeza de que algo projetado por nossa espécie primitiva seria eficaz contra ele?

— Não podemos, mas lembre-se disto: por mais sofisticado que seja, o Monolito tem que obedecer exatamente às mesmas leis universais da lógica que Aristóteles e Boole formularam, séculos atrás. Por isso é que deve ser — não, tem que ser! — vulnerável às coisas trancadas na Caixa-Forte. Temos que montá-las de maneira a que pelo menos uma delas funcione. E nossa única esperança... a menos que alguém tenha uma alternativa melhor.

— Desculpem-me — disse Poole, finalmente perdendo a paciência — será que alguém pode ter a gentileza de me dizer o que é e onde fica essa famosa Caixa-Forte de que estão falando?

## 36. Câmara dos Horrores

A história está repleta de pesadelos, alguns naturais, outros feitos pelo homem.

No fim do século XXI, a maioria dos que eram naturais — a varíola, a Peste Negra, a AIDS, os vírus hediondos que espreitavam na selva africana — tinha sido eliminada, ou pelo menos controlada pelo avanço da medicina. Entretanto, nunca se devia subestimar a engenhosidade da Mãe Natureza, e ninguém duvidava que o futuro continuaria a ter algumas desagradáveis surpresas biológicas reservadas para a humanidade.

Assim, parecia uma precaução sensata reservar alguns espécimes de todos esses horrores para estudos científicos — cuidadosamente guardados, é claro, para que não houvesse possibilidade de escaparem e tornarem a promover o caos na espécie humana. Mas, como se poderia ter absoluta certeza de que isso não acontecesse?

Como era compreensível, tinha havido um enorme clamor no fim do século XXI quando se propôs guardar os últimos vírus conhecidos da varíola nos Centros de Controle de Doenças dos Estados Unidos e da Rússia. Por mais improvável que fosse, havia uma possibilidade limitada de que eles viessem a ser liberados por acidentes como terremotos, falhas do equipamento, ou até sabotagem deliberada por parte de grupos terroristas.

Uma solução que satisfiz a todos (exceto alguns extremistas do "Preservem o ermo lunar!") consistiu em despachá-los para a Lua e conservá-los num laboratório, no fim de um túnel de um quilômetro de extensão, escavado na montanha isolada de Pico, um dos acidentes geográficos mais destacados do Maré Imbrium. E ali, ao longo dos anos, a eles foram juntar-se alguns dos mais destacados exemplos da engenhosidade mal-orientada — a rigidez, da loucura — humana.

Havia gases e vapores que, mesmo em doses microscópicas, provocavam a morte lenta ou instantânea. Alguns tinham sido criados por membros de cultos religiosos que, apesar de mentalmente perturbados, haviam conseguido adquirir um considerável conhecimento científico. Muitos destes acreditavam que o fim do mundo estava próximo (e nele, é claro, apenas seus seguidores seriam salvos). Caso Deus fosse distraído o bastante para não cumprir o programado, eles queriam certificar-se de poder retificar Seu lapso lamentável.

Os primeiros ataques desses fiéis letais foram perpetrados contra alvos vulneráveis, como metrô repletos, exposições mundiais, estádios esportivos, concertos de música popular e similares... e dezenas de milhares de pessoas tinham sido mortas, e muitas mais, feridas, antes que essa loucura fosse controlada, no início do século XXI. Como muitas vezes acontece, um bem tinha saído desse mal, pois ele obrigara os órgãos mundiais de manutenção da lei a cooperarem como nunca tinham feito antes. Nem mesmo certos Estados trapaceiros, que haviam promovido o terrorismo político, conseguiram tolerar essa variedade aleatória e totalmente imprevisível.

Os agentes químicos e biológicos usados nesses ataques

— assim como em formas anteriores de guerra — somaram-se à mortífera coleção de Pico. Seus antídotos, quando existiam, foram também armazenados. Esperava-se que nenhuma parte desse material jamais voltasse a preocupar a humanidade

— mas ele continuava disponível, sob guarda cerrada, para a eventualidade de ser necessário em alguma emergência desesperada.

A terceira categoria de artigos armazenados na Caixa-Forte de Pico, embora fosse possível classificá-los como pestes, nunca havia matado nem ferido ninguém — diretamente. Nem sequer tinha existido antes do fim do século XX, mas, no intervalo de poucas décadas, havia causado prejuízos de bilhões de dólares e, muitas vezes, destruído vidas com a mesma eficácia com que o faria qualquer doença orgânica. Tratava-se das doenças que atacavam o mais novo e mais versátil servo da humanidade, o computador.

Extraindo nomes dos dicionários de medicina — vírus, bacilos, germes — tratava-se de programas que muitas vezes imitavam, com insólita precisão, o comportamento de seus parentes orgânicos. Alguns eram inofensivos — pouco mais do que brincadeiras divertidas, concebidas para surpreender ou divertir os usuários de computadores com mensagens e imagens inesperadas em seus painéis visuais. Outros eram muito mais maléficos — instrumentos deliberadamente projetados para provocar catástrofes.

Na maioria dos casos, seu objetivo era inteiramente mercenário; eles eram as armas que os criminosos sofisticados usavam para chantagear bancos e organizações comerciais que, àquela altura, dependiam por completo do funcionamento eficiente de seus sistemas de computação. Ao serem avisadas de que seus bancos de dados seriam automaticamente apagados numa certa hora, a menos que elas transferissem alguns megadólares para um número anônimo no exterior, as vítimas, em sua maioria, resolviam não correr o risco de um possível desastre irremediável. Quase sempre pagavam, em silêncio — para evitar o embaraço público ou até privado — sem notificar a polícia.

Esse compreensível desejo de privacidade facilitara a realização dos assaltos eletrônicos por parte dos salteadores de redes: mesmo quando capturados, eles eram bem tratados pelos sistemas legais, que não sabiam como lidar com esses crimes inéditos — e, afinal, eles não tinham machucado ninguém, não é? A rigor, depois de cumprirem suas curtas penas, muitos dos criminosos eram discretamente contratados por suas vítimas, segundo o velho princípio de que os caçadores são os melhores guardiões da caça.

Esses criminosos dos computadores eram movidos puramente pela ganância e, com certeza, não pretendiam destruir as organizações que atacavam: nenhum parasita sensato mata seu hospedeiro. Mas outros inimigos muito mais poderosos da sociedade estavam em ação...

Em geral, tratava-se de indivíduos desajustados — tipicamente, adolescentes do sexo masculino — que trabalhavam inteiramente sozinhos e, é claro, em completo sigilo. Seu objetivo era criar programas que simplesmente gerassem o caos e a confusão, depois de serem espalhados por todo o planeta através das redes mundiais de rádio e televisão a cabo, ou de portadores físicos como disquetes e CD-ROMs. Depois disso, eles se deleitavam com o caos resultante, gozando a sensação de poder que ele dava a seus psiquismos lamentáveis.

Veza por outra, esses gênios perversos eram descobertos e adotados por órgãos nacionais de espionagem, para seus próprios fins sigilosos — em geral, penetrar nos bancos de dados de seus rivais. Esse era um tipo de emprego bastante inofensivo, na medida em que as organizações em questão tinham, pelo menos, um certo senso de responsabilidade civil.

O mesmo não acontecia com as seitas apocalípticas, que ficavam encantadas ao descobrir esse novo arsenal, que continha armas muito mais eficazes e mais fáceis de disseminar do que os gases ou os germes. E muito mais difíceis de ser combatidas, já que podiam ser

instantaneamente transmitidas para milhões de lares e escritórios.

O colapso do Banco de Nova York e Havana em 2005, o lançamento dos mísseis nucleares indianos em 2007 (por sorte, com suas ogivas desativadas) o fechamento do Controle de Tráfego Aéreo Pan-Europeu em 2008, a paralisação da rede telefônica norte-americana nesse mesmo ano, tudo isso foram ensaios do Dia do Juízo Final inspirados pelos cultos. Graças a alguns feitos brilhantes de contra-inteligência, por parte de agências nacionais normalmente pouco cooperativas e que até guerreavam entre si, essa ameaça foi lentamente colocada sob controle.

Pelo menos, era o que se costumava supor: não tinha havido nenhum ataque grave às próprias bases da sociedade em várias centenas de anos. Uma das principais armas da vitória tinha sido a Touca Cerebral — embora alguns acreditassem que essa conquista fora obtida a um preço alto demais.

Embora as discussões sobre a liberdade do indivíduo, em contraposição aos deveres do Estado, já fossem velhas quando Platão e Aristóteles tentaram codificá-las, e provavelmente continuassem a sê-lo até o fim dos tempos, havia-se chegado a um certo consenso no Terceiro Milênio. Admitia-se, de um modo geral, que o comunismo era a forma mais perfeita de governo; infelizmente, havia-se demonstrado — à custa de algumas centenas de milhões de vidas — que ele só era aplicável aos insetos sociais, aos Robôs da Classe II e a categorias similarmente restritas. Para os seres humanos imperfeitos, a resposta menos ruim era a Democracia, freqüentemente definida como "A ganância individual, moderada por um governo eficiente mas não muito ardoroso".

Logo depois que a Touca Cerebral passou a ser genericamente utilizada, alguns burocratas sumamente inteligentes — e extremamente zelosos — perceberam seu potencial ímpar como sistema de advertência precoce. Durante o processo de instalação, quando o novo portador era mentalmente "calibrado", era possível detectar muitas formas de psicose antes que elas tivessem a oportunidade de se tornar perigosas. Muitas vezes com a sugestão da melhor terapia, mas, quando não parecia haver possibilidade de cura, era possível marcar eletronicamente o sujeito — ou, em casos extremos, segregá-lo da sociedade. Naturalmente, essa monitoração cerebral só podia testar os que eram providos de uma Touca Cerebral — mas, no fim do Terceiro Milênio, isso era tão essencial para a vida cotidiana quanto fora o telefone pessoal no início dele. Na verdade, qualquer um que não se juntasse à vasta maioria tornava-se automaticamente suspeito e era verificado como desviante potencial.

Nem é preciso dizer que, quando a "Vasculhação da mente", como a chamaram seus críticos, passou a entrar em uso geral, houve clamores ultrajados, provenientes das organizações de direitos civis; um de seus lemas mais eficazes era "Touca Cerebral ou Taco Cerebral?". Aos poucos, porém, e até com relutância, admitiu-se que essa forma de monitoração era uma precaução necessária contra males muito piores, e não foi por coincidência que, com o aprimoramento geral da saúde mental, o fanatismo religioso também iniciou seu rápido declínio.

Quando se encerrou a prolongada guerra contra os criminosos cibernéticos, os vencedores viram-se de posse de uma embaraçosa coleção de despojos, todos sumamente incompreensíveis para qualquer conquistador do passado. Havia, é claro, centenas de vírus de computador, a maioria muito difícil de identificar e matar. E havia também algumas entidades, na falta de uma denominação melhor, muito mais apavorantes. Tratava-se de doenças

brilantemente inventadas, para as quais não havia cura — em alguns casos, nem sequer uma possibilidade de cura...

Muitas delas tinham sido associadas a grandes matemáticos, que teriam ficado horrorizados com essa adulteração de suas descobertas. Como é uma característica humana minimizar os perigos reais dando-lhes nomes absurdos, era comum as denominações serem jocosas: o Gnomo de Godel, o Mito de Mandelbrot, a Catástrofe Combinatória, o Truque Transfinito, o Conluio de Conway, o Torpedo de Turing, o Labirinto de Lorenz, a Bomba de Boole, o Cheque de Shannon, o Cataclismo de Cantor e assim por diante...

Se havia possibilidade de alguma generalização, todos esses horrores matemáticos funcionavam segundo o mesmo princípio. Não dependiam, para ser eficazes, de nada tão ingênuo quanto um apagamento da memória ou uma corrupção dos códigos — muito pelo contrário. Sua abordagem era muito mais sutil; eles convenciam a máquina hospedeira a dar início a um programa que não pudesse ser concluído antes do fim do universo, ou que implicasse — o Mito de Mandelbrot era o exemplo mais mortífero — uma seqüência de passos literalmente infinita.

Um exemplo banal seria o cálculo de Pi, ou de qualquer outro número irracional. Contudo, nem mesmo o mais estúpido dos computadores eletro-ópticos cairia numa armadilha tão banal; já ia longe o tempo em que os idiotas mecânicos desgastavam suas engrenagens, triturando-as até reduzi-las a pó, enquanto tentavam fazer divisões por zero...

O desafio, para os programadores demoníacos, estava em convencer suas vítimas de que a tarefa que lhes era destinada tinha uma conclusão definida, passível de ser alcançada num prazo finito. Na batalha de cérebros entre o homem (e raramente a mulher, apesar de modelos de comportamento como Lady Ada Lovelace, a almiranta Grace Hopper e a Dra. Susan Calvin) e a máquina, a máquina saía perdendo quase que invariavelmente.

Teria sido possível — embora, em alguns casos, difícil e até arriscado — destruir as obscenidades capturadas, usando os comandos APAGAR/SOBRESCREVER, mas elas representavam um enorme investimento de tempo e engenhosidade que, por mais mal orientado que fosse, parecia ser uma pena desperdiçar. E, o que era mais importante, talvez deveriam ser guardadas para fins de estudo em algum lugar seguro, como uma salvaguarda contra um momento em que algum gênio maléfico viesse a reinventá-las e empregá-las.

A solução era evidente. Os demônios digitais deveriam ser trancafiados com seus equivalentes químicos e biológicos, para sempre, segundo se esperava, na Caixa-Forte de Pico.

## 37. Operação Dâmocles

Poole não teve muito contato com a equipe montadora da arma que todos esperavam nunca fosse usada. A operação — que recebeu a denominação sinistra mas apropriada de Dâmocles — era tão sumamente especializada que ele não pôde fazer nenhuma contribuição direta, e viu o bastante da força-tarefa para perceber que alguns de seus membros bem poderiam pertencer a espécies alienígenas. De fato, um dos principais parecia vir de num manicômio — Poole

ficara surpreso ao saber que esses lugares ainda existiam — e, vez por outra, a Presidenta Oconnor insinuava que pelo menos outros dois deveriam juntar-se a ele.

— Já ouviu falar do Projeto Enigma? — perguntou a Poole, depois de uma reunião particularmente frustrante.

Quando ele abanou a cabeça, Oconnor prosseguiu: — Fico surpresa... foi apenas algumas décadas antes de você nascer; deparei com ele quando estava pesquisando material para a Dâmocles. Um problema muito semelhante... Numa de vossas guerras, um grupo de matemáticos brilhantes formou-se em grande sigilo, para decifrar um código inimigo... aliás, eles construíram um dos primeiros computadores de verdade, para viabilizar a tarefa. E há um episódio encantador... espero que seja verdadeiro... que me faz lembrar nossa própria equipezinha. Um dia, o primeiro-ministro fez uma visita de inspeção e, ao final dela, disse ao diretor do Enigma: "Quando eu lhe disse que fosse a qualquer buraco para conseguir os homens de que precisasse, não esperei que fosse interpretar minhas palavras tão ao pé da letra."

Presumivelmente, todos os céus e terras tinham sido movidos para o Projeto Dâmocles. Mas, como ninguém sabia se estava trabalhando com um prazo-limite de dias, semanas ou anos, foi difícil, no começo, introduzir um senso de urgência. A necessidade de sigilo também criou problemas; já que não fazia sentido espalhar o pânico por todo o Sistema Solar, não mais de cinquenta pessoas tinham conhecimento do projeto. Mas eram as pessoas que importavam — capazes de congregiar todas as forças necessárias, e as únicas com poder para autorizar a abertura da Caixa-Forte de Pico, pela primeira vez em quinhentos anos.

Quando Halman informou que o Monolito vinha recebendo mensagens com frequência cada vez maior, não pareceu haver dúvida de que algo ia acontecer. Poole não foi o único a ter dificuldade de dormir naqueles dias, mesmo com a ajuda dos programas anti-insônia da Touca Cerebral. Antes de finalmente adormecer, era comum ele se perguntar se acordaria de novo. Por fim, porém, todos os componentes da arma foram reunidos: uma arma invisível, intocável — e inimaginável para quase todos os guerreiros que já viveram.

Nada poderia parecer mais inofensivo e inocente do que o tablete perfeitamente padronizado de um terabyte de memória, usado todos os dias em milhões de Toucas Cerebrais. Mas o fato de estar envolto num bloco maciço de material cristalino, perpassado por tiras de metal, indicava que ele era algo bastante fora do comum.

Poole o recebeu com relutância; ficou a se perguntar se o portador que recebera a assombrosa tarefa de transportar o núcleo da bomba atômica de Hiroshima para a base aérea do Pacífico de onde ela foi lançada teria sentido a mesma coisa. No entanto, se todos os temores do grupo fossem justificados, sua responsabilidade talvez fosse ainda maior.

E ele não podia ter certeza de que sequer a primeira parte de sua missão viesse a ter sucesso. Como nenhum circuito podia ser cem por cento seguro, Halman ainda não fora informado do Projeto Dâmocles; Poole o informaria quando voltasse a Ganimedes.

Nesse momento, só lhe restaria esperar que Halman se dispusesse a desempenhar o papel do cavalo de Tróia — e, quem sabe, a ser destruído nesse processo.

## 38. Ataque Preventivo

Era estranho estar de volta ao Hotel Granimedes depois de todos aqueles anos — mais estranho ainda na medida em que ele parecia completamente inalterado, apesar de tudo o que havia acontecido. Poole tornou a ser saudado pela imagem familiar de Bowman ao entrar na suíte que levava seu nome; e, como havia esperado, Bowman/Halman o estava aguardando, com uma aparência ligeiramente menos substancial do que o antigo holograma.

Antes que pudessem cumprimentar-se, houve uma interrupção que Poole teria acolhido de bom grado — em qualquer outra ocasião, menos naquela. O videofone do quarto tocou seu trio urgente de notas ascendentes — também inalterado desde a última visita — e na tela apareceu um velho amigo.

— Frank! — exclamou Theodore Khan, — por que não me disse que viria? Quando podemos encontrar-nos? Por que você está sem vídeo... há alguém com você? E quem eram todos aqueles sujeitos com aparência de oficiais que desembarcaram junto com...

— Por favor, Ted! É, eu sinto muito mas, creia-me, tenho bons motivos... mais tarde lhe explico. E estou realmente com alguém... ligo para você assim que puder. Até logo!

Ao dar tardiamente a ordem "Não perturbe", Poole disse em tom apologético: — Perdoe-me por isso... você sabe quem era, é claro.

— Sei, o Dr. Khan. Ele tentou muitas vezes entrar em contato comigo.

— Mas você nunca respondeu. Posso perguntar por quê? — Embora houvesse assuntos muito mais importantes com que se preocupar, Poole não pôde resistir a formular a pergunta.

— Nosso canal era o único que eu queria manter aberto. Além disso, muitas vezes eu estava fora. Por anos, em algumas ocasiões.

Aquilo era surpreendente — embora não devesse ser. Poole sabia muito bem que Halman fora visto muitas vezes em diversos lugares. Mas, "por anos"? Era possível que houvesse visitado um bocado de sistemas estelares — talvez tivesse sido assim que ficara sabendo de Nova Scorpio, a apenas quarenta anos-luz de distância. Mas ele nunca poderia ter feito todo o trajeto até o Núcleo; a viagem de ida e volta teria durado novecentos anos!

— Que sorte você estar aqui quando precisamos de sua ajuda!

Era muito incomum Halman hesitar em responder. Passou-se muito mais do que o inevitável intervalo de três segundos antes que retrucasse, lentamente:

— Tem certeza de que foi sorte?

— Que quer dizer?

— Não quero falar nisso, mas, por duas vezes, vislumbrei... poderes... entidades... muito superiores aos Monolitos, e talvez até seus criadores. E possível que tenhamos menos liberdade do que imaginamos.

Era uma idéia realmente apavorante; Poole precisou de um esforço deliberado de vontade para deixá-la de lado e se concentrar no problema imediato.

— Vamos esperar que tenhamos livre arbítrio suficiente para fazer o que é preciso. Talvez esta seja uma pergunta tola, mas, o Monolito sabe que nós nos estamos encontrando? Poderia estar... desconfiado?

— Ele não é capaz dessa emoção. Tem numerosos dispositivos de proteção contra defeitos, alguns dos quais eu compreendo. Mas é só. — Poderia estar-nos escutando agora? — Não



creio.

Oxalá eu pudesse ter certeza de que ele é um supergênio tão ingênuo e simples assim, pensou Poole, enquanto destrancava sua maleta e retirava a caixa hermeticamente fechada que continha o tablete. Nessa baixa gravidade, o peso dela era quase insignificante; era impossível acreditar que talvez contivesse o destino da humanidade.

— Não havia meio de termos certeza de obter um circuito de comunicação seguro com você, de modo que não podíamos entrar em detalhes. Este tablete contém alguns programas que esperamos que impeçam o Monolito de executar qualquer ordem que ameace a humanidade. Há nele vinte dos vírus mais devastadores que já foram inventados, a maioria sem antídoto conhecido; em alguns casos, acredita-se que não haja antídoto possível. Há cinco cópias de cada um. Gostaríamos que você os liberasse, se e quando julgar necessário. Dave... Hal, nunca se deu tamanha responsabilidade a ninguém. Mas não temos alternativa.

Mais uma vez, a resposta pareceu levar mais tempo que o percurso de três segundos entre Ganimedes e o Europa.

— Se fizermos isso, é possível que cessem todas as funções do Monolito. Não temos certeza do que acontecerá conosco nesse caso.

— Levamos isso em consideração, é claro. Mas, a esta altura, você com certeza deve ter muitas facilidades sob seu controle... algumas, provavelmente, indo além da nossa compreensão. Também lhe estou enviando um tablete de um petabyte de memória. Esse volume de IO15 bytes é mais do que suficiente para guardar todas as lembranças e experiências de muitas vidas. Isso lhe dará uma via de escape; desconfio que você tenha outras.

— Correto. Decidiremos qual delas usar no momento apropriado.

Poole relaxou — tanto quanto possível, naquela situação extraordinária. Halman estava disposto a cooperar: ainda tinha laços suficientes com suas origens.

— Agora, temos que fazer este tablete chegar até você... fisicamente. O conteúdo é perigoso demais para correremos o risco de mandá-lo por um canal óptico ou de rádio. Sei que você tem controle da matéria a longa distância: não detonou uma bomba orbital, certa vez? Será que pode transportá-lo para o Europa? Caso contrário, podemos mandá-lo num portador automático para qualquer ponto que você especificar.

— É, assim seria melhor. Eu o pego em Tsienville. Eis as coordenadas...

Poole ainda estava afundado em sua poltrona quando o monitor da Suíte Bowman deixou entrar o chefe da delegação que o havia acompanhado na vinda da Terra. Se o Cel. Jones era coronel de fato — ou mesmo se seu nome era Jones — constituíam pequenos mistérios que Poole não estava realmente interessado em decifrar; bastava saber que ele era um organizador esplêndido e que lidara com a mecânica da Operação Dâmocles com serena eficiência.

— Bem, Frank, ele está a caminho. Estará descendo dentro de uma hora e dez minutos. Presumo que Halman possa se encarregar a partir daí, mas não compreendo como ele poderá realmente manejar... será essa a palavra certa?... esses tabletes.

— Também me perguntei isso, até que alguém da Comissão sobre o Europa me explicou. Há um teorema conhecido

— embora não por mim! — que diz que qualquer computador é capaz de emular qualquer outro computador. Portanto, tenho certeza de que Halman sabe exatamente o que está fazendo. De outro modo, nunca teria concordado.

— Espero que você tenha razão — respondeu o coronel.

— Se não... bem, não sei que alternativa teríamos.

Houve uma pausa carregada, até que Poole fez o melhor que pôde para aliviar a tensão.

— A propósito, soube do boato local sobre nossa visita? — Qual deles?

— O de que somos uma comissão especial, enviada para cá para investigar o crime e a corrupção nesta rude cidadezinha de fronteira. Parece que o prefeito e o xerife estão apavorados.

— Como os invejo! — disse o Cel. Jones. — Às vezes é um alívio ter alguma coisa banal com que se preocupar.

## 39. O Deícidio

Como todos os moradores da Cidade de Anúbis (população atual de 56.521 habitantes), o Dr. Theodore Khan acordou logo depois da meia-noite local, ao som do Alarme Geral. Sua primeira reação foi: "Outro gelemoto, não, pelo amor de Teos!"

Correu até a janela, gritando "Abra" tão alto que o quarto não compreendeu, e ele teve de repetir a ordem em tom normal. A luz de Lúcifer deveria ter entrado, desenhando no chão os motivos que tanto fascinavam os visitantes da Terra, por nunca se moverem nem mesmo uma fração de milímetro, não importava o quanto eles esperassem..

Mas o invariável raio de luz já não estava lá. Ao olhar, completamente atônito, através da imensa bolha transparente da Cúpula de Anúbis, Khan viu um céu que Ganimedes não conhecera durante mil anos. Estava novamente repleto de estrelas; Lúcifer havia desaparecido.

E então, enquanto explorava as constelações esquecidas, ele notou algo ainda mais aterrador. No lugar onde Lúcifer deveria estar havia um disco minúsculo, de negrume absoluto, eclipsando estrelas pouco conhecidas.

Só havia uma explicação possível, disse Khan a si mesmo, entorpecido. Lúcifer foi tragado por um Buraco Negro. E quem sabe agora seja a nossa vez.

Da sacada do Hotel Granimedes, Poole assistia ao mesmo espetáculo, porém com emoções mais complexas. Antes mesmo do Alarme Geral, seu comunicador o havia acordado com uma mensagem de Halman.

"Está começando. Infectamos o Monolito. Mas um, ou talvez vários vírus, entraram em nossos circuitos. Não sabemos se teremos possibilidade de usar o tablete de memória que você nos deu. Se conseguirmos, iremos encontrá-lo em Tsienville."

Depois tinham vindo aquelas palavras surpreendentes e estranhamente comovedoras, cujo exato teor afetivo seria debatido por gerações:

"Se não conseguirmos carregar, lembre-se de nós."

Do aposento às suas costas Poole ouviu a voz do prefeito, fazendo o possível para tranquilizar os cidadãos agora insones de Anúbis. Embora começasse por aquela que é a mais aterradora das declarações oficiais — "Não há motivo para alarme" — o prefeito tinha, de fato, palavras tranquilizadoras.

— Não sabemos o que está acontecendo... mas Lúcifer continua a brilhar normalmente! Repito, Lúcifer continua a brilhar! Acabamos de receber notícias do ônibus espacial interorbital Alcyone, que partiu para Calisto há meia hora. Ouçam o que eles dizem... Poole saiu da sacada e entrou correndo no quarto, bem a tempo de ver o tranqüilizador brilho de Lúcifer na videotela.

— O que aconteceu — continuou o prefeito, esbaforido — é que alguma coisa provocou um eclipse temporário... vamos aumentar a ampliação para dar uma olhada... Observa-tório de Calisto, entre, por favor...

Como é que ele sabe que é "temporário"?, pensou Poole, enquanto esperava que a imagem seguinte aparecesse na tela.

Lúcifer desapareceu, sendo substituído por um campo de estrelas. Ao mesmo tempo, a voz do prefeito foi sumindo e uma outra se fez ouvir:

— ... telescópio de dois metros, mas quase qualquer instrumento serve. E um disco de material perfeitamente negro, com pouco mais de dez mil quilômetros de diâmetro, e tão fino que não exhibe nenhuma espessura visível. E está posicionado exatamente — de maneira deliberada, é óbvio — de modo a impedir que Ganimedes receba qualquer luz. Vamos aumentar a ampliação para ver se ela nos mostra algum detalhe, embora eu duvide bastante...

Do posto de observação de Calisto, o disco ocultador achatou-se numa oval com um comprimento equivalente ao dobro de sua largura. Expandiu-se até ocupar completamente a tela; a partir desse momento, foi impossível dizer se estava havendo uma ampliação maior da imagem, pois ela não exibia estrutura alguma.

— Como imaginei, não há nada para ver. Vamos abrir uma panorâmica até a borda da coisa... Mais uma vez, não houve qualquer sensação de movimento, até surgir de repente um campo de estrelas, nitidamente definido pela borda recurvada do disco do tamanho de um mundo. Era exatamente como se eles estivessem olhando para além do horizonte de um planeta sem oxigênio e perfeitamente liso.

Não, não era perfeitamente liso...

— Isso é interessante — comentou o astrônomo, que até então soara singularmente despreocupado, como se aquele tipo de coisa fosse um acontecimento cotidiano. — A borda parece dentada... mas de um modo muito regular... como a lâmina de uma serra...

Uma serra circular, murmurou Poole. Será que vai nos picotar? Não seja ridículo...

— Isso é o máximo que podemos nos aproximar sem que a difração estrague a imagem... vamos revelá-la posteriormente e conseguir detalhes muito melhores.

A ampliação era tão grande, a essa altura, que qualquer vestígio da circularidade do disco havia desaparecido. Em toda a videotela havia uma faixa negra, serrilhada na borda com triângulos tão idênticos, que Poole teve dificuldade de evitar a lúgubre analogia com uma serra circular. No entanto, alguma outra coisa o incomodava num canto qualquer da mente...

Como todas as outras pessoas em Ganimedes, ele estava observando as estrelas, infinitamente mais distantes, entrarem e saírem daqueles vales perfeitamente geométricos. Com toda a probabilidade, muitas teriam chegado à mesma conclusão, antes mesmo dele.

Quando se procura compor um disco com blocos retangulares, quer suas proporções sejam 1:4:9 ou quaisquer outras, é impossível que ele fique com uma borda lisa. E claro que se pode torná-lo um círculo tão perfeito quanto possível, usando blocos cada vez menores. Mas, por que ter todo esse trabalho, quando se quer simplesmente construir uma tela suficientemente

grande para eclipsar um sol?

O prefeito tinha razão; o eclipse era mesmo temporário. Mas seu término foi o oposto exato do fim de um eclipse solar.

Primeiro, a luz irrompeu precisamente no centro, e não no habitual colar de Bolas de Bailey, ao longo da borda. Linhas denteadas irradiaram-se de um burquinho ínfimo, e então, com ampliação máxima, a estrutura do disco começou a se revelar. Ele se compunha de milhões de retângulos idênticos, talvez do mesmo tamanho da Grande Muralha do Europa. E, nesse momento, eles se estavam separando: era como se um gigantesco quebra-cabeça fosse desmantelado.

A luz perpétua mas brevemente interrompida de Lúcifer foi voltando lentamente a Ganimedes, à medida que o disco se fragmentava e os raios de sol iam-se filtrando pelas aberturas cada vez maiores. Agora, os próprios componentes estavam-se evaporando, quase como se precisassem do reforço do contato mútuo para se manterem reais.

Embora parecessem passar-se horas para os ansiosos observadores de Anúbis, o fenômeno inteiro durou menos de quinze minutos. Só quando terminou foi que alguém prestou atenção no Europa.

A Grande Muralha havia desaparecido: e quase uma hora transcorreu até chegar da Terra, de Marte e da Lua a notícia de que o próprio Sol parecera piscar por alguns segundos, antes de voltar ao normal.

Tinha sido um conjunto altamente seletivo de eclipses, tendo por alvo evidente a humanidade. Em nenhuma outra parte do Sistema Solar ter-se-ia notado coisa alguma.

Na agitação geral, demorou um pouco mais para que o mundo percebesse que o ATM-0 e o ATM-1 haviam desaparecido, deixando apenas suas marcas de quatro milhões de anos em Tycho e na África.

Foi a primeira vez que os europs puderam encontrar-se com seres humanos, mas não pareceram alarmados nem surpresos com aquelas enormes criaturas que se deslocavam entre eles a uma velocidade tão incrível. É claro que não era muito fácil interpretar o estado emocional de algo que parecia um arbusto pequenino e desfolhado, sem nenhum órgão sensorial ou meio de comunicação visíveis. Mas, se estivessem assustados com a chegada do Alcyone e com o aparecimento de seus passageiros, certamente eles teriam continuado escondidos em seus iglus.

Quando Frank Poole, ligeiramente atrapalhado com seu traje protetor espacial e com o presente de cobre reluzente que carregava, entrou naquele bairro desordenado de Tsienville, perguntou a si mesmo o que pensariam os europs dos últimos acontecimentos. Para eles, não tinha havido nenhum eclipse de Lúcifer, mas, com certeza, o desaparecimento da Grande Muralha teria sido um choque. Ela estivera ali desde tempos imemoriais, como um escudo e, sem dúvida, muito mais do que isso; e então, subitamente, havia desaparecido, como se nunca tivesse existido...

O tablete de um petabyte estava à sua espera, com um grupo de europs postado a seu redor, demonstrando o primeiro sinal de curiosidade que ele já havia observado. Poole se perguntou se, de algum modo, Halman Ihes teria pedido para cuidarem daquele presente vindo do espaço, até que fosse buscá-lo.

E levá-lo de volta — já que agora ele continha não apenas um amigo adormecido, mas terrores que alguma era futura talvez pudesse exorcizar — para o único lugar onde ele poderia

ser guardado em segurança.

## 40. Meia-Noite: Pico

Seria difícil, pensou Poole, imaginar um cenário mais pacífico — sobretudo depois do trauma das últimas semanas. Os raios oblíquos de uma Terra quase cheia revelavam todos os detalhes sutis do ressequido mar das Chuvas, sem obliterá-los, como faria a fúria incandescente do Sol.

O pequeno comboio de lunamóveis fora disposto em semicírculo, a cem metros da discreta abertura na base de Pico que constituía a entrada da Caixa-Forte. Daquele posto de observação, Poole podia ver que a montanha não ficava à altura do nome que os primeiros astrônomos, iludidos por sua sombra pontiaguda, tinham-lhe conferido. Parecia-se mais com uma colina arredondada do que com um pico agudo, e era de acreditar que um dos passatempos do local fosse subir até seu topo de bicicleta. Até agora, nenhum daqueles desportistas teria conseguido adivinhar o segredo oculto sob suas rodas; e Poole esperava que esse conhecimento sinistro não lhes desestimulasse o sadio exercício.

Uma hora antes, com uma mescla de tristeza e triunfo, ele entregara o tablete que havia trazido, sem jamais perdê-lo de vista, de Ganimedes diretamente para a Lua.

— Adeus, meus velhos amigos — havia murmurado. — Vocês fizeram um bom trabalho. Talvez alguma geração futura torne a acordá-los. Mas, em princípio, espero que não.

Ele era capaz de imaginar com perfeita clareza uma razão desesperada pela qual os conhecimentos de Halman poderiam tornar a se fazer necessários. Neste momento, com certeza, haveria alguma mensagem a caminho daquele centro de controle desconhecido, levando a notícia de que seu empregado no Europa já não existia. Com razoável sorte, levaria uns 950 anos, mais ou menos, para que se pudesse esperar uma resposta.

Muitas vezes Poole amaldiçoara Einstein no passado; nesse momento o bendizia. Nem mesmo os poderes que estavam por trás dos Monolitos — isso agora parecia certo — eram capazes de disseminar sua influência com velocidade superior à da luz. Portanto, a espécie humana deveria ter quase um milênio para se preparar para o próximo encontro — se houvesse algum. Nessa ocasião, talvez estivesse mais bem preparada.

Havia alguma coisa emergindo do túnel — o robô semi-humanóide, montado sobre trilhos, que levava o tablete para dentro da Caixa-Forte. Era quase cômico ver uma máquina enfiada no tipo de traje de isolamento usado para proteger de germes mortíferos — e justamente ali, na Lua sem oxigênio! Mas ninguém se dispunha a correr nenhum risco, por mais improvável que se afigurasse. Afinal, o robô havia circulado por entre aqueles pesadelos cuidadosamente isolados, e, ainda que tudo parecesse estar em ordem, segundo suas câmeras de vídeo, havia sempre a possibilidade de que algum frasco tivesse vazado, ou de que a vedação de alguma lata se houvesse rompido. A Lua era um ambiente muito estável, mas, ao longo dos séculos, conhecera muitos abalos sísmicos e impactos de meteoros.

O robô fez uma parada a cinqüenta metros da saída do túnel. Lentamente, a tampa maciça que fechava a abertura voltou para o lugar e começou a girar em sua rosca, como um gigantesco

parafuso sendo enfiado na montanha.

— Todos os que não estão usando óculos escuros, queiram fechar os olhos ou afastá-los do robô! — disse uma voz urgente pelo rádio do Lunamóvel. Poole girou em seu assento, bem a tempo de ver uma explosão de luz sobre o teto do veículo. Quando tornou a olhar para Pico, tudo o que restava do robô era uma pilha de escória reluzente; mesmo para quem havia passado boa parte da vida cercado pelo vácuo, parecia um completo absurdo que não houvesse rolos de fumaça erguendo-se dele numa lenta espiral.

— Esterilização concluída — disse a voz do Controle da Missão. — Obrigado a todos. Voltando para a Cidade de Platão.

Que ironia que a raça humana tivesse sido salva pelo uso habilidoso de suas próprias loucuras! Que moral, perguntou-se Poole, se poderia extrair disso?

Voltou os olhos para a bela Terra azul, encolhida sob seu surrado cobertor de nuvens para se proteger do frio do espaço. Lá, dentro de poucas semanas, ele esperava embalar seu primeiro neto.

Quaisquer que fossem os poderes e potentados que espreitavam para além das estrelas, lembrou Poole a si mesmo, só havia duas coisas importantes para os seres humanos comuns: o Amor e a Morte.

Seu corpo ainda não envelhecera cem anos: restava-lhe bastante tempo para os dois.

## Epílogo

"O pequeno universo deles é muito jovem e seu deus ainda é criança. É cedo demais para julgá-los; quando Nós voltarmos nos Dias Finais, consideraremos o que deve ser salvo."

F I M